

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

RENATO RODRIGUES PEREIRA

**A TOPONÍMIA DE GOIÁS: EM BUSCA DA DESCRIÇÃO DE NOMES DE
LUGARES DE MUNICÍPIOS DO SUL GOIANO**

Campo Grande – MS
Agosto - 2009

RENATO RODRIGUES PEREIRA

**A TOPONÍMIA DE GOIÁS: EM BUSCA DA DESCRIÇÃO DE NOMES DE
LUGARES DE MUNICÍPIOS DO SUL GOIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Área de concentração Lingüística e Semiótica, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CCHS, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

**Campo Grande – MS
Agosto-2009**

RENATO RODRIGUES PEREIRA

**A TOPONÍMIA DE GOIÁS: EM BUSCA DA DESCRIÇÃO DE NOMES DE LUGARES DE
MUNICÍPIOS DO SUL GOIANO**

APROVADA POR:

Prof^a. Dr^a. Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick
Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr^a. Raimunda Madalena Araujo Maeda
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Campo Grande, MS, 25 de agosto de 2009.

Dedico este trabalho a Deus, meu sustentáculo, aos meus pais Ginacé, Eurípedes e à minha irmã Simone, pelo apoio, carinho, compreensão e incentivo que sempre deles pude contar nas horas de fraqueza.

AGRADECIMENTOS

Manifesto aqui os meus mais sinceros agradecimentos a todas as pessoas que direta ou indiretamente me auxiliaram na realização deste objetivo. Em especial, agradeço:

a Deus, que sempre me guiou e orientou nos momentos de alegria e de tristeza. Por mais duras que foram as batalhas e impedimentos, consegui vencê-las e superá-las, encontrando aconchego em suas palavras e ensinamentos;

à minha orientadora, Dra. Aparecida Negri Isquero, por apresentar os melhores caminhos a serem seguidos na execução do trabalho e pela prestimosa dedicação na orientação, sempre com palavras sábias e incentivadoras. A essa mulher guerreira, grande amiga, exemplo a ser seguido, meus sinceros agradecimentos;

às professoras Doutoras Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick e Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pelas contribuições fornecidas por ocasião do Exame de Qualificação;

aos professores do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens, pelos conhecimentos transmitidos e pela compreensão e apoio na fase inicial do Curso, quando enfrentei problemas sérios de saúde;

à secretária do Programa, Daniela Loureiro, pela atenção e dedicação a mim dispensadas durante o período do Curso;

à professora doutora Maria Adélia Menegazzo, pela compreensão e apoio frente a imprevistos ocorridos na fase de seleção e problemas de saúde enfrentados no período inicial do curso, cuja superação dependeu do bom senso que orientou suas ações enquanto coordenadora do Programa;

à Professora Ana Paula Tribesse Patrício Dargel, pela força e incentivo que tem me dispensado desde a época do curso de graduação, quando me orientou nos primeiros passos rumo aos estudos toponímicos. Obrigado pelo material emprestado, pela disposição dos dados toponímicos do Bolsão Sul-mato-grossense, pelas longas conversas em nossos poucos encontros, pelas palavras de consolo e ânimo nos momentos precisos;

à Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, coordenadora do Projeto ATEMIG, por disponibilização dos acervo toponímico dos municípios do Triângulo Mineiro;

à coordenação do Projeto ATEMS pela disponibilização do banco de dados e orientações metodológicas do Projeto ao qual esta dissertação está vinculada;

ao senhor Bianor Vicente Souza Neto, pela paciência na construção do banco de dados para registro dos dados desta pesquisa;

ao senhor Rogeovany Mauro da Silva, geógrafo que construiu a base das cartas toponímicas, que integram este trabalho, pela paciência e prontidão no atendimento às minhas solicitações;

à amiga Luciene Gomes Freitas, pela prestimosa dedicação e profissionalismo na finalização do trabalho de digitalização das cartas toponímicas que integram este trabalho;

à amiga Ana Cláudia Castiglioni (Aninha), pela inexplicável afinidade que, desde o período da faculdade, transformou-se em uma sólida e eterna amizade;

a todos os colegas do Curso de Mestrado, em especial a Marigilda, pelo apoio e amizade que sempre tem me prestado nos dois últimos anos de conquistas;

ao meu cunhado Valdecy de Assis, pela assessoria técnica em informática e solidariedade dispensada durante todo o período de realização desta pesquisa;

aos meus familiares, pela paciência e compreensão durante essa jornada de estudos, como forma de escusas pela minha ausência nos últimos dois anos;

ao amigo Heraldo, cidadão caçuense, morador de Campo Grande/MS que, na época do cumprimento dos créditos das disciplinas, dispôs de sua casa para minha estadia;

a todos os amigos que me ouviram com paciência nos momentos de angústia, pelo companheirismo e compreensão dispensados.

Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão, perder com classe e viver com ousadia, pois o triunfo pertence a quem se atreve, e a vida é muito bela para ser insignificante.

(Charles Chaplin)

RESUMO

Esta pesquisa centrou-se no estudo dos nomes dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis - GO. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos: inventariar os topônimos a partir de mapas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de escalas 1:100.000, classificando-os de acordo com as taxionomias propostas por Dick (1992); analisar o acervo toponímico inventariado em termos de motivação designativa, língua de origem dos topônimos e estrutura formal do sintagma toponímico. Além disso, o trabalho teve como propósito realizar um estudo comparativo entre os topônimos analisados nesta pesquisa com os da região do Bolsão Sul-mato-grossense (DARGEL, 2003) e com os de 11 municípios do Triângulo Mineiro (Projeto ATEMIG). Orientaram a pesquisa duas hipóteses: i) a toponímia do universo pesquisado incorpora particularidades sócio-linguístico-culturais, históricas e geográficas da região a que pertence e, ii) existência de uma possível “isoglossa toponímica”, na região de fronteira de Goiás com os Estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. A análise dos dados foi orientada pelos princípios teórico-metodológicos da Toponímia e de disciplinas afins, fundamentalmente, o modelo teórico proposto por Dick (1992). A pesquisa dos 941 topônimos da microrregião de Quirinópolis revelou a predominância de nomes descritivos do ambiente físico, destacando-se como mais produtivos os *fitotopônimos*, os *hidrotopônimos*, os *zootopônimos* e os *litotopônimos*. Já dentre os topônimos de natureza antropocultural, destacaram-se os *antropotopônimos*. Os resultados apontaram ainda a predominância de topônimos de origem portuguesa e de estrutura morfológica simples no universo estudado. O estudo comparativo da toponímia da região de fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, por sua vez, considerou as cinco taxionomias mais produtivas nas três áreas estudadas, além dos estratos linguísticos formadores de topônimos e dos designativos formados com sufixo diminutivo. Os resultados desse eixo de análise evidenciaram a influência das características físicas do espaço circundante na nomeação dos lugares, apontando como mais produtivas nessa área de fronteira as seguintes taxionomias de natureza física: *fitotopônimos*, *hidrotopônimos*, *zootopônimos*, *litotopônimos* e *geomorfotopônimos*. Já dentre os topônimos de natureza antropocultural predominaram os *ergotopônimos* (nomes que remetem a produtos da cultura) e os *antropotopônimos*. O exame da base linguística dos topônimos dessas áreas fronteiriças referendou o resultado da pesquisa específica com os topônimos dos municípios da microrregião de Quirinópolis, confirmando a predominância de nomes de base portuguesa. A significativa presença de topônimos formados com sufixos diminutivos confirmou a influência de fatores de cunho regional na toponímia, no caso, uma marca do falar mineiro que se reflete na variante linguística do Sudoeste de Goiás e do Bolsão Sul-mato-grossense, regiões colonizadas por mineiros, cujo falar é bastante marcado pelo uso do sufixo diminutivo. A interface toponímica entre as três regiões estudadas gerou isoglossas toponímicas que foram mapeadas por meio de 11 cartas toponímicas, confirmando que a produtividade de determinados topônimos e/ou de processos de formação toponímica ultrapassa as fronteiras geográficas marcando áreas toponímicas distintas.

Palavras-chave: toponímia; lexicologia; Goiás; isoglossa toponímica.

ABSTRACT

This research was focused on the physical accidents designations study from microrregião of Quirinópolis (Quirinópolis area – GO – Brazil). The established objects were: to catalogue toponyms from official maps by IBGE (Statistics and Geography Brazilian Institute), scales 1:100.000, classifying them according Dick's taxonomy proposition (1992); to analyze the catalogued toponyms and their toponymic motivations, toponyms original language and their formal structure. Furthermore, this work had as purpose to accomplish a comparative study between the analyzed toponyms on this work and the Bolsão Sul-mato-grossense (East of Mato Grosso do Sul) area toponyms (DARGEL, 2003), and also 11 Triângulo Mineiro (West of Minas Gerais) area toponyms (Projeto ATEMIG). The research was based on two hypothesis: i) the toponyms analyzed incorporate social-cultural-linguistics, geographic and historic particularities from the region that pertain; ii) the probable existence of a "toponymic isogloss" on the borderline area of Goiás, Minas Gerais and Mato Grosso do Sul. The data analysis was led by Toponymy theoretical-methodologic elements and similar disciplines. Primarily, the taxonomic model of toponyms classification by Dick (1992). The research of 941 Quirinópolis area toponyms revealed the dominance of descriptive names for physical environment, distinguishing in productivity the *phytotoponyms*, *hydrotoponyms*, *zootoponyms* and *lytotoponyms*. Already between the antropocultural toponyms, distinguished the *antropotoponyms*. The results showed the dominance of Portuguese - based toponyms and their simple morphological structure. The comparative toponymic study of borderline area between Goiás, Minas Gerais and Mato Grosso do Sul considered the five most productive taxonomies on these areas, beyond the former linguistic extract of the analyzed toponyms and the names formed by diminutive suffix. The results from this area of the study substantiated the physical characteristics influence in the names, showing as most productive on this borderline area these physical essence taxonomies: *phytotoponyms*, *hydrotoponyms*, *zootoponyms*, *lytotoponyms* and *geomorphotoponyms*. Already between the antropocultural essence toponyms prevailed the *ergotoponyms* (names that remit to cultural product) and the *antropotoponyms*. The analysis of the toponyms linguistic base from these areas sustained the specific research result about Quirinópolis area toponyms, confirming the dominance of Portuguese-based names. The revealing presence of toponyms formed by diminutive suffixes confirmed the regional elements influence on the Toponymy, in this case, a speech mark of Minas Gerais people, reflected on the linguistic variant from Southwest of Goiás and East of Mato Grosso do Sul, regions settled by Minas Gerais people, whose speech is so marked for diminutive suffixes. The toponymic interfaces between the three studied areas created toponymic isoglosses, that were surveyed through 11 toponymic letters, confirming that the productivity of some toponyms and toponymic formation process transcend the geographic borders marking different toponymic areas.

Keywords: Toponymy, Lexicology, Goiás, toponymic isogloss.

LISTA DE FIGURAS

Mapa 1 – Divisão dialetal do Brasil proposta por Antenor Nascentes (1953).	49
Mapa 2 – Estado de Goiás em mesorregiões e microrregiões.	53
Mapa 3 - Bacia hidrográfica do rio Paranaíba.	56
Figura 1 – A Partida da Monção (obra de Almeida J., publicada no Museu Paulista).	58
Mapa 4 – Rota das bandeiras de apresamento.	60
Figura 2 - A lida dos índios no processo de colonização.	62
Mapa 5 – Mapa etnográfico com destaque para a localização dos índios Kayapó no estado de Goiás até meados do século XIX.	63
Mapa 6: Microrregião de Quirinópolis, região do Bolsão Sul-mato-grossense e municípios do Triângulo Mineiro.	66
Mapa 7 – Localização geográfica da microrregião de Quirinópolis no Estado de Goiás.	69
Gráfico I – Taxionomias dos nomes dos municípios da microrregião de Quirinópolis.	135
Gráfico II - Distribuição percentual dos topônimos, segundo a natureza das categorias taxionômicas.	139
Gráfico III – Taxes toponímicas dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis.	141
Gráfico IV – Distribuição percentual das cinco taxes mais produtivas na toponímia da microrregião de Quirinópolis.	142
Gráfico V – Distribuição dos topônimos rurais da microrregião de Quirinópolis, segundo a língua de origem.	152
Gráfico VI – Distribuição percentual dos topônimos da microrregião de Quirinópolis em termos de estrutura morfológica.	158

Gráfico VII – Distribuição dos topônimos de base portuguesa, indígena e africana na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG). **163**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Identificação das folhas topográficas do IBGE dos municípios pesquisados (escala: 1:100.000).	70
Quadro 2 – Topônimos referentes à nomenclatura dos municípios da microrregião de Quirinópolis.	74
Quadro 3 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Caçu.	75
Quadro 4 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Lagoa Santa.	86
Quadro 5 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Itajá.	88
Quadro 6 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Itarumã.	94
Quadro 7 – Topônimos dos acidentes físicos do município de São Simão.	103
Quadro 8 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Paranaiguara.	105
Quadro 9 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Quirinópolis.	111
Quadro 10 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Gouvelândia.	123
Quadro 11 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Cachoeira Alta.	126
Quadro 12 – Fitotopônimos mais produtivos na microrregião de Quirinópolis/GO.	144
Quadro 13 – Distribuição quantitativa das 5 (cinco) taxionomias mais produtivas na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).	161
Quadro 14 – Distribuição numérica de africanismos na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).	164
Quadro 15 – Distribuição numérica de topônimos de base indígena na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).	166

Quadro 16 – Produtividade de topônimos formados com sufixo diminutivo na microrregião de Quirinópolis (GO), no Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e no Triângulo Mineiro (MG). **173**

Quadro 17 – Distribuição quantitativa dos estratos lingüísticos evidenciados na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro. **195**

LISTA DE ABREVIATURAS

ATB	Atlas Toponímico do Brasil	LT	Língua tupi
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul	NA	Nome anterior
ATEMIG	Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais	NE	Não-encontrada
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo	NC	Não-classificada
ATITO	Atlas Topoímico Indígena do Tocantins	UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
BSM	Bolsão sul-mato-grossense	UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFG	Universidade Federal de Goiás	UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	TN	Tradução nossa
FUNDECT	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul	AF	Acidente físico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	AH	Acidente Humano
LA	Língua africana	LP	Língua portuguesa
LC	Língua caiapó	MS	Mato Grosso do Sul
GO	Goiás	MG	Minas Gerais

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	i
LISTA DE QUADROS	ii
LISTA DE ABREVIATURAS	iii
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS	23
1.1 Conceituação e importância da Toponímia	23
1.2 Os precursores da Toponímia	29
1.3 O Topônimo: definição, função e estrutura	35
1.4 Modelos de classificação dos topônimos: algumas contribuições	38
1.5 Interfaces entre Toponímia e Dialectologia	45
CAPÍTULO II - ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO ESTADO DE GOIÁS	52
2.1 Aspectos geográficos	52
2.2 O descobrimento de Goiás	57
2.3 O colonizador, as bandeiras e os índios kayapó do Sul	60
2.4 Atividades econômicas no estado de Goiás	64
2.5 Microrregião de Quirinópolis e sua relação com estados circunvizinhos	65
Capítulo III – Apresentação do <i>corpus</i>	69
Capítulo IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	134
4.1 Toponímia urbana – o nome do município.	134
4.2 Toponímia rural – o nome dos acidentes físicos	138
4.2.1 Topônimos de acordo com a natureza das taxionomias - física e antropológico-cultural	138

4.2.2 Taxionomias toponímicas da microrregião de Quirinópolis	140
4.2.3 Taxionomias mais produtivas da microrregião de Quirinópolis	142
4.2.3.1 Fitotopônimos	142
4.2.3.2 Hidrotopônimos	145
4.2.3.3 Zootopônimos	148
4.2.3.4 Antropotopônimos	149
4.2.3.5 Litotopônimos	150
4.2.4 Língua de origem dos topônimos	152
4.2.5 Estrutura morfológica dos topônimos	157
CAPÍTULO V - INTERFACES ENTRE A TOPONÍMICA DOS MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DE QUIRINÓPOLIS, DO BOLSÃO SUL-MATO-GROSSENSE E DO TRIÂNGULO MINEIRO	160
5.1 Taxionomias toponímicas mais produtivas nas fronteiras de Goiás, de Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais	161
5.2 Estratos linguísticos na toponímia da fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais	162
5.3 Topônimos formados com sufixo diminutivo na toponímia da fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais	170
5.4 – Esboço de cartas toponímicas com representação areal tripartite	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
REFERÊNCIAS	197

INTRODUÇÃO

Ao nomear seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente, utilizando os nomes próprios de lugares, os topônimos, signos linguísticos que possuem uma carga significativa que possibilita, ao estudioso da linguagem, estudar seus aspectos linguísticos e extralinguísticos, haja vista que a Toponímia, ciência que se ocupa do estudo dos nomes próprios de lugares, tem uma dimensão interdisciplinar, o que permite ao estudioso considerar no estudo dos topônimos, além das informações linguísticas, dados históricos, geográficos, antropológicos e sociológicos relacionados ao universo de nomes em estudo.

Dick (1992, p. 119), toponimista brasileira, assinala que a Toponímia é o estudo dos designativos geográficos em sua bipartição física (rios, córregos, ilhas, morros) e humana (aldeias, povoados, cidades, fazendas). Para essa mesma pesquisadora, reserva-se à Toponímia

o direito de se apresentar também como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras. Assim é que os elementos mais diferenciadores da mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo em face das condições ambientais de vida, que condicionam a sua percepção do mundo, estão representados nos nomes de lugares, senão todos, pelo menos os mais flagrantes (DICK, 1992, p. 119).

Desse modo, a pesquisa toponímica configura-se como um estudo de caso, já que trabalha, primeiramente, com o que está mais próximo, ou seja, o grupo/homem que pensou o nome e designou um lugar no espaço, utilizando-se, para tanto, as palavras da língua.

Ao utilizar signos linguísticos do acervo lexical de uma língua para nomear um lugar, o homem manifesta sua cultura, seu comportamento, a história de seu povo. Pela língua, então, pode-se investigar determinado grupo social, uma vez que ela resulta do reflexo das características sócio-linguístico-culturais de uma sociedade.

Ao valorizar a dimensão social da linguagem, Sapir (1969, p. 20-26) assinala que “... a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. [...] a língua é, antes de tudo, um produto cultural ou social, e assim deve ser entendida”. Para o autor, a língua modela o modo de ver, ouvir e sentir o mundo, ou seja, os hábitos linguísticos de uma determinada comunidade predis põem certas escolhas de interpretação. Assim, até atos simples de percepção estão à mercê dos padrões sociais que se chamam palavras (SAPIR, 1969, p. 21).

Dessa maneira, a língua torna-se um veículo de manifestações dos processos sociais, que pode ser a expressão de uma coletividade. Ela é modelada pela maneira de perceber, sentir e ouvir o mundo de um determinado grupo social. Ou seja, de acordo com a realidade de cada comunidade, há a escolha de determinadas maneiras de expressão e, por consequência, a escolha das denominações dos lugares. Pelo estudo dos topônimos, uma parcela do léxico da língua, pode-se conhecer a ideologia, a cultura, os valores, as crenças de uma comunidade.

Este trabalho apresenta o resultado final da pesquisa de dissertação de Mestrado sobre *A Toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do Sul Goiano*, produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UFMS/CCHS, que focaliza o estudo dos topônimos dos acidentes físicos dos nove municípios da microrregião de Quirinópolis/GO, que faz divisa com Mato Grosso do Sul e com Minas Gerais: *Cachoeira Ata, Caçu, Gouvelândia, Itajá, Itarumã, Lagoa Santa, Paranaiguara, Quirinópolis e São Simão*. Centrada nos topônimos de natureza física (córrego, rio, ilha, lagoa, ribeirão, lago, cachoeira, etc.) da microrregião estudada, esta pesquisa configura-se como um primeiro estudo sistemático da toponímia de Goiás, do ponto de vista linguístico, e representa uma primeira iniciativa em prol de um futuro Atlas toponímico desse Estado da região Centro-Oeste¹.

Acresce-se ainda que, com o estudo toponímico dessa microrregião, esta pesquisa traz à tona também aspectos da relação entre língua, cultura e sociedade, manifestada na maneira das pessoas nomearem o espaço geográfico onde vivem. No estudo da língua, é de fundamental importância o desvendar de aspectos da cultura para uma melhor compreensão da relação do homem com o mundo que o circunda. Biderman (1998, p. 89), ao focalizar a relação do homem com a realidade, pondera que

os critérios de classificação usados para classificar os objetivos são muito diferenciados e variados. Às vezes, o critério é o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante.

¹ No estado de Goiás, a única pesquisa toponímica a que tivemos acesso foi realizada quando, em homenagem ao aniversário de Goiânia, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás promoveu, no dia 21 de outubro de 2006, o evento “Sábados da Toponímia: história dos nomes de Goiânia e de Goiás”, com as palestras “A escolha do nome ‘Goiânia’ para a Nova Capital do Estado: história de um concurso” e “O processo de fixação dos nomes dos primeiros setores de Goiânia”. Trabalho disponível no site <http://www.adufg.org.br/noticias.php?idmateria=893&idkink=1&day=19&month=10&year=2006>. Acesso em 16 de junho de 2007.

Desse modo, o homem cria o léxico que acaba por constituir-se numa forma de registrar o conhecimento do universo, já que, ao mesmo tempo em que nomeia, também classifica os referentes (BIDERMAN, 1998, p. 91).

O estudo do ato de nomear pessoas e lugares é objeto de estudo da Onomástica, que é subdividida em dois ramos de investigação: Antroponímia – estudo de nomes próprios de pessoas – e Toponímia – estudo do nome próprio dos lugares. Nessa perspectiva, pelo estudo dos nomes atribuídos aos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis, esta pesquisa buscou recuperar aspectos sociais, linguísticos e culturais que influenciaram o denominador/designador no ato de batismo dos acidentes geográficos.

O embasamento teórico-metodológico relativo à Toponímia foi buscado, fundamentalmente, nos trabalhos de Dick, citados ao longo deste trabalho, que são referências obrigatórias para os estudos toponímicos no Brasil. Além disso, fundamentam este estudo as contribuições teóricas fornecidas pela Lexicologia, pela Etnolinguística, pela Dialectologia e pela Semântica, bem como informações sobre a história de Goiás, em especial sobre a microrregião de Quirinópolis, obtidas em livros de história e em sites especializados, como o do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A proposta desta dissertação centrou-se no estudo da toponímia rural – acidentes físicos e urbana – nomes dos municípios da microrregião de Quirinópolis. Para tanto, teve como meta inventariar os topônimos a partir de mapas oficiais do IBGE, com escala 1:100.000 e classificá-los de acordo com as taxionomias propostas por Dick (1992); identificar e registrar a língua de origem dos topônimos da região a ser pesquisada, com a função de resgatar o(s) estrato(s) linguístico(s) predominante(s) na toponímia da microrregião em estudo; analisar as taxionomias de topônimos mais produtivas com vistas a recuperar condicionantes de natureza sócio-ambiental que motivaram a origem do topônimo; descrever os topônimos do ponto de vista linguístico, enquanto signo de língua (estrutura formal, motivação semântica, etimologia...); contribuir com dados para o projeto ATB por meio de mais um trabalho a respeito da toponímia brasileira.

Para o alcance dos objetivos propostos, foram estabelecidas duas hipóteses: i) a toponímia da microrregião de Quirinópolis incorpora características sócio-linguístico-culturais, históricas e geográficas da região a que pertence e, ii) possível existência de uma “isoglossa toponímica²”, na região de fronteira de Goiás com Mato Grosso do Sul (Bolsão) e com Minas Gerais (Triângulo Mineiro).

² Para a definição e o tratamento de *isoglossa toponímica*, buscamos subsídios teóricos na Dialectologia, assunto tratado no item 1.5 deste trabalho.

Os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa não foram apresentados em um capítulo específico. Ao contrário, dispomo-los no decorrer do texto sempre que a abordagem de um novo tópico exigiu esclarecimentos de natureza metodológica.

Buscando melhor contextualizar este trabalho, apresentamos, a seguir, uma síntese do que foi tratado em cada capítulo.

O primeiro capítulo – *Fundamentos teóricos* – trata das bases teóricas que sustentam o estudo proposto, sintetizando princípios teóricos sobre a Toponímia, como a conceituação e importância dessa área de investigação; precursores dos estudos toponímicos; definição, função e estrutura do topônimo; algumas considerações sobre modelos de classificação de topônimos e interfaces entre Toponímia e Dialectologia.

No segundo capítulo – *Aspectos históricos e geográficos do Estado de Goiás* – são recuperadas informações acerca da história e da geografia da região pesquisada; da relação entre a microrregião de Quirinópolis e os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, com o objetivo de contextualizar a área investigada e buscar informações que possam contribuir para o entendimento de características recorrentes na nomenclatura onomástica da região.

No terceiro capítulo – *Apresentação do corpus* – são explicitados, primeiramente, os procedimentos metodológicos adotados na etapa de catalogação, classificação e organização dos dados, indicando as fontes utilizadas para o inventário e classificação dos topônimos e os critérios adotados para a apresentação dos dados, de forma sistematizada, em quadros separados por município.

O quarto capítulo – *Análise e discussão dos dados* – apresenta a análise dos topônimos do ponto de vista da classificação taxionômica, da língua de origem e da estrutura morfológica, além da análise da motivação das cinco taxionomias de topônimos mais produtivas no universo pesquisado.

O quinto e último capítulo - *Interfaces entre a toponímica dos municípios da microrregião de Quirinópolis, do Bolsão Sul-mato-grossense e do Triângulo Mineiro* – apresenta estudo comparativo da toponímia dos municípios da área de fronteira de Goiás com Mato Grosso do Sul e com Minas Gerais. Além da análise dessa toponímia em termos de taxionomias mais produtivas, língua de origem e topônimos formados com o sufixo diminutivo, o capítulo traz um *esboço de cartas toponímicas com representação areal tripartite* que tem como objetivo demonstrar as “isoglossas toponímicas” (áreas de

realização de um mesmo fenômeno toponímico nas três regiões de fronteira), estabelecidas a partir da análise da toponímia da região fronteira entre os três Estados selecionados.

Na sequência, são apresentadas as *Considerações Finais*, que resumem os resultados alcançados ao término da pesquisa, seguidas das *Referências* com o registro do acervo bibliográfico referenciado e consultado para subsidiar a pesquisa.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Para a realização de um estudo onomástico, na perspectiva toponímica, é necessário recorrer a bases teóricas específicas que fundamentem a interpretação dos topônimos e, também, a uma metodologia de trabalho que permita um estudo sistemático desses topônimos, como signos linguísticos. O método empregado nesta pesquisa combina a leitura documental e a investigação de campo, quando necessário, vinculado à indução e à dedução, seguindo os “procedimentos onomasiológico-semasiológicos característicos da pesquisa do léxico” (DICK, 2006, p. 98), ou seja, a investigação parte do nome para o significado. Desse modo, este estudo possibilita ao pesquisador conhecer também aspectos do sistema linguístico no âmbito da toponímia, investigando as estruturas e as motivações de um designativo de lugar.

Os topônimos, além de servirem como indicadores espaciais, refletem características físicas e sociais da sociedade a que pertencem, por isso mantêm relações com os usos e costumes dessa sociedade. Do ponto de vista linguístico, o estudo da toponímia permite ainda o resgate de topônimos originados de diversos estratos linguísticos. Nesse particular, Dick (1999, p. 121) esclarece que

a Toponímia, principalmente, serve-se dessas circunstâncias de base, equivalente ou próximo a um substrato vocabular, para aí deitar suas raízes, aproveitando-se do material linguístico que se adéqüe à configuração dos conceitos que deve transmitir. Uma nomenclatura local ou uma cadeia onomástica que interage com vários segmentos culturais, num aparato semiótico de relações e procedências diversas, constitui, realmente, uma base de pesquisa linguística altamente produtiva.

No item seguinte deste capítulo, discutimos a conceituação da toponímia como área de pesquisa linguística, destacando a sua importância para os estudos onomásticos.

1.1 Conceituação e importância da Toponímia

Etimologicamente, a palavra toponímia corresponde à combinatória das palavras gregas *topos* (lugar) e *onoma* (nome), significando “o nome de lugar” ou, melhor dizendo, ciência que se ocupa do estudo da origem e da significação dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, abrangendo os de natureza física e os de natureza antropocultural. Dick (1992, p. 119) postula que a Toponímia é “um imenso complexo línguo-cultural, em

que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. Salazar-Quijada (1985, p. 18), por sua vez, define a Toponímia como “aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antro-po-lingüísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista”³.

Percebe-se que as definições apresentadas pelos dois pesquisadores se complementam, à medida que ambas postulam o fato de um estudo toponímico favorecer o conhecimento do significado e da motivação do nome do lugar, por considerar as relações sociais, linguísticas e culturais que se estabelecem entre o universo pesquisado e o nome propriamente dito – o topônimo.

Nesse contexto, Dick (1990, p. 35-36) ressalta que, como ramo da Onomástica, importa à Toponímia estudar a significação dos nomes de lugares, considerando aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que motivaram o surgimento desses nomes e sua subsistência.

A Toponímia é, portanto, uma disciplina vinculada à ciência linguística que tem como objetivo investigar o léxico toponímico de uma região, considerando-o como expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais de um determinado grupo social existente ou preexistente na área geográfica que abriga o topônimo. Propõe um resgate da atitude do homem no ato de nomeação do meio ao qual pertence (DICK, 1990, p.36).

O estudo da toponímia pode, pois, evidenciar também a inter-relação entre homem, ambiente, língua e cultura tão bem defendida por Sapir, para quem a língua de um povo é influenciada pelo ambiente:

tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo “ambiente” tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, flora e os recursos minerais. Por fatores sociais entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1969, p. 44).

Embora Sapir não se refira diretamente à toponímia, suas constatações aplicam-se ao estudo da nomenclatura geográfica de uma localidade, uma vez que os topônimos, signos linguísticos – unidades de língua enriquecidas evidenciam fortes características físicas e

³ “Aquele ramo da Onomástica que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos, que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e exista” (TN = tradução nossa).

sociais de um espaço geográfico e conduzem o pesquisador à confirmação da influência do ambiente na língua. Assinalando esse aspecto histórico-cultural, importa assinalar o ponto de vista de Dick (1990, p. 19), para quem

a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropológicos.

Observamos, então, que não se pode mais desvincular a Toponímia de outras ciências do conhecimento humano, já que é delas que ela recebe suporte epistemológico, “ao mesmo tempo em que lhes fornece subsídios preciosos para suas configurações teóricas” (DICK, 1992, p. II). Nessa perspectiva, a Toponímia “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1992, p.II). Inclusive, não se considera mais a Toponímia como disciplina completa e acabada, pois, dado o seu caráter dinâmico, vai sendo ampliada ao mesmo tempo em que se nomeiam novos espaços.

Nesse contexto, compartilhamos das palavras de Gonsalves (2004, p. 24), para quem

fato de o topônimo ser um fato da língua, a investigação desse signo em particular perpassa a Linguística, enquanto signo linguístico; a História, por se inscrever no cotidiano de um grupo, e a Geografia, pelo fato de o topônimo denominar acidentes físicos com peculiaridades e particularidades naturais do espaço geográfico em que o grupo está alocado.

Ao trabalhar com nomes de lugares de uma camada social, a investigação toponímica articula bases culturais e linguísticas de um povo, uma vez que, em uma perspectiva etnolinguística, “... o topônimo recebe influências dos estratos da linguagem falada, quais sejam as camadas portuguesas, indígena (especialmente a de origem tupi) e africana...” (DICK, 1996, p. 35). Verifica, pois, influências sofridas pelo topônimo de camadas étnicas existentes na localidade. Nesse contexto, Guizzetti (1957, apud CASADO VELARDE, 1988, p. 40) esclarece o seguinte sobre a Etnolinguística: “esta nueva ciência, que él considera interdisciplinar, estudiará ‘las relaciones entre el idioma y el grupo humano caracterizado por su comunidad cultural: la etnia’”⁴. Como se vê, a relação entre língua e cultura de um povo é nitidamente percebida pela toponímia de uma região. Daí a não desvinculação da Toponímia de outras áreas do saber, em especial da Etnolinguística.

⁴ “Esta nova ciência, que ele considera interdisciplinar, estudiará ‘as relações entre o idioma e o grupo humano caracterizado por sua comunidade cultural: a etnia’” (tradução nossa = TN).

Essa abrangência multidisciplinar remete ao fato de, desde o princípio da vida humana, ou melhor, desde a possível recuperação dos fatos da criação que podem ser alcançados pela memória humana, a nomeação ter sido uma atividade exercida pelo homem em um meio rico de possibilidades motivadoras. Desde os primórdios da humanidade já havia uma diretriz geral no processo designativo – o designador, ao nomear uma localidade com os nomes de seus possuidores, valorizava os indivíduos que ali viviam. Desse modo, manifestações linguísticas se consolidavam a partir de tendências socioculturais ligadas a períodos e a épocas distintas.

Importa destacar que, nos primórdios dos estudos toponímicos, a Toponímia, como parte da Linguística, privilegiava, em suas investigações, aspectos históricos e transformações fonéticas dos nomes, portanto, um estudo de natureza filológica. Assim, durante muito tempo, as pesquisas toponímicas seguiam uma orientação basicamente alicerçada em investigações de cunho etimológico e histórico do signo, ou seja, puramente linguístico. Entretanto, apenas esse enfoque não se mostrou suficiente, conduzindo a novos caminhos para o estudo da toponímia, considerando-se, também, em algumas circunstâncias, fatores linguísticos e extralinguísticos. Em face disso, contemporaneamente, a Toponímia assumiu novos contornos, uma vez que, como disciplina integral e dinâmica, ligada à Linguística, considera a motivação do topônimo como uma forma de o designador imprimir, no ato da nomeação, características de natureza linguística, cultural e social no designativo escolhido para identificar o espaço em questão. Desse modo, por meio da designação, o nomeador revela condicionantes ambientais que o influenciaram no ato de escolha do topônimo. Dick (1992, p. 147), nesse particular, assinala que a marca dialetológica dos estudos toponímicos que estão surgindo completam-se pela contextualização sócio-ambiental do nome e de sua adequação aos campos léxico-semânticos de nomenclatura toponomástica. Com o avanço científico das pesquisas que vêm sendo realizadas na disciplina Toponímia e a partir de modelos existentes, os pesquisadores têm desenvolvido novos mecanismos com vistas a analisar a toponímia de uma região.

Em síntese, segundo Dick (2006, p. 96), “se, anteriormente, pela sua etimologia, a Toponímia estudava o lugar, mas, conjuntamente, o espaço e o *nome do espaço*. Mudamos, portanto, o foco de análise, ou seja, de ‘Sistema toponímico’ para ‘Sistema onomástico’”. A autora esclarece que não se trata, nesse caso, de uma substituição formal, mas sim de uma “inclusão significativa”. Com isso, surgiram novas possibilidades de análise, pois a partir do estudo do lugar e pelo jogo de intercorrências significativas que apresenta, passou-se,

então, ao estudo do onoma = nome, ou dos substantivos ou palavra nocional, para abranger, dessa forma, uma gama maior e diversificada de objetos de análise. Assim, conforme Dick (2006, p. 97), a partir dessa concepção mais ampla de pesquisa, a Toponímia “poderá estudar um símbolo de uma comunidade determinada (caso do ‘relógio’ da fábrica do bairro de Jaguaré, SP, aí existente, tempos atrás)”, bem como os nomes de estabelecimentos comerciais, nomes de escolas, bens públicos, dentre outros. Observa-se que, com mais essa possibilidade de investigação focalizada na palavra sógnica, a Toponímia expandiu o seu campo de pesquisa, não perdendo o seu foco inicial – análise de documentos, reconstituição dos textos, a informação transmitida pela palavra e sua ressignificação.

Como disciplina linguística, na atualidade, a Toponímia vale-se das contribuições advindas de outras áreas, sobretudo da Lexicologia e da Semântica. Ao estudar a toponímia de uma região, o pesquisador efetua a análise lexicológica dos topônimos, utiliza modelos taxionômicos para a classificação dos designativos e os analisa numa perspectiva etnolinguística, dentre outras abordagens.

Uma das importantes constatações dos estudos toponímicos, num plano geral, é a forte resistência dos substratos linguísticos nos nomes de lugares, como é o caso da forte presença de topônimos de origem indígena na toponímia brasileira. Nesta pesquisa, por exemplo, foi detectada uma quantidade considerável de topônimos indígenas, em especial de base tupi, ratificando, assim, a importância desse povo no processo de colonização do universo pesquisado e, conseqüentemente, na nomeação de lugares.

A toponímia brasileira como um todo reúne uma grande quantidade de nomes de base indígena na nomeação de acidentes geográficos que evidenciam marcas da presença de várias etnias na nomenclatura geográfica brasileira. Um estudo toponímico, numa dimensão etnolinguística, analisa, desde a origem dos nomes, até as influências socioculturais da população que habita o espaço geográfico em estudo na forma de nomear os acidentes físicos, verificando se no momento da designação de um lugar, o designador apropriou-se de nomes cuja origem procedeu de estratos linguísticos de base portuguesa ou de outras línguas que influenciaram a formação do léxico do português brasileiro, principalmente as línguas indígenas e africanas,

Nesse contexto, merecem destaque as palavras de Dick (1992, p. 81), quando assinala que

a formação etno-histórica do Brasil acusa a existência de estratos populacionais diversos como os ameríndios, distribuídos em vários troncos e famílias. Os portugueses, os africanos e os de procedência estrangeira, já em época posterior à colonização propriamente dita, Essa origem heterogênea deixou reflexos

diferenciados na língua, nos usos e costumes, nas tradições regionais e, conseqüentemente, na toponímia do país.

Esses reflexos mencionados pela pesquisadora possibilitam, ao estudioso da toponímia, o conhecimento dos mais variados aspectos culturais das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam uma localidade. Sobre esse assunto Lima (1996, p. 422), por exemplo, assinala que

os estudos toponímicos vêm se constituindo em um caminho possível para o conhecimento dos mais variados aspectos culturais das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam uma determinada localidade. O nome atribuído a uma cidade ou acidente geográfico pode ser um elemento revelador das tendências sociais, políticas ou religiosas dos colonizadores e/ou descobridores e da época em que a nomeação ocorreu.

Nessa perspectiva, o topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade, pois ele já nasce enriquecido pela circunstância que designa, como já argumentado por Dick (1992, p. 105), ao esclarecer que, sendo o topônimo o “portador do que se poderia chamar de espírito coletivo”, traz consigo uma carga histórico-social bastante ampla.

Para o antropólogo Salazar-Quijada (1985, p. 29), “la Toponimia permite conocer las características culturales de hombres que habitaron o habitan una determinada región⁵”. Assim como na Arqueologia em que testemunhas materiais revelam o passado da humanidade, os topônimos às vezes podem ser a “única evidencia de la presencia histórica de grupos humanos en determinada area⁶” em regiões onde não há a presença de materiais arqueológicos. Assim, os designativos acabam caracterizando e particularizando um determinado território em relação a outros.

Frente ao exposto, ressaltamos que, embora o signo toponímico esteja inserido entre os demais signos do sistema linguístico, ele possui algumas particularidades que o diferenciam dos demais nomes próprios, uma vez que o topônimo, além de designar, ele significa e, por meio do estudo da sua estrutura, dados da realidade regional podem ser evidenciados.

No tópico seguinte resgatamos alguns dos precursores da Toponímia, partindo dos primeiros estudos realizados na França até pesquisas atuais no Brasil.

⁵ “a Toponímia permite conhecer as características culturais de homens que habitaram ou habitam uma determinada região” (TN).

⁶ “única evidência da presença histórica de grupos humanos em determinada área” (TN).

1.2 Os precursores da Toponímia

O ato de nomear lugares sempre foi de relevante importância para o ser humano, servindo para indicar a localização dos lugares e a orientação do homem no espaço, facilitando, assim, o seu cotidiano. Consoante Dick (1992, p. 01), os primeiros estudos toponímicos como disciplina ocorreram na Europa, mais especificamente na França, com os estudos de August Longnon, em 1878, e do curso, por ele ministrado, na École Pratique des Hautes-Études e no Colégio de França. Com a morte desse estudioso francês, alguns de seus discípulos publicaram, em 1912, a obra *Les Noms de Lieu de France*, baseada no curso ministrado por Longnon.

Em 1922, os estudos onomásticos foram retomados na mesma escola, por Albert Dauzat, um dos discípulos de Longnon, que fundou, uma década depois, a *Revue des Études de Toponymie* com uma bibliografia crítica, de região por região, das fontes e dos trabalhos publicados que incluíram pesquisas dos historiadores, geógrafos e linguistas europeus sobre nomes antigos de lugares. Nesse contexto, surgem novas perspectivas teóricas para orientar as pesquisas toponímicas. Compartilhamos, nesse particular, da posição de Gonsalves (2004, p. 21), quando assinala que Dauzat (1922), ao retomar os estudos onomásticos de Longnon (1912), realizou uma pesquisa bem detalhada sobre a formação dos nomes de lugares da França, dividindo-os em categorias de nomes de acordo com causas históricas. Esses estudos estão registrados no livro *Les Noms de Lieux Origine et Evolution: Villes et villages – pays-cours d’eau montagnés – lieux-dits*, que apresenta uma proposta de sistematização para as pesquisas na área, à medida que traçou normas para a realização desse tipo de investigação (DICK, 1992, 01-02). Nessa obra, uma das maiores preocupações de Dauzat foi o estudo da etimologia e a reconstituição histórica de cada topônimo investigado, uma vez que na sua concepção, “Les noms de lieux ont été formés par la langue parlée dans la région à l’époque de leur création, et ils se sont transformés suivant les lois phonétiques propres aux idiomes qui, Le cãs échéanu, ont pu supplanter tour à tour l’idiome originaire” (DAUZAT, 1926, p. 03)⁷.

Outro aspecto salientado por Dauzat foi a presença do pensamento coletivo da sociedade na toponímia, ao considerar que certas nomeações são espontâneas, quando, por exemplo, um rio, uma cachoeira, um aglomerado é denominado pela voz pública. Segundo esse estudioso, “isso foi sempre o caso mais freqüente”, pois “o procedimento mais

⁷ - “Os nomes de lugares foram formados pela língua falada à época de sua criação, e eles são transformados segundo as leis fonéticas próprias nos idiomas que eventualmente puderam suplantam o idioma originário” (TN).

natural é o de designar o lugar a partir de uma de suas particularidades geográficas mais marcantes” (DAUZAT *apud* DICK, 1992, p. 49).

Outra questão destacada por Dauzat é a dificuldade enfrentada pelo pesquisador em toponímia na busca de esclarecimentos quanto à origem do nome do lugar. Para ele,

la classification des noms de lieux est assez délicate. S’il existe des séries que la logique group aisément, on passe constamment, comme pour les noms de personnes, d’une série à l’autre ou cours de l’évolution du langage. Une ville peut tirer son nom d’une rivière ou vice versa, un territoire d’une ville, un village d’un terroir, un terroir comme une localité d’un accident de terrain. Les frontières sont souvent plus indéfinies qu’en anthroponymie: il est impossible, par exemple, de trouver une délimitation entre les noms de terroir et ceux des accidents de terrain, Qui sont toujours amalgamés (DAUZAT, 1926, p. 09)⁸.

Importa assinalar ainda que, em 1938, Dauzat organizou o *I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia*, do qual participaram representantes de vinte e um países, propondo, também, realizações periódicas de congressos internacionais de Toponímia e Antroponímia; a organização de uma Sociedade Internacional de Toponímia e Antroponímia; a criação de departamentos oficiais para a elaboração de glossários de nomenclatura geográfica, nos países que não possuíssem e sistematização dos processos de pesquisa (DICK, 1992, p. 1).

Pelo exposto, pode-se perceber que foram as investigações desses dois franceses – Longnon (1878) e Dauzat (1922) – que despertaram o interesse de estudiosos franceses pela toponímia, estendendo-se a outros países da Europa e de outros continentes.

Em Portugal, por exemplo, o filólogo Leite de Vasconcellos (1931) contribuiu sobremaneira com os estudos onomásticos da realidade portuguesa. Em sua obra clássica, *Opúsculos – vol. III: Onomatologia*, um trabalho sobre a onomástica portuguesa, dedica um aparte à Antroponímia e outro à Toponímia. Nessa obra, o autor conceitua Toponímia, apresenta um estudo da origem do topônimo classificado por línguas, transformações fonéticas e formação gramatical do topônimo, além de propor a divisão de categorias dos nomes segundo as causas denominativas (VASCONCELLOS, 1931, p. 03).

Na Europa russa, segundo Dick (1992, p. 03), Pospelov faz uma retrospectiva da toponímia da antiga União Soviética, quando cita três modelos de orientação seguidos pelos pesquisadores: “a – problemas gerais de teoria toponímica e de métodos de pesquisas

⁸ - “A classificação dos nomes de lugares é bastante delicada. Se há séries que a lógica comodamente agrupa, passa-se constantemente, como nos nomes de pessoas, de uma série à outra ou curso de evolução da língua. Uma cidade pode ter seu nome originado de um rio ou vice-versa, um território de uma cidade, um vilarejo de um aspecto do terreno, um terreno como uma localidade de um acidente geográfico. As fronteiras são muito mais indeterminadas que na Antroponímia: é impossível, por exemplo, obter uma delimitação entre os nomes do terreno e os acidentes geográficos, que estão sempre amalgamados” (TN).

geográficas; b – os nomes geográficos a URSS; c – nomes geográficos de países estrangeiros”, salientando ainda uma maciça produção na área.

Já no continente americano, Dick (1992, p. 2) destaca os Estados Unidos e o Canadá, como representantes dos estudos toponímicos atuais por meio da atuação de diversos estudiosos e de órgãos responsáveis. A Revista *Names*, publicação oficial de *American Name Society* (1951), por exemplo, tem como alguns de seus objetivos:

o estudo da etimologia, da origem, do significado e da aplicação de todas as categorias de nome: geográfico, pessoal, científico, comercial e popular, e a divulgação desses resultados, assim como ‘tornar o povo americano’ consciente do interesse e da importância dos nomes em todos os campos do saber humano e em todas as disciplinas ministradas das escolas e em colégios (DICK, 1992, p.2).

A revista *Names* contou ainda com George Stewart, um de seus mais conhecidos colaboradores, com os trabalhos “National of the land” e “A classification of places names” (1954), que focalizam “os mecanismos pelos quais os lugares são nomeados, apontando, deles, nove categorias discriminativas”, baseadas nos mecanismos da própria nomeação. Dick (1992, p.25), todavia, pondera que a aplicabilidade da teoria de Stewart pode não atender todos os sistemas onomásticos conhecidos, o que acabaria restringindo o emprego das taxes. Contudo, isso não invalida o mérito de esse pesquisador ter sido o primeiro estudioso a considerar a motivação toponímica,⁹ como uma das particularidades dos nomes geográficos.

No Canadá, em 1966, surge um grupo de estudos de Coronímia¹⁰, cujo suporte teórico foi desenvolvido por Henri Dorion e Louis Hamelin, um trabalho que exerceu grande importância na construção de uma metodologia científica para os estudos toponímicos ali desenvolvidos (DICK, 1992, p. 2).

Na América do Sul, destacamos trabalhos desenvolvidos na Venezuela e no Brasil. Na Venezuela, destacamos a Tese de Doutorado do antropólogo Adolfo Salazar-Quijada - *La Toponímia en Venezuela* (1985), em que declara não haver em seu país, do ponto de vista legal, nenhum organismo encarregado de oficializar a cartografia dos nomes geográficos, nem critérios objetivos para designar nomes e acidentes ou outros elementos naturais e culturais. Na oportunidade, o pesquisador propôs um modelo de classificação que considera cinco aspectos dos topônimos: elementos; extensão; localização; aplicação e motivos.

⁹ - Retomaremos o assunto “motivação toponímica” no item 1.3 deste Capítulo.

¹⁰ - Expressão mais ampla que abrange a análise de diferentes partes do espaço terrestre, extraterrestre e submarino, além dos nomes de estabelecimentos comerciais e de ensino e de edifícios residenciais (DICK, 1992, p. 02-03).

Já no Brasil, consagrou-se como pioneiro nos estudos toponímicos o pesquisador Theodoro Sampaio (1928) com a obra clássica *O Tupi na Geografia Nacional*, que abre caminho para pesquisas toponímicas de origem indígena. Essa obra, além de conter um vocabulário de base tupi com indicação da etimologia, traz comentários sobre a predominância do tupi na geografia nacional, bem como apresenta um resumo a respeito da gramática dessa língua.

Merece destaque a posição de Sampaio (1928, p. 2), em relação à expansão da língua tupi para o interior do Brasil, onde não havia povos dessa etnia:

ao europeu, porém, ou aos seus descendentes cruzados, que realizaram as conquistas dos sertões, é que se deve a maior expansão do tupi, como língua geral, dentro das raias atuais do Brasil. As levas, que partiam do litoral, a fazerem descobrimentos, falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os próprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colônias, espalhadas nos sertões, falando também o tupi e encarregando-se naturalmente de difundi-lo.

Percebemos, então, que os bandeirantes, por terem parte do léxico tupi internalizado, utilizavam o vocabulário dessa mesma língua para nomear os novos lugares descobertos. Nesse contexto, importa assinalar que entre os povos indígenas que habitaram o Estado de Goiás, são os índios Kayapó de que mais se tem relatos sobre a vida, os costumes e a cultura. No entanto, poucos são os acidentes físicos em Goiás designados com nomes oriundos da língua falada por essa etnia, provavelmente pelo fato de os Kayapó terem sido povos guerreiros e, por isso, defendiam suas terras atacando fazendas, arraiais, causando empecilhos para os colonizadores. Percebemos que o designador registrou a passagem desse povo pelo sertão goiano, mas não fez questão de batizar muitos lugares com nomes dessa origem. No universo aqui pesquisado, microrregião de Quirinópolis, por exemplo, foi identificado apenas um topônimo oriundo da língua falada por essa etnia, o córrego **Caiapó/AF**, no município de Caçu/GO.

Dentre os estudiosos mencionados, destacamos August Longnon, Albert Dauzat, Theodoro Sampaio e Leite de Vasconcellos que seguiram uma orientação basicamente alicerçada em investigações de cunho etimológico e histórico do signo que se vinculam a um estudo de natureza puramente linguística dos topônimos. No entanto, somente esse enfoque de estudo não é suficiente, se considerarmos os fatores extralinguísticos que justificam, muitas vezes, as motivações dos topônimos. Dick (1990, p. 19), nesse contexto, assinala que se consideramos a toponímia de um espaço geográfico “como conservadora das tradições e dos costumes de um povo, ou das características topográficas locais mais sensíveis”, uma pesquisa puramente calcada na etimologia e na história do signo

(linguística) não é suficiente. Ou seja, os fatores extralinguísticos – aspectos culturais, históricos, físicos peculiares à localidade, entre outros – contribuem para uma definição mais exata da motivação toponímica, uma vez que o topônimo pode ter sofrido influência de um desses fatores.

No Brasil, ainda destacamos o estudo de Levy Cardoso que, em 1961, lança a obra “Toponímia Brasília” que difundiu a etimologia de alguns topônimos brasílicos da Amazônia, notadamente os de origem caribe e aruaque (DICK, 1992, p. 4). Cardoso (1961, *apud* GONSALVES, 2004, p.25) esclarece que, por meio do estudo da toponímia de uma região, podem ser elucidadas questões étnicas como migrações indígenas e procedências das diversas famílias de línguas que habitaram determinado lugar.

Outro estudo de grande importância para os estudos onomásticos no Brasil é a obra *Contribuições do bororo à Toponímia Brasília* (1965), de Carlos Drumond, que sintetiza o estudo realizado pelo autor sobre a toponímia bororo na região Centro-Oeste e a sua contribuição para a toponímia brasileira. Esse pesquisador evidencia, ainda, a falta de sistematização metodológica para a pesquisa toponímica no Brasil, pois, até então, os que já existiam eram motivados pela curiosidade do estudioso ou para testar a ocorrência de nomes de origem Tupi na denominação geográfica brasileira (DICK, 1992, p.04).

Carlos Drumond foi o orientador de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick na sua tese de doutoramento, *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, defendida em 1980 e publicada em 1990, preparando assim essa pesquisadora para dar continuidade a suas pesquisas. Dick na atualidade se configura como um expoente nos estudos toponímicos. Em sua tese, a toponimista apresenta resultados sobre particularidades da toponímia no Brasil; sólidos princípios teóricos da disciplina e o modelo taxionômico¹¹ para a classificação dos topônimos. Além da tese, a obra *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos* (1992), traz relevantes artigos sobre as disciplinas onomásticas, Toponímia e Antroponímia. Dentre esses, o que divulga a última versão do modelo taxionômico concebido pela autora. Nesse contexto, importa destacar que as pesquisas de Dick muito enriquecem os estudos toponímicos no Brasil razão por que essa pesquisadora é considerada um ícone dos estudos toponímicos no Brasil.

Ainda no Brasil, a Tese de Doutorado de Aparecida Negri Isquerdo – *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural* (1996) apresenta um estudo do léxico dos seringais do Estado do Acre, incluindo a toponímia dos seringais. A pesquisadora

¹¹ - O modelo taxionômico de Dick será discutido no item 1.4 deste Capítulo.

analisou os dados toponímicos, valendo-se da teoria dos campos lexicais e, para tanto, agrupou os topônimos de acordo com os traços semânticos comuns entre eles: *crença no futuro, nomes descritivos do ambiente, indicadores de origem, valorização da cultura regional e sentimento religioso*. A autora teve como proposta explorar a carga semântica contida em cada topônimo selecionado, destacando a relação existente entre a escolha dos nomes dos seringais, o percurso histórico e as perspectivas do grupo estudado. Isquierdo apresenta, partindo do modelo de Dick (1992), uma subdivisão para a categoria dos animotopônimos, quais sejam: *animotopônimos eufóricos e disfóricos*¹².

Em Minas Gerais, na UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais –, destacamos o trabalho *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo* (2004), de Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, produzido como Tese de Doutorado, que estudou os topônimos da Região do Carmo – MG, com base em pesquisa de campo nos municípios de Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Alvinópolis, Ponte Nova, Rio Doce, Dom Silvério e Acaiaca, em material cartográfico e em documentos escritos de épocas passadas, referentes aos municípios pesquisados.

Muitos são os estudos desenvolvidos nas últimas décadas no Brasil, acerca da toponímia de acidentes físicos e humanos. A teoria e os princípios metodológicos construídos por Dick para os projetos ATB – Atlas Toponímico do Brasil – e ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – têm sido aplicados nas pesquisas toponímicas em outros Estados da Federação, incluindo projetos de atlas que se configuram como variantes regionais do Projeto ATB, dentre eles, os projetos ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, ATITO – Atlas Toponímico Indígena do Tocantins.

No Mato Grosso do sul, o Projeto ATEMS vem sendo desenvolvido desde 2002, sob a coordenação de Aparecida Negri Isquierdo, na UFMS. Na primeira etapa desse projeto foram produzidas seis dissertações de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da UFMS/CPTL, sob a orientação dessa mesma pesquisadora: Schneider (2002), Dargel (2003), Gonsalves (2004), Tavares (2004), Tavares (2005) e Souza (2006). Além desses, e com base nos dados levantados por Dargel (2003), Castiglioni (2008), na sua dissertação defendida no Mestrado em Estudos de Linguagens/CCHS/UFMS, produziu o “Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-mato-grossense”. Na atualidade, o Projeto ATEMS está

¹² - Esse assunto será tratado no item 1.4 deste Capítulo.

recebendo financiamento da FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul) e reúne pesquisadores de mais 02 universidades sul-mato-grossenses (UEMS e UFGD), além de abrigar dois projetos de dissertação de mestrado, dentre eles, esta pesquisa, e um de Iniciação Científica.

Na sequência deste Capítulo, trataremos das formas e funções do topônimo (nome do lugar), bem como da sua importância enquanto signo linguístico.

1.3 O Topônimo: definição, função e estrutura

O ato de nomear sempre foi uma prática na vida do homem, uma vez que ele nomeia tudo aquilo que o circunda: objetos, animais, pessoas, lugares. Desse modo, o topônimo – nome do lugar – acaba refletindo aspectos reais da realidade onde está inserido – fatos históricos, desilusões, ideologias do grupo denominador, aspectos de um acidente físico ou características da flora e da fauna a que pertence o lugar, entre outros.

Dick (1992, p. 18) apresenta as características e funções do topônimo, ao assinalar que

o topônimo, embora seja, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, *marcando-o duplamente*: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado.

Esse duplo aspecto do topônimo é realçado por Dick “como uma das suas principais características”. A pesquisadora destaca dois momentos importantes no processo denominativo que caracteriza a motivação do topônimo, que ocorrem, primeiramente, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, em circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva e, “a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas”, podendo, desse modo, “guardar uma significação precisa de aspectos físicos ou antropoculturais presentes na denominação” (DICK, 1992, p. 18).

O signo toponímico possui determinadas especificidades que precisam ser consideradas, dentre elas, a de que o topônimo é um nome próprio que, segundo Ullmann (1973, p. 155), tem como principal função “identificar e não significar”. Entretanto, ao tratar da situação específica do topônimo, embora seja um signo similar aos demais signos da língua e, por isso, estar sujeito às mesmas leis que orientam as outras unidades lexicais do sistema linguístico, Dick (1992, p.16) destaca que o topônimo “não é um signo

linguístico especial, mas ao contrário, um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica de identificação dos lugares” que, ao ser manipulado pelo denominador, configura-se como signo linguístico enriquecido que reflete os aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos, físico-geográficos, ou seja, apresenta, em sua origem, aspectos de natureza extralinguística relacionados à realidade nomeada.

Nesse contexto, destacamos as palavras de Isquierdo (1997, p. 31-32), quando esclarece que

na situação específica do topônimo, além de se determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador.

Quando nos remetemos à tese postulada por Saussure (2006, p.83)¹³, de que “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”, notamos que, quando se trata do estudo de topônimos, essa teoria pode ser relativada. Dick (1992, p.18), por exemplo, revê esse princípio teórico, esclarecendo que “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente *motivado*, não sendo exagerado afirmar ser essa característica uma das principais características do topônimo”.

Nesse sentido, Isquierdo (1997, p.33) destaca também que “os topônimos apresentam-se sempre como a síntese dos sentimentos vividos pelo denominador no ato da nomeação”. Entende-se, desse modo, que um nome nunca é dado por acaso, pois sempre há um motivo subjacente a uma designação, e que os fatores físicos e sociais influenciam consideravelmente o designador/nomeador no momento de atribuir um nome a um lugar, o que imprime ao topônimo uma carga significativa que possibilita ao pesquisador recuperar aspectos histórico-geográficos da região, cuja toponímia estiver sendo estudada.

No topônimo são impressas características físicas e sociais de uma região, como também os sentimentos vividos pelo nomeador no ato de batismo de um lugar. Daí o topônimo não ser algo alheio ao contexto sócio-linguístico-cultural da comunidade. Ele já nasce enriquecido pela circunstância que designa. Ao focalizar a importância do topônimo, o antropólogo venezuelano Salazar-Quijada (1985, p.29-30) ressalta que o nome do lugar

¹³ A 1ª edição do *Cours de Linguistique Générale* é de 1916. Neste trabalho, foi consultada a 27ª edição, de 2006, publicada pela Editora Cultrix Ltda, São Paulo/SP. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

constitui um bem patrimonial de um país e é por meio desses nomes que as nações demonstram sua personalidade geográfica e se singularizam em meio aos demais territórios. Acrescentamos ainda que a atitude do homem de identificar e qualificar os lugares à sua volta demonstra motivações espirituais, significações especiais para a comunidade sobre aspectos políticos, econômicos, religiosos e culturais.

O topônimo, em termos de estrutura, é composto por um termo ou elemento genérico que define a classe do designativo e por um elemento específico, o topônimo – nome do lugar nomeado. Desse modo, no *corpus* deste estudo, o sintagma toponímico “córrego Caiapó” (AF/GO), por exemplo, contém o elemento genérico – córrego – e o elemento específico – *Caiapó*. Esses dois elementos formam um sintagma nominal na função de topônimo, segundo Dick (1992, p.10). Nesse contexto, compartilhamos das palavras de Dargel (2003, p. 76) para quem

o topônimo é um signo linguístico que, quando se transfere de uma unidade virtual da língua para uma unidade léxica da língua, assume um caráter de signo motivado com a função de designar e identificar um lugar. Nesse processo, ocorrem algumas mudanças semânticas e morfológicas na estrutura gramatical. Por exemplo: as unidades salto, o conectivo da (de + a), boa, vista integram o léxico da língua portuguesa (salto = substantivo; da = preposição + artigo; boa = adjetivo; vista = adjetivo), ao se tornarem um sintagma toponímico, sintagma nominal, designam o Salto Boa da Vista – AF/MS.

Em se tratando da estrutura do sintagma toponímico, Dick (1992, p. 13-14) classifica os topônimos em simples, compostos e híbridos. Segundo a autora, o elemento específico simples é “aquele que se faz definir por um só formante (seja substantivo, ou adjetivo), podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações (diminutivas, aumentativas ou de outras procedências linguísticas)”. No âmbito deste estudo, ilustram o exposto os topônimos *Areia* (AF/GO) (forma simples) e *Augustinho* (AF/GO) (forma simples com sufixo diminutivo). Já o elemento específico composto ou topônimo composto é “aquele que se apresenta com mais de um elemento formador de origem diversa entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas, que talvez apenas a história local poderá elucidar convenientemente”, como em córrego do *João Maria* (AF/GO). O topônimo híbrido ou elemento específico híbrido, por seu turno, é “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências”, por exemplo: *Lambari do Meio* (AH/SP) que tem como formantes um de termo da língua tupi (lambari) e um da língua portuguesa (do meio) (DICK, 1992, p. 12).

A partir do exposto, nota-se que as características percebidas no topônimo, suas motivações podem ser evidenciadas quando o pesquisador analisa o topônimo em seus

aspectos linguísticos e extralinguísticos e os classifica de acordo com um modelo taxionômico.

Na sequência, são discutidos alguns modelos de classificação dos topônimos, com destaque para o modelo taxionômico de Dick (1992).

1.4 Modelos de classificação dos topônimos: algumas contribuições

Em decorrência da necessidade de uma sistematização dos estudos toponímicos, foram surgindo modelos de classificação dos topônimos, elaborados por diferentes estudiosos do assunto, em diferentes fases da história da disciplina, com a intenção de recuperar a motivação da origem dos topônimos.

Não é demais lembrar que a Toponímia é uma disciplina vinculada às ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia – que tem exigido dos pesquisadores a formulação de modelos específicos de taxionomias para o estudo do topônimo. Discutimos, neste tópico do trabalho, alguns modelos taxionômicos, desenvolvidos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros que “permitem interpretar os nomes de lugares com maior segurança do ponto de vista semântico” (DICK, 1999, p. 142). Dentre eles, situam-se Albert Dauzat, José Leite de Vasconcellos, Everardo Backheuser, George Stewart, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick e Salazar-Quijada.

Albert Dauzat (1926, p. 23-33), por exemplo, incluiu os topônimos franceses em dois campos de influências – o da geografia física e o da geografia humana. Dick (1999, p. 140), ao tratar de questões terminológicas, esclarece que na proposta de Dauzat

As repartições no interior de cada um dos blocos referiam-se a ocorrências ou a recortes espaciais identificados pelos paradigmas hidrográficos ou geomorfológicos (ex. Montblanc) e pelos empreendimentos antrópicos relativos à sedentarização do homem no terreno, à ocupação do solo, à construção das vilas e cidades, de acordo com as camadas étnicas constitutivas do povo francês (ex. Rochefort; Villeneuve).

Dauzat dividiu o mecanismo de nomeação em séries lógicas e em categorias históricas, estabelecendo um método de investigação toponímica. Assim, ao estudar os topônimos a partir desses dois ângulos, o pesquisador dá uma atenção especial às investigações, classificando-os segundo a ordem histórica de suas formações (DAUZAT, 1926, p. 10). Nesse sentido, focalizou a questão da denominação geográfica do ponto de vista da formação externa e dos sentidos intrínsecos ao nome. No que se refere à formação externa, o ato denominativo pode ser espontâneo, configurando-se, pois, como uma obra mais ou menos inconsciente do grupo e, também, sistemático, quando resultante de atos

refletidos de uma autoridade, de um fundador da cidade, de um proprietário. Já os sentidos intrínsecos englobam as denominações cujos nomes são emprestados da própria geografia física ou de nomes de pessoas ilustres como fundadores, proprietários, ou, ainda, as que têm origem nos diversos caracteres abstratos ou de ordem histórica (DAUZAT, 1926, p. 19-20).

O filólogo José Leite de Vasconcellos (1931, p.139), por sua vez, ao estudar os nomes de lugares de Portugal, propôs uma classificação dos nomes geográficos divididos em três seções – nomes de lugar classificados por línguas, modos de formação toponímica e categorias de nomes, segundo as causas que os originaram. As investigações de Vasconcellos referentes ao campo etnodialetológico dos nomes geográficos de Portugal levaram-no a concluir que a presença de várias línguas na toponímia local como a pré-romana, a romana, a germânica e a portuguesa, propriamente dita, pode ser explicada pelas fases de dominação da região pelos falantes dessas línguas e, por fim, pela formação e pela consolidação da própria língua materna, a portuguesa. Com relação ao modo de formação toponímica, as investigações estão relacionadas aos estudos gramaticais do sintagma nominativo. Já as categorias classificatórias dos nomes de lugares se relacionam às causas que lhes deram origem, como a flora, a fauna, a natureza do solo, a história, a religião.

Os estudos de Dauzat (1926) e de Vasconcellos (1931) enfatizaram, pois, que os nomes geográficos recuperavam características naturais do meio ambiente em que se encontravam inscritos, bem como os aspectos socioculturais presentes na designação geográfica e postularam, também, a importância de estudos históricos e etimológicos do topônimo.

Já o geólogo Everardo Backheuser (1952, p.163-195) classificou os topônimos a partir de categorias gramaticais, como substantivo comum, substantivo abstrato e adjetivos, e de três figuras de retórica – a antonomásia, o pleonasma e a metáfora – nas formações toponomásticas brasileiras.

Na categoria “substantivo comum”, o autor distingue os topônimos de acordo com critérios geográficos: “oriundos de acidentes de geografia física” e “topônimos oriundos de ocorrências de geografia humana”. Já os substantivos próprios aparecem nas designações de lugares em duas situações, a saber: pelos nomes de pessoas e pela *autolatria* e *oportunismo* (BACKHEUSER, 1950, p. 186).

Já os adjetivos – descritivos, metafóricos e eruditos –, segundo o autor, são mais abundantes nos acidentes físicos, utilizados para caracterizá-los em termos de tamanho, de forma e de cor (BACKHEUSER, 1950, p. 188-189).

Ao tratar das figuras de retórica, o pesquisador assinala que a *antonomásia* corresponde a um nome comum tomado por nome próprio ou o contrário, como em Nilo (vale), Pará, Paraná, Parima (rio); o *pleonasma* refere-se à presença de um nome como designativo que geralmente, em outra língua, tem o mesmo significado do acidente geográfico nomeado: ex. rio Me-kong, em que Me-Kong significa rio que, traduzido, ficaria rio (BACKREUSER, 1950, 169-150).

Stewart (1954, p.02-09), por seu turno, divulgou mecanismos da nomeação onomástica, divididos em nove especificações: “1) Descriptive names; 2) Possessive names; 3) Incident names; 4) Commemorative names; 5) Euphemistic names; 6) Manufactured names; 7) Shift names; 8) Folk etymologies; 9) Mistake names”.

Dick (1999, p. 141), manifestando-se sobre a proposta de Stewart, esclarece que

os nomes descritivos e os comemorativos devem ser vistos com atenção especial, porque constituem protótipos de atividades denominativas gerais ou comuns a diferentes povos. Descrever uma paisagem em seus aspectos imanentes, essenciais, duradouros ou aspectuais, bem como homenagear, através dos nomes, indivíduos públicos, políticos, governadores, monarcas, artistas, religiosos, pessoas da própria família, enfim, são procedimentos que estimulam, de um lado, padrões objetivos de conduta e, de outro, transportam ao plano anímico de interesses personalíssimos.

Dick (1999) lembra ainda que as demais categorias alcançam menor índice de uso, quando aplicadas a uma macrotoponímia, e que, embora o modelo de Stewart tenha sido criado para atender as necessidades do contexto americano (toponímia de base inglesa) pode suprir, e com muita utilidade, as camadas indígenas daquele território.

Dick, ao contrário de Stewart, elabora um modelo taxionômico que cataloga o produto gerado, o topônimo, no nível sincrônico, deixando os mecanismos de nomeação e o levantamento histórico e diacrônico para o “estudo descritivo das taxes isoladamente consideradas” (DICK, 1992, p. 26). A primeira versão desse modelo formulado por essa pesquisadora integra a sua tese de doutorado, defendida em 1980, na Universidade de São Paulo, e continha dezenove taxes, que visavam a preencher supostas lacunas que a proposta de Stewart (1954) não havia contemplado (DICK, 1992, p.25).

Esse modelo preliminar foi posteriormente ampliado para vinte e sete taxionomias, onze que se referem aos nomes que resgatam peculiaridade de natureza física¹⁴ e dezesseis que contemplam os topônimos de natureza antropocultural¹⁵. As taxes propostas por Dick

¹⁴ **Taxionomias de natureza física:** caracterizam o ambiente em todos os aspectos que compõem sua formação – rios, córregos dimensões formações topográficas, árvores, animais, etc (DICK, 1992, p. 31-34).

¹⁵ **Taxionomias de natureza antropocultural:** caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra – estado de ânimo, sentimentos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países, títulos (DICK, 1992, p. 31-34).

(1992) têm orientado os estudos da toponímia no Brasil, pois foram concebidas com base na realidade brasileira (ISQUERDO, 1996, p.115).

Importa ressaltar que esses modelos taxionômicos citados são muito relevantes para os estudos da toponímia, no entanto, neste trabalho, optamos pelo modelo ampliado por Dick e publicado em 1992, que julgamos melhor responder às necessidades deste estudo. Esse modelo consiste na

adoção de um prefixo nuclear (grego-latino), de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano, com acréscimo do termo “topônimo”, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada (DICK, 1999, p. 142).

Assim, *hidro* corresponde ao prefixo nuclear que caracteriza o nome do lugar (*topônimo*), formando a taxa *hidrotopônimo* – topônimos originados de nomes de acidentes geográficos que fazem referência ao elemento água, como em córrego do *Açude* (GO). Quando o topônimo, mais especificamente o elemento específico, é composto por dois ou mais elementos lexicais, o modelo toma como base, para fins de classificação, o primeiro elemento da estrutura. Assim, em córrego *Barreiro Grande* (GO), considera-se o formante *Barreiro*, atribuindo-lhe a classificação de *litotopônimo*, enquanto em córrego *Buriti Comprido* (GO), toma-se como referência a forma *Buriti* para classificá-lo como um *fitotopônimo*.

Na sequência, apresentamos o modelo taxionômico elaborado por Dick e, para efeito de exemplificação das taxionomias, utilizamos os topônimos do próprio *corpus* desta pesquisa. Quando isso não foi possível, recorreremos aos exemplos de Dick (1992, p. 31-34).

a) Taxionomias de natureza física

1. **Astrotopônimos:** topônimos que se referem aos corpos celestes: rio da Estrela – AH¹⁶/Espírito Santo.
2. **Cardinotopônimos:** topônimos referentes às posições geográficas: córrego **da Divisa** – AF¹⁷/Itarumã – GO.
3. **Cromotopônimos:** topônimos relativos à escala cromática: serra **Azul** – AF/Itarumã – GO.

¹⁶ Acidente Humano.

¹⁷ Acidente Físico.

4. **Dimensiotopônimos:** topônimos referentes às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade: morro **Praião** – AF/ Caçu – GO.
5. **Fitotopônimos:** topônimos originados de nomes de vegetais: serra da **Guariroba** – AF/Caçu – GO.
6. **Geomorfotopônimos:** topônimos referentes às formas topográficas, elevações ou depressões do terreno: córrego **Furninha** – AF/Caçu – GO.
7. **Hidrotopônimos:** topônimos originados de acidentes hidrográficos: Córrego **do Açude** – AF/Caçu – GO.
8. **Litotopônimos:** topônimos originados de nomes de minerais e de nomes relativos à constituição do solo: ribeirão **Areia** – AF/Caçu – GO.
9. **Meteorotopônimos:** topônimos relativos a fenômenos atmosféricos: serra **do Vento** – AF/Paraíba.
10. **Morfotopônimos:** topônimos que refletem o sentido de forma geométrica: córrego **Volta Grande**– AH/Itarumã – GO.
11. **Zootopônimos:** topônimos de índole animal: córrego **das Éguas** – AF/Quirinópolis – GO.

b) Taxionomias de natureza antropocultural

1. **Animotopônimos ou Nootopônimos:** topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual: córrego **Boa Vista** – AF/Quirinópolis – GO.
2. **Antropotopônimos:** topônimos relativos aos nomes próprios individuais: córrego **Manuel José** – AF/Caçu – GO.
3. **Axiotopônimos:** topônimos que se referem a títulos e a dignidades que acompanham os nomes próprios individuais: córrego do **Barão** – AF/Gouvelândia – GO.
4. **Corotopônimos:** topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes: **Europa** – AH/Acre.
5. **Cronotopônimos:** topônimos que encerram indicadores cronológicos como novo/nova, velho/velha: córrego **Nova Descoberta** AF/Gouvelândia – GO.

6. **Ecotopônimos:** topônimos que fazem referência às habitações de um modo geral: córrego **Taperão** – AF/Caçu – GO.
7. **Ergotopônimos:** topônimos relacionados aos elementos da cultura material: córrego do **Relógio** – AF/Cachoeira Alta – GO.
8. **Etnotopônimos:** topônimos relativos aos elementos étnicos: córrego **Caiapó** – AF/Caçu – GO.
9. **Dirrematotopônimos:** topônimos construídos por meio de frases ou enunciados linguísticos: cidade ou bairro **Valha-me Deus** – AH/Maranhão.
10. **Hierotopônimos:** topônimos referentes aos nomes sagrados, às efemeridades religiosas, aos locais de culto: serra, córrego Cristo Rei – AF/Paraná. Podem apresentar duas subdivisões: **a) hagiotopônimos:** topônimos que se referem aos santos e às santas do hagiológico romano: córrego **São Jerônimo** – AF/Caçu – GO; **b) mitotopônimos:** topônimos referentes às entidades mitológicas: ribeirão do **Saci** – AH/ES.
11. **Historiotopônimos:** topônimos que se referem a movimentos de cunho histórico-social, aos seus membros ou ainda às datas correspondentes: rio **7 de Setembro** – AF/MT.
12. **Hodotopônimos:** topônimos relacionados às vias de comunicação: córrego da **Ponte** – AF/Caçu – GO.
13. **Numerotopônimos:** topônimos que dizem respeito aos adjetivos numerais: córrego das **Três Barras** – AF/Cachoeira Alta – GO.
14. **Poliotopônimos:** topônimos constituídos pelos vocábulos *vila, aldeia, cidade, povoação, arraial*: córrego **do Arraial** – AF/Itajá – GO.
15. **Sociotopônimos:** topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade: córrego do **Retiro** – AF/Caçu – GO.
16. **Somatotopônimos:** topônimos com relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal: córrego **Bocarra** AH/Itajá – GO.

Importa assinalar ainda a subdivisão para a categoria dos *animotopônimos* proposta por Isquerdo (1996, p. 118), ao aplicar o modelo de Dick para o estudo da toponímia dos seringais e colocações do Estado do Acre. A pesquisadora, fundamentando-se em duas ‘marcas’ recorrentes nos topônimos dos seringais acreanos – *impressão agradável/otimista*

e impressão desagradável/temeridade frente ao referente nomeado, propõe duas subcategorias para os *animotopônimos*, acrescentando-lhe os elementos *eufórico* e *disfórico*. Os *animotopônimos* *eufóricos* são representados por lexias que transmitem sensação agradável, expectativas otimistas (*Alegria, Castelo, Encontro, Esperança, Liberdade, União*, etc.), enquanto os *animotopônimos* *disfóricos* recuperam lexias que transmitem sensação desagradável, expectativas não muito otimistas (*Apertado, Cachorra Magra, Confusão, Chora Menino, Encrenca*, etc).

Para esta pesquisa, utilizamos a subdivisão proposta por Isquierdo (1996, p. 118), por entender que daríamos uma melhor especificação aos *animotopônimos*, uma vez que, segundo a pesquisadora, “a lexia *animotopônimo* é tomada como uma expressão neutra, reservando-se aos determinantes *eufóricos* e *disfóricos* a função de especificar a natureza do estado anímico”.

Na Venezuela, Salazar-Quijada (1985, p. 21-29) também propõe um modelo taxionômico para classificação dos topônimos que levou em conta cinco aspectos para a elaboração de suas taxionomias, a saber: 1- elementos (simples ou compostos); 2- extensão, tamanho do acidente (microtopônimos, mesotopônimos e macrotopônimos); 3- localização (terrestres ou extraterrestres); 4- aplicação (actinônimos, astinônimos, corônimos, insunônimos, hidrônimos, odônimos, orônimos, espeleônimos, selenônimos), ou seja, de acordo com o tipo de acidente; 5- motivação (fisiotopônimos, zootopônimos, fitotopônimos, mineratopônimos, epotopônimos, hagiopotônimos, somatotopônimos, animotopônimos, cognotopônimos, pragmatopônimos, topotopônimos).

Em caráter de síntese sobre os modelos classificatórios mencionados, recuperamos a comparação feita por Gonsalves (2004, p. 32-37) sobre os estudos de Vasconcellos (1931), de Dauzat (1926), de Stewart (1954) e de Dick (1992). A pesquisadora assinala que Dick enfatiza, como primeiro aspecto a ser considerado no estudo da Toponímia, o conteúdo semântico perceptível no topônimo e que, nessa perspectiva, a investigação do nome geográfico tem como ponto de partida o próprio nome que, segundo ela, pode ser motivado, ou seja, no ato da denominação, o nome pode ter sofrido influência de aspectos extralinguísticos de ordem física ou de natureza antropocultural.

Com base na comparação entre os modelos de classificação do topônimo, Gonsalves acrescenta que Dick completa as tendências classificatórias que podem estar presentes na toponímia de uma região, pois enquanto Dauzat (1926) encontrou duas tendências, a mística e a realista, Dick (1992) evidenciou vinte e sete e as dividiu em taxionomias de natureza física e de natureza antropocultural, como já foi explicitado anteriormente. Gonsalves

destaca outro aspecto que difere a orientação de Dick (1992) da dos europeus e da do norte-americano, no que se refere à perspectiva de pesquisa, a saber:

Nos estudos de Leite de Vasconcellos (1931) e de Dauzat (1928), a perspectiva da pesquisa é voltada para o nível diacrônico do nome. Para Stewart (1954), é a história do nome que irá determinar o enquadramento em um dos 09 (nove) mecanismos de nomeação proposto por ele. Já na proposta de Dick (1992), os estudos desenvolvem-se em um nível sincrônico dos fatos e a investigação diacrônica dos dados fica em segundo plano, isto é, no momento de passar ao estudo das taxes isoladamente consideradas (GONSALVES, 2004, p. 35).

Frente ao exposto, compartilhamos do pensamento de Gonsalves (2004, p. 35), quando assinala que a investigação do topônimo, segundo a perspectiva de Dick, prevê a realização de uma análise que não se volte apenas para os aspectos internos da língua ou, quando na tentativa de explicar a realidade toponímica por meio de fatos históricos e sociais da área pesquisada, os resultados não fiquem restritos ao plano das microestruturas regionais.

Como se pode perceber, os diferentes modelos taxionômicos propostos por estudiosos da toponímia representam tentativas de construção de paradigmas para a classificação dos topônimos, segundo diferentes perspectivas e categorias. Para a classificação dos topônimos desta pesquisa, como já assinalado, utilizamos o modelo proposto por Dick (1992, p. 31-34) que, além de nos parecer mais completo, foi elaborado de acordo com a realidade brasileira. A partir desse modelo, o pesquisador pode, ao analisar o nome do lugar e classificá-lo de acordo com uma das 27 taxionomias, identificar o possível motivo da designação toponímica. Para essa análise, como já foi mencionado no decorrer deste Capítulo, o pesquisador precisa recorrer a aspectos linguísticos e extralinguísticos, e a informações oriundas de outras ciências, com vistas a alcançar uma classificação mais adequada.

Dentre essas ciências, destacamos a Dialetoлогия, uma disciplina que possui muitos pontos de convergência com a Toponímia. Em razão disso, no próximo item deste Capítulo, discutiremos algumas interfaces entre Toponímia e Dialetoлогия.

1.5 Interfaces entre Toponímia e Dialetoлогия

O estudo da toponímia de uma região evidencia marcas da história, dos grupos étnicos formadores do espaço geográfico, refletindo, assim, a narrativa de um processo de dominação cultural e social de um povo. A esse respeito, Dick (2008, p. 217) afirma que a toponímia preserva fatos culturais em uma determinada área geográfica, funcionando,

assim, “como formas conservadoras da memória do núcleo que se faz presente nos estágios denominativos, de diversas origens e causas”. Nesse contexto, importa destacar, também, as palavras da autora sobre a influência do léxico tupi na toponímia

Como reflexo de uma economia mista, deixou uma gama variada de contribuições linguísticas ao português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência (DICK, 1992, p. 33).

De acordo com essa pesquisadora, o topônimo, muitas vezes, atua como um verdadeiro *fóssil linguístico*¹⁸, preservando a identidade de um povo, bem como suas características sócio-linguístico-culturais. Por meio do topônimo, é possível verificar vários condicionantes linguísticos e diversos dialetos e falares presentes em um determinado território que, por sua vez, estruturam o léxico regional, “considerando-se não só as tendências normalizadoras da língua padrão como a presença de minorias étnicas ainda participativas ou, mesmo, como dado documental extintas” (DICK, 2008, p. 215).

A toponímia no Brasil, em sua origem, não constituía um corpo disciplinar autônomo como no estágio atual. Vinculando-se à cadeira de Etnografia e Língua Tupi dos cursos de História e Geografia da Universidade de São Paulo, tinha como principal forma de disseminação o Boletim do Instituto Histórico e Geográfico. Já os estudos dialetológicos tiveram como berço os Departamentos de Letras ou de Linguística das várias Instituições de Ensino Superior, tendo como defensores dialetólogos, linguistas e filólogos de diversas regiões do País (AGUILERA, 2006, p. 132-133). Hoje, ambas as disciplinas possuem um *status* merecido devido à inquestionável importância dessas disciplinas para os estudos linguísticos, particularmente os relacionados ao léxico. Isso pode ser claramente percebido pela posição de Borba (1971, *apud* Dick (2007, p. 464), de que, com o alargamento da perspectiva de trabalho da toponímia, ela tornou-se expansionista e, por isso, tem como objetivo delimitar melhor sua atuação na pesquisa, definindo suas isoglossas ou linhas linguísticas territoriais, ou mesmo os traços isoléxicos quando forem vocabulares. Os argumentos de Borba confirmam a importância do método utilizado nas pesquisas em dialetologia/geolinguística e úteis para a pesquisa toponímica. Nesse contexto, Dick (2007, p.464) esclarece que a Toponímia, ao utilizar o método da Geografia Linguística, busca

conhecer as áreas de extensão ou os pontos principais de dispersão dos fatos linguísticos relativos às línguas faladas no território, ou aos seus resíduos lexicais, presentes nos nomes, principalmente aqueles resultantes de modelos extintos como ocorre com os grupos indígenas brasileiros já desaparecidos.

¹⁸ O enunciado *fóssil linguístico* foi uma expressão tomada por Dick ao geógrafo francês Jean Brunet, que o considerava como um “fóssil da geografia humana” (DICK, 1992, p. 20).

O exame dos princípios da Toponímia e da Dialetoлогия permite a confirmação de que essas duas áreas da Linguística em muito se completam. A diferença básica entre as duas recai, sobretudo na natureza do *corpus*, pois a construção de um atlas linguístico pauta-se em fontes oriundas da língua oral coloquial/popular, mais especificamente, a língua falada em um determinado território, que é coletada da maneira o mais informal possível. Já um atlas toponímico centra-se nos nomes de lugares – córregos, rios, ilhas, ruas, praças, vielas, entre outros – de determinada localidade, registrados em folhas ou mapas topográficos oficiais da região em estudo. Nesse contexto, Dick (1996, p. 2389) assinala que

Os atlas Toponímicos nascem à luz dos princípios que comandam a organização dos atlas linguísticos ou linguístico-etnográficos, voltados para as ocorrências fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas e etnográficas da língua falada em um determinado território. Dentro desse contexto de estudo e de configurações, a Toponímia não se identifica como um organismo estranho ou isolado; ao contrário, é uma resultante dos meios de expressão comuns e assimila deles, dos seus vocábulos, ou o próprio uso vocabular, a sua substância de conteúdo. Estudar, portanto, a codificação onomástica, cartograficamente, é penetrar nos meandros do sistema da linguagem, de que é extensão particularizadora ou referencial.

Uma característica que pode aproximar as duas disciplinas é o caráter interdisciplinar, uma vez que, dada a natureza dos dados analisados, as duas disciplinas buscam suporte teórico-metodológico também em disciplinas como a História, a Geografia, a Cartografia, a Estatística, a Etnolinguística, as Línguas Indígenas, dentre outras. Se fosse desenvolvida uma pesquisa, em Toponímia ou em Dialetoлогия, que não se sustentasse nessas ciências de apoio, resultaria em um trabalho fragmentado e incompleto (AGUILERA, 2006, p. 142).

No que se refere à Toponímia, como estudo sistematizado, com formação de grupos de pesquisa, os estudos toponímicos no Brasil se iniciaram tendo como base as diretrizes traçadas por Dauzat (1926) que preconizava o estabelecimento das camadas dialetais, com reflexos na língua falada na região estudada (DAUZAT, 1926, *apud* DICK, 2000, p. 231). O pesquisador propunha o remapeamento da divisão municipal de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão.

Os fundamentos da Dialetoлогия remetem aos conceitos de língua, dialeto e isoglossas. Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 11-12), em uma língua histórica há, normalmente, três diferenças internas fundamentais, a saber: *diatópicas* – diferenças referentes ao espaço geográfico; *diastráticas* – diferenças entre distintos estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática; *diafásicas* – diferenças entre os tipos

de modalidade expressiva, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de fala.

A esses três tipos de diferenças internas, acrescentam-se as diferenças geracionais, consideradas subsistemas que possuem, internamente, certa homogeneidade garantida pela soma dos traços linguísticos coincidentes. Dessa forma, tais coincidências possibilitam a existência de *unidades sintópicas* – identificadas, geralmente, como dialetos. Por exemplo, o dialeto nordestino, o dialeto de Fortaleza, dos Açores, etc; *unidades sinstráticas* – diferenças relacionadas aos estratos sociais, como a linguagem culta, a da classe média, a popular; *unidades sinfásicas* – de estilo de língua, como a linguagem formal, a familiar, a literária, etc (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12). As mesmas dialetólogas esclarecem ainda que

Depreende-se, então, que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida. Desse modo chegar-se-á mais perto do conceito de dialeto, subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12).

Nesse contexto, vale lembrar que Antenor Nascentes (1953) propôs uma divisão dialetal para o português do Brasil em seis subfalares. Segundo Mota (2006, p. 323), essa proposta apareceu em 1950, quando foi publicada, em primeira mão, em artigo de “A manhã de 17 de janeiro de 1950 por Silva Neto”, e reproduzida em “Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil” por esse mesmo autor. Essa proposta de divisão dialetal do português do Brasil, proposta por Nascentes, pauta-se na experiência do dialetólogo: “hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (NASCENTES, 1953, p.24, *apud*, MOTA, 2006, p. 323). Essa divisão proposta por Nascentes é de base estritamente linguística, como bem assinala Mota (2006, p. 326-351): “fatos linguísticos identificadores da divisão em falares do Norte e falares do Sul”.

Os seis subfalares do Brasil são separados por Nascentes em dois grupos maiores - o falar do Norte e o falar do Sul, a saber:

Os subfalares do Norte são dois: o amazônico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba. Os subfalares do Sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Norte,

Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da *Nascente do Paranaíba*¹⁹, seguindo pelas serras dos javais, dos *Xavantes*, do Faba e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o Estado do Rio, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste); o mineiro (*Centro Oeste e parte do Leste de Minas Gerais*); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, *Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso* (NASCENTES, 1953, p. 20-25, *apud* DARGEL, 2003, p. 233) (Grifos nossos).

A seguir, apresentamos o mapa 1 com a representação cartográfica da proposta de divisão dialetal do Brasil de Antenor Nascentes (1953).



Mapa 1 – Divisão dialetal do Brasil proposta por Antenor Nascentes (1953)²⁰.

Como se percebe pelo mapa apresentado, as divisões políticas são diferentes das divisões referentes aos subfatares do Brasil. As características linguísticas – fonéticas e lexicais, por exemplo – ultrapassam as divisões políticas que foram estabelecidas ao longo da história, levando em consideração questões políticas, econômicas, dentre outras. À demarcação de características linguísticas de uma área geográfica, dá-se o nome de isoglossa que, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 12-13), corresponde a uma linha virtual

¹⁹ - Essa parte abrange os limites entre os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.

²⁰ Fonte: Mota (2006, p. 325).

que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. Para essas mesmas pesquisadoras, as isoglossas podem ser *diatópicas* – quando delineiam contrastes e, conseqüentemente, apontam semelhanças em espaços geográficos; *diastráticas* – quando mostram contrastes e semelhanças linguísticas e socioculturais; *diafásicas* – quando podem configurar diferenças de estilo. Esclarecem ainda que, quanto à natureza dos fatos linguísticos analisados, uma isoglossa poder ser *isoléxica* – lexical; *isófona* – fônica e *isomorfa* – morfológica e sintática.

Partindo desse conceito de *isoglossa*, Dargel (2003), em sua pesquisa intitulada *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense*, levantou a hipótese da presença de uma possível isoglossa toponímica na região de fronteira dos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, em virtude de ter percebido uma significativa incidência de topônimos formados pelo processo de derivação com sufixos diminutivos. Dargel inicialmente aventou a hipótese de tais acidentes estarem relacionados a outros de porte maior nas imediações do lugar nomeado com o topônimo de forma diminutiva. Porém, comprovou, por meio de análise cartográfica, que não havia relação entre os dois acidentes, uma vez que a localização de um ficava bem distante do outro e que ambos tinham praticamente o mesmo tamanho. Na oportunidade, Dargel recorreu ao resgate histórico da região para esclarecer que

todos os municípios do **BSM**²¹ pertenceram ao de Paranaíba e que os últimos a serem desmembrados deste município foram Cassilândia, Chapadão do Sul e Inocência. Chapadão não foi desmembrado diretamente de Paranaíba, pois pertencia ao município de Cassilândia, que se limita com os estados de Goiás e de Minas Gerais, sem esquecermos o município de Costa Rica que se limita com os estados de Mato Grosso e de Goiás. Observando-se a localização da grande quantidade de topônimos com derivação diminutiva, percebe-se a maior incidência desse tipo de ocorrência nessa área, o que nos leva a crer que estudos mais amplos poderiam apontar a presença de uma possível “isoglossa toponímica”, abarcando a região pesquisada e as partes de Minas Gerais, de Goiás e de Mato Grosso que se limitam com esses municípios (DARGEL, 2003, p.231-232).

Assim, as constatações de Dargel (2003) parecem apontar para um *continuum* na toponímia das três regiões mencionadas.

Nesse contexto, destaca-se, também, o estudo de Seabra (2008, p.1951) que traz um recorte dos dados do Projeto ATEMIG. Nesse trabalho, a autora trata dos 853 municípios do estado de Minas Gerais e, ao referir-se ao Triângulo Mineiro, informa que essa região “tem sua singularidade, destacando-se de todas as demais regiões do estado, uma vez que nela predominam taxes de motivação física”. Assim, levantou a seguinte questão: “será que

²¹ Bolsão Sul-mato-grossense (BSM).

a língua portuguesa falada nessa região (triângulo mineiro) não teria, também, características mais próximas com o falar do Centro-Oeste brasileiro?”. Recentemente, Isquerdo e Seabra (2008), no trabalho *História social e toponímia: um estudo na fronteira de Minas Gerais com Mato Grosso do Sul*, discutiram a noção de isoglossas e se essas demarcações virtuais da manifestação de determinado fenômeno linguístico também se aplicariam aos nomes próprios de lugares. Para tanto, verificaram se a produtividade de determinados topônimos e ou de processos de formação toponímica ultrapassam as fronteiras geográficas marcando áreas toponímicas distintas. Para tanto, com vistas a buscar resposta para essas questões, analisaram dados de dois atlas toponímicos em desenvolvimento – ATEMS e ATEMIG – quanto à produtividade das taxionomias, à língua de origem e à estrutura morfológica dos topônimos. Comparando os dados das duas regiões examinadas, as pesquisadoras confirmaram a presença de algumas similaridades toponímicas, haja vista que identificaram um grande contingente de topônimos que são produtivos nessa faixa de fronteira.

Desta forma, considerando a hipótese levantada por Dargel (2003), os questionamentos formulados por Seabra (2008) e as conclusões de Isquerdo e Seabra (2008), explicitadas anteriormente, propusemos, como segunda hipótese desta pesquisa, verificar a presença ou não de *isoglossas toponímicas* na região que compreende a microrregião de Quirinópolis, a região do Bolsão sul-mato-grossense – *corpus* de Dargel (2003) e 10 municípios do Triângulo Mineiro – *corpus* do Projeto ATEMIG (2009).

A seguir, o Capítulo II apresenta aspectos históricos e geográficos do Estado de Goiás, com vistas a proporcionar um melhor entendimento dos aspectos sociais, linguísticos e culturais da microrregião pesquisada.

CAPÍTULO II - ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO ESTADO DE GOIÁS

2.1 Aspectos geográficos

O Estado de Goiás fica ao leste da região Centro-Oeste do Brasil, fazendo divisa com Tocantins, ao norte; com a Bahia, ao nordeste; com Mato Grosso, ao oeste; com Mato Grosso do Sul, ao sudoeste; com Minas Gerais, ao leste e com o Distrito Federal, ao sul.

Desde a década de 1940, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem sido o órgão responsável pela regionalização do Brasil, trabalho que deve ter sido árduo dada a dificuldade de reorganizar um País com tamanha dimensão continental numa época em que o conhecimento sobre o povoamento, os aspectos físico-geográficos e a economia do território brasileiro ainda era, possivelmente, muito escasso. O Brasil é dividido em mesorregiões que, por sua vez, são subdivididas em microrregiões geográficas. Em todo o Brasil há 137 mesorregiões e 558 microrregiões (ARRAIS, 2003, p. 32).

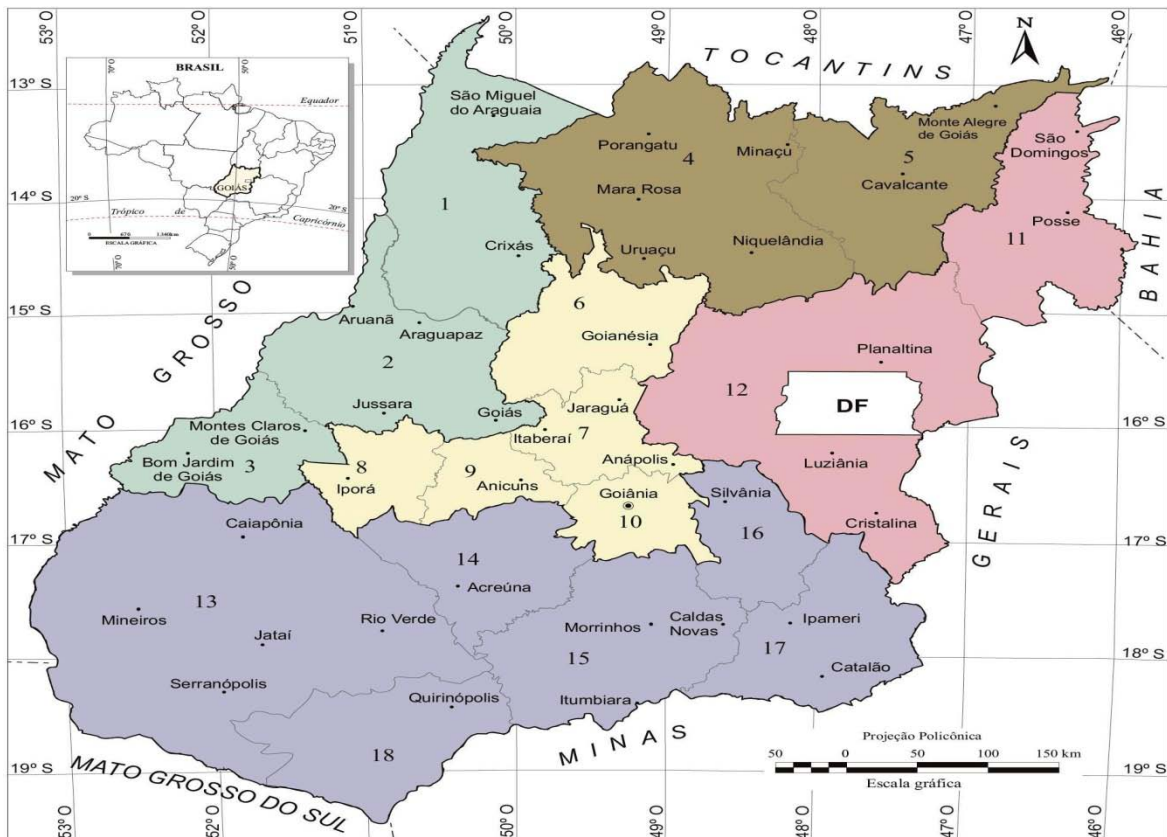
Goiás, atualmente, é regionalizado em 05 mesorregiões – *Norte de Goiás, Noroeste de Goiás, Leste de Goiás, Centro de Goiás e Sul Goiano* - e 18 microrregiões – *Chapadão dos Veadeiros, Porangatu, Entorno do Distrito Federal, Vão do Paranã, Catalão, Meia Ponte, Pires do Rio, Quirinópolis, Sudoeste de Goiás, Vale do Rio dos Bois, Aragarças, Rio Vermelho, São Miguel do Araguaia, Anápolis, Anicus, Ceres, Goiânia e Iporá*. Ao propor essas divisões, o IBGE leva em conta aspectos físicos, culturais e econômicos (FERREIRA, 1997, p. 28). Das 18 microrregiões de Goiás, 11 levam nomes que designam municípios do Estado (Porangatu, Catalão, Pires do Rio, Quirinópolis, Aragarças, São Miguel do Araguaia, Anápolis, Anicus, Ceres, Goiânia e Iporá); 05 são identificadas com nomes que recuperam elementos do quadro natural; 02 recebem nomes ligados ao relevo (Chapada dos Veadeiros, Vão do Paranã) e 03 a elementos hídricos (Meia Ponte, Rio Vermelho e Rio dos Bois); 01 tem um nome que remete ao processo de urbanização decorrente da construção de Brasília (Entorno de Brasília) e 01 recebe um nome de orientação geográfica (Sudoeste de Goiás).

Arrais (2003, p. 34), por exemplo, assim se manifesta sobre a origem dos nomes dessas microrregiões:

...os nomes das regiões revelam as características e os fatores que tiveram influência na sua conceituação. Por exemplo, ao analisarmos a regionalização da década de 1970, notamos que não havia sequer uma região em Goiás com o nome

de município, mas sim marcadas por fatores naturais, como Serra do Caiapó, Alto Araguaia, Vertente Goiana do Paranaíba etc.

O mapa, a seguir, representa o Estado de Goiás com suas divisões em meso e em microrregiões.



LEGENDA		
Mesorregiões	Microrregiões	
■ Noroeste Goiano	1 - São Miguel do Araguaia	10 - Goiânia
■ Centro Goiano	2 - Rio Vermelho	11 - Vão do Paranã
■ Leste Goiano	3 - Aragarças	12 - Entorno de Brasília
■ Sul Goiano	4 - Porangatu	13 - Sudoeste de Goiás
■ Norte Goiano	5 - Chapada dos Veadeiros	14 - Vale do Rio dos Bois
	6 - Ceres	15 - Meia Ponte
	7 - Anápolis	16 - Pires do Rio
	8 - Iporá	17 - Catalão
	9 - Anicuns	18 - Quirinópolis

FONTE:
Departamento de Estradas de Rodagem - DER-GO.
Mapa Rodoviário Estadual, Escala 1:1.000.000, 1999
(base cartográfica).
IBGE, Divisão de Pesquisa de Goiás. Composição
das Mesorregiões do Estado de Goiás, 1996.

ORGANIZAÇÃO:
Tadeu Alencar Arrais
Cartografia digital:
Loçandra Borges de Moraes

Mapa 2 – Estado de Goiás em mesorregiões e microrregiões²².

A história de Goiás registra os muitos acontecimentos históricos, sociais e econômicos que impulsionaram o desenvolvimento do Estado, além dos recursos hídricos e biogeográficos existentes em toda a sua extensão.

²² Fonte: Goiás. Estado de Goiás: mesorregiões, microrregiões e principais cidades – 2000. Disponível em: <<http://www.observatoriogoias.com.br/observatoriogoias/mapa.htm>>. Acesso em: 20.jul.2008.

Goiás possui uma rica flora e uma fauna invejável. O cerrado é a vegetação típica do Centro-Oeste e, por consequência, do estado de Goiás, estendendo-se a vários outros estados do País, como, por exemplo, Minas Gerais, Bahia, Tocantins, Maranhão, Mato Grosso do Sul, região sul de Mato Grosso e Distrito Federal (SOUZA; CARVALHO, 2002, p. 37). Em termos de vegetação, o cerrado reúne árvores e arbustos geralmente distantes uns dos outros, com troncos e galhos retorcidos, casca grossa e folhas recobertas por pêlos, fatores que ajudam a vegetação a enfrentar os longos períodos de seca, típicos do clima dessa região. Reúne ainda flores, como as orquídeas e as bromélias, frutos, como o pequi – fruta nativa e muito usada em pratos típicos – e mais de 100 espécies de plantas que podem ser utilizadas com fins medicinais (MANSUR, 1998, *apud* SOUZA; CARVALHO, 2002, p.37-39).

Nesse particular, Casal (1976, p. 147) registra que

Há variedades de plantas medicinais; diversidade de palmeiras; árvores que dão casca para cortumes, boa cinza para decoadas: conhecem-se os grandes jatobás, que suam a goma copal; os angicos que dão outra alambreada: o pau-brasil, e o estimado sebastião-de-arruda são quase inúteis por causa da grande distância, em que ficam dos portos. A planta do tabaco recompensa bem o trabalho, quando cultivada em terreno substancioso, ou bem esterçado. Do fruto das mamoeiras se extrai azeite para luzes. O algodoeiro prospera em muitas partes, e a sua lã fomenta um ramo de indústria, que começa a variar a benefício do provo. As canas-de-açúcar são cultivadas em vários distritos, e entretêm muitos engenhos; do seu suco a maior parte é reduzida à aguardente e rapaduras. Farinha de mandioca, milho, e legumes são as mais abundantes produções da agricultura.

A fauna, por sua vez, é riquíssima e abriga animais de variadas espécies, como capivaras e antas, às margens dos rios e riachos. Nas matas, onças, tamanduás, macacos, emas, seriemas e pássaros de variadas espécies enriquecem a fauna, além de peixes e anfíbios nos rios e lagos, espalhados por todo o Estado.

Todos esses animais e plantas são de grande importância para a biodiversidade do Estado e serviram, também, como motivação para a nomenclatura dos acidentes físicos e humanos do universo aqui pesquisado. Casal (1976, p. 147), ao tratar da questão da fauna no estado de Goiás, assinala que

os veados, por toda a parte numerosos, fornecem com suas peles um ramo de comércio. As onças, antas, porcos do mato, lobos, ou guarás, macacos, tamanduás, raposas, cotias, quatis, pacas, com outras muitas espécies de quadrúpedes comuns às províncias vizinhas, são aqui mui conhecidas, e geralmente perseguidas: dumas aproveita-se-lhes a carne, doutras a pele, e de algumas uma e outra. As perdizes, e emas encontram-se freqüentemente nos descampados: os mutuns habitam nos bosques, e com seu lúgubre canto chamam o caçador, que não lhes perdoa: conhecem-se bem os tucanos, os pombos procazes, as aracuãs, as arapongas, os jacus. Grande parte destes viventes morrem freichados pelos selvagens, que os comem sem sal, nem algum outro tempero.

Todos os animais exóticos do cerrado ornamentam a paisagem do Estado e, por consequência, a microrregião de Quirinópolis que, por sua vez, possui um relevo caracterizado pela presença de planaltos e de chapadas, cachoeiras, quedas d'água e corredeiras que dão uma beleza especial à paisagem. O Salto do *rio Verdinho*, localizado no município de Itarumã, por exemplo, chama a atenção pela beleza e se configura como um ponto turístico da microrregião.

Em decorrência dessas características das áreas hídricas, a navegação nos rios da região é considerada perigosa. O governo brasileiro tem investido no planejamento e na construção de hidrovias, dentre elas, a do Tietê-Paraná, que já trouxe benefícios para o escoamento de soja e outros grãos do sul de Goiás. Usando o rio Paranaíba, na divisa com Minas Gerais, que, ao encontrar-se com o rio Grande, forma o rio Paraná, as barcaças atingem o Tietê (SOUZA; CARVALHO, 2002, p. 53).

Os rios sempre desempenharam um papel importantíssimo na vida e na economia do homem goiano. Na época da colonização, por exemplo, favoreceram a penetração dos bandeirantes na região Centro-Oeste. Atualmente, esses rios continuam contribuindo sobremaneira para o progresso do Estado como fonte de energia elétrica, além de propiciar o turismo, a navegação e a pesca.

A microrregião de Quirinópolis, região aqui estudada, é banhada por rios de grande importância não só para essa região, como também para todo o estado de Goiás e estados circunvizinhos, como Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Destacam-se, dentre eles, o rio Paranaíba – divisor de Goiás com Minas Gerais - e o rio Aporé – afluente do rio Paranaíba que separa Goiás de Mato Grosso do Sul. O Mapa 3, apresentado a seguir, aponta para a riqueza da microrregião de Quirinópolis em termos de recursos hídricos.



Mapa 3 - Bacia hidrográfica do rio Paranaíba²³.

Observando o Mapa 3, percebe-se a presença dos sete rios que banham a microrregião estudada: *Aporé, Corrente, Paranaíba, Verde, Claro, Preto e dos Bois*.

A forte presença de traços hidrográficos (rios, córregos, ribeirões, cachoeiras) e de várias espécies de plantas e de animais na microrregião de Quirinópolis justifica a considerável presença de topônimos de natureza hidronímica, fitotoponímica e zootoponímica no universo aqui pesquisado. No processo de ocupação do estado de Goiás, percebe-se que os desbravadores, em suas bandeiras e monções, muito se valiam dos recursos hídricos, da fauna e da flora da região. O item seguinte deste Capítulo trata do processo de *Descobrimto de Goiás*.

²³ Fonte: ANA – Agência Nacional de Águas. *Bacia hidrográfica do rio Paranaíba*. Disponível em: <http://www.paranaiba.cbh.gov.br/site/mapas/BaciaRioParanaiba_RegioesHidrograficas.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2008.

2.2 O Descobrimento de Goiás

Quando os europeus chegaram ao Brasil (século XVI), encontraram índios, habitantes nativos e antigos de uma terra rica em possibilidades de vida. Na época milhares de índios espalhavam-se pelo País agregados a diferentes tribos. Souza e Carvalho (2002, p. 8) assinalam que em Goiás viviam os goyaze, os xavante, os kayapó, os kanoeiro e os kapepuxi, que tinham como maior preocupação a defesa de seus territórios. Pohl (1976, *apud* ATAÍDES, 2006, p. 59-60), por sua vez, destaca a existência de mais dezesseis tribos em território goiano: Krixá, Araés, Apinajé, Temimbó, Amadu, Xerente, Tapirapé, Poxeti, Karajá, Gradaú, Tecemedu, Guiaguçu, Porecramecrã, Curemecrá, Akroá e Xacriabá.

Nos dois primeiros séculos do Brasil Colônia, os colonizadores portugueses ficaram concentrados no litoral e não se interessaram, naquele momento, pela ocupação ou exploração das terras do interior do Brasil, pois a cana-de-açúcar, plantada por escravos e negros no litoral, prendia toda a atenção dos brasileiros.

Essa situação mudou quando, por volta de 1700, descobriram ouro bem longe do litoral, em Minas Gerais, em Goiás e em Mato Grosso, regiões até então desconhecidas e inexploradas. Na atualidade, o estado de Goiás representa o resultado de muita luta e trabalho de povos de diversas etnias que o escolheram como lugar para angariar riquezas e sonhar com um futuro promitente.

A ocupação do sertão goiano aconteceu em decorrência das bandeiras paulistas²⁴, expedições com centenas de homens que saíam de São Paulo em direção ao interior, seguindo o curso dos rios à caça de índios e à procura de ouro e pedras preciosas (SOUZA; CARVALHO, 2002, p. 10). O ouro em Goiás era encontrado em rios ou em veios junto à superfície, o que facilitava a exploração desse metal precioso.

Muitas bandeiras cruzaram os sertões brasileiros, chegando a Mato Grosso, a Goiás e até a Amazônia. Nesse contexto, importa assinalar aqui a relação entre o Triângulo Mineiro e Goiás em termos de processo de ocupação. Aquele foi cortado inicialmente pelas bandeiras que demandavam as minas de Goiás, e não as de Minas Gerais (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p. 286). O autor esclarece ainda “que era trânsito forçado para os sertões goianos, e nele passava a Estrada de Anhanguera, conhecida depois como Estrada de Goiás”.

²⁴ Ferreira (2004) define *bandeira* como “expedição armada que partindo, em geral, da capitania de São Vicente (depois, de São Paulo), desbravava os sertões (fins do séc. XVI a começos do séc. XVIII) a fim de cativar o gentio ou descobrir minas”.

A maioria dos bandeirantes seguia a pé, debaixo de sol e chuva, pelas picadas abertas nas matas desconhecidas, enfrentando todo o tipo de perigo, como cobras, animais ferozes, graves doenças como a malária e a febre amarela, emboscadas de índios, dentre outros (SOUZA; CARVALHO, 2002, p. 11).

Nesse contexto, outro fator que merece destaque é o papel das monções²⁵ – expedições que desciam e subiam os rios com o objetivo de explorar o ouro. Após a Guerra dos Emboabas – grande conflito ocorrido na região de Minas Gerais de 1707 a 1709 – os paulistas, não podendo explorar ouro em Minas Gerais, passaram a buscar novos horizontes, descobrindo novas zonas de mineração nos atuais estados de Mato Grosso e de Goiás (MULTIRIO, 2008a).

Cada monção era uma viagem difícil devido às inúmeras corredeiras, febres, insetos venenosos, piranhas e também ataques de índios, defendendo suas terras.

A figura 5 a seguir ilustra uma dessas monções pelo estado de Goiás.



Fonte: Multirio (2008a).

Figura 1 - A Partida da Monção (obra de Almeida Jr., publicada no Museu Paulista).

As embarcações das monções eram, segundo Ataídes (2006, p. 53), “relativamente frágeis e destituídas de quilhas (peças estruturais básicas que dão estabilidade à navegação)”. Eram divididas em duas: canoas de carga, que acomodavam uma variedade de mantimentos, barris e frasqueiras e os canoões – embarcações de maior capacidade, que se destinavam a cargas maiores com cerca de 4.400 kg, uma média de 80 homens.

²⁵ Expedições que subiam e desciam os rios das capitânicas de São Paulo e Mato Grosso, nos séculos XVIII e XIX (HOUAISS, 2001).

Segundo esse mesmo antropólogo, os canoões eram confeccionados com a madeira *peroba*, espécie abundante nas margens dos rios, de característica resistente.

Goiás era conhecido e percorrido pelas bandeiras e monções já no primeiro século da colonização do Brasil, mas o seu povoamento só ocorreu em virtude do descobrimento das minas de ouro no século XVIII: “As primeiras bandeiras eram de caráter oficial e destinadas a explorar o interior em busca de riquezas minerais, e outras empresas comerciais de particulares organizadas para captura de índios” (PALACIN; MORAES, 1989).

Estudos sobre a história de Goiás registram que o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera²⁶, foi o descobridor de Goiás. Todavia, isso não significa que ele foi o primeiro bandeirante a chegar ao território que hoje pertence a esse estado, e sim, o primeiro a ter intenção de se fixar ali. Para Silva e Souza (1995, *apud* SOUZA; CARVALHO, 2002, p. 11), Manuel Corrêa foi o primeiro a chegar ao território dos índios goyaz, que acabaram emprestando o nome às terras de Goiás.

No ano de 1673, o paulista Bartolomeu Bueno da Silva organizou uma bandeira com 800 homens que, ao seguir o curso dos rios Tietê e Paranaíba, alcançou a aldeia dos goyaz, na Serra Dourada, junto ao rio Vermelho. Nessa expedição encontrou muito ouro e muita força de trabalho (índios), ocorrendo, assim, o apresamento²⁷ de índios para atuarem como força de trabalho. Outra expedição foi a do filho de Bartolomeu Bueno da Silva, com o mesmo nome que, depois de muitos anos (1722), percorreu o sertão goiano, encontrando muitas jazidas de ouro. Por essa descoberta ele foi recompensado pelo governo português que lhe deu o direito de explorar o ouro e também algumas terras.

Segue o Mapa 4 com o percurso percorrido por desbravadores do sertão brasileiro, inclusive de Bartolomeu Bueno da Silva – pai – que saiu de São Paulo em busca de riquezas e de mão-de-obra escrava para angariar o direito das novas terras no sertão brasileiro.

²⁶ Conta a lenda que diante da negativa dos índios de informar a Bartolomeu sobre o lugar de onde retiravam as peças de ouro com que se adornavam, o bandeirante despejou aguardente num prato e a queimou, dizendo aos indígenas que o mesmo faria com a água de todos os rios e nascentes da região, caso não lhe fossem mostradas as minas. Apavorados, os índios o levaram imediatamente às jazidas, chamando-o de anhanguera, que significa diabo velho em tupi (FERREIRA, 2004).

²⁷ Ato ou efeito de apresar; captura (HOUAISS, 2001).



Mapa 4 – Rota das bandeiras de apresamento²⁸.

O tópico seguinte focaliza aspectos históricos relativos à colonização do Estado, com destaque para o papel das bandeiras desbravadoras do sertão e a importância dos povos autóctones desse espaço geográfico, sobretudo os Kayapó do Sul.

2.3 O colonizador, as bandeiras e os índios kayapó do Sul

No período de colonização de Goiás, os povos indígenas muito contribuíram para a ocupação e formação do Estado. Zambellini (2008, p. 36-37), sobre os povos autóctones de Goiás, assinala que

Saint-Hilaire afirma que por ocasião de sua viagem, Goiás era a Província que mais índios possuía “... a população portuguesa derrama nesta capitania não fora nunca suficientemente intensa para aniquilá-los todos. Com muito custo conseguira-se reunir certo número em aldeias; os outros viviam inteiramente selvagens nas matas e nos lugares mais desertos”.

²⁸ Fonte: MULTIRIO. Bandeiras de apresamento. Empresa municipal de Multimeios LTDA. Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: -www.multirio.rj.gov.br/.../imagem5-13.jpg-. Acesso em: 21.jul.2008b.

Na região Centro-Oeste, onde se localiza o Estado de Goiás, a etnia sobre a qual se tem relatos é a Kayapó²⁹, índios guerreiros que muito dificultaram o processo de colonização com os seus ataques.

As bandeiras, por sua vez, transportavam quantidade considerável de mantimentos em decorrência do longo período que ficavam em viagem. Porém, não eram suficientes e, por isso, os bandeirantes se valiam das grandes lavouras de batata, que os índios Kayapó do Sul plantavam e também da coleta de palmito, marmelo, jabuticaba, jenipapo, coco e mel (ATAÍDES, 2006, p. 56). Quando Bartolomeu Bueno da Silva, o *Anhangüera* (filho), viajou até as minas dos Goyaz, no ano de 1722, reunia em sua bandeira índios exclusivos para conduzir a carga e obter o alimento retirado da natureza. As bandeiras de um modo geral ocupavam os índios como mão-de-obra, pois eles eram fortes e já adaptados ao meio, diferentemente dos bandeirantes vindos de centros urbanos.

Sergio Buarque de Holanda (1975, *apud* ATAÍDES, 2006, p. 57-58) aponta inúmeras tarefas desempenhadas pelos índios nas bandeiras, dentre outras, a capacidade de confeccionar cartas cartográficas; a atuação como intérpretes nos contatos com outros grupos; o desenho, nas margens dos rios e rochas, de animais que ali existiam; a confecção e a condução das embarcações; o conhecimento do território e dos recursos alimentícios ali presentes e, também, da flora e da fauna; a caça de animais adequados para alimentação; a colheita de plantas adequadas para fins medicinais e a colaboração nas medições, dimensionadas a partir das flechas.

Nesse contexto, merece destaque a posição de Diégues Júnior (1960, p. 57) que, bem antes de Sergio Buarque de Holanda (1975), mencionado alhures, já assinalava a importância dos autóctones no processo de ocupação humana

Nesse processo de ocupação humana a participação do indígena faz-se à larga, torna-se necessária, revela-se indispensável. O indígena conhecia os segredos da terra, sabia traduzi-los e utilizá-los; são os indígenas canoeiros e remeiros, onde é preciso usar os rios; são guias e mateiros, onde é preciso desbravar o mato e abrir caminhos; são eles que ensinam o uso das árvores nativas, raízes ou frutos, para a alimentação, e sabem as plantas onde se conserva água para dessentendar os viajantes; são eles que transmitem técnicas de caça e de pesca, logo aceitas pelo colonizador; são eles ainda que perscrutam os caminhos, descobrem os segredos da mata, atentam contra os perigos de feras ou de inimigos.

A Figura 6, na sequência, ilustra uma das utilidades dos índios na época do processo de colonização: mão-de-obra.

²⁹ **Kayapó** – Na grafia do termo *Kayapó*, para referir-se ao nome desse povo e de sua língua, obedecemos a uma convenção promovida, em 1953, pela Associação Brasileira de Antropologia. De lá para cá, não só antropólogos, mas também lingüistas, indigenistas e missionários utilizam a grafia para não causar estranheza dos leitores que não estão acostumados com os escritos sobre línguas e culturas dos povos indígenas do Brasil (RODRIGUES, 1994, p. 10).



Fonte: TORRES (2008).

Figura 2 - A lida dos índios no processo de colonização.

Dentre as etnias já mencionadas, merecem destaque também os índios Goyaz, de cuja denominação se originou o nome do Estado de Goiás. Segundo Ataídes (2006, p. 60),

são quase desconhecidos da historiografia goiana. Sabe-se que viviam próximos à capital e que desapareceram logo no início dos contatos, sendo que as primeiras e escassas notícias da região vinham de expedições enviadas ao interior da colônia e dos bandeirantes que buscavam mão-de-obra indígena e metais preciosos. Essa atividade de sertanista se intensificou no século XVIII, sem nenhuma preocupação de identificar os povos nativos.

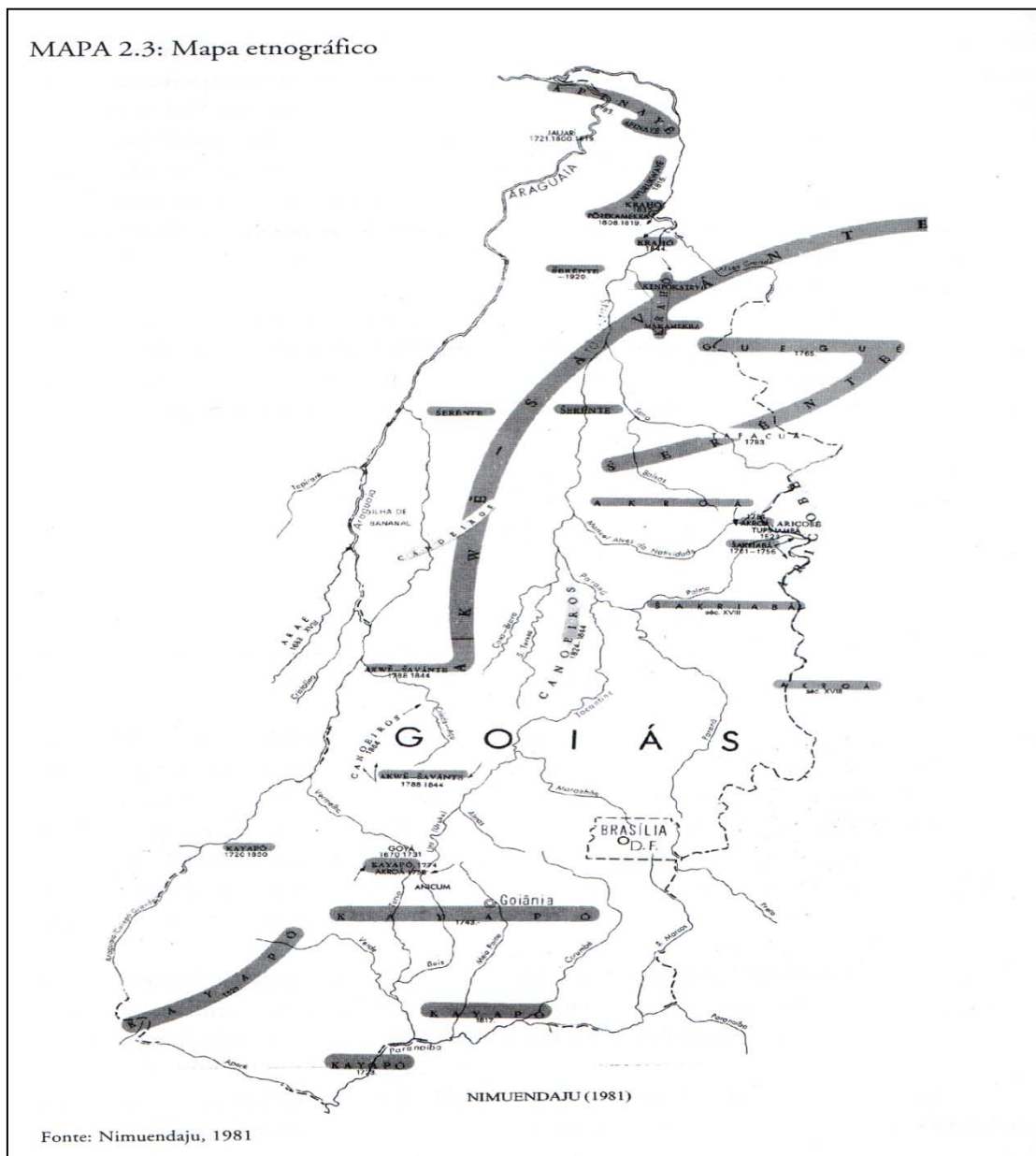
Já os Kayapó do Sul são bastante conhecidos por terem sido um povo guerreiro, horticultor, caçador e coletor. Esses índios defendiam seu território, atacando fazendas, minas e arraiais, servindo de empecilho para os colonizadores, até o final do século XIX e início do século XX, quando foram dizimados (ATAÍDES, 2006, p. 60). Por isso, demos destaque nesta pesquisa a essa etnia, uma vez que serviram de obstáculo ao empreendimento povoador e minerador, como bem salienta esse mesmo autor:

Sob esta perspectiva, os empecilhos a esse empreendimento povoador e minerador estavam relacionados à pré-ocupação da terra pelos indígenas. Eles representariam um obstáculo à tomada da terra e às perspectivas do enriquecimento fácil. O grupo Kayapó do Sul pode ser lido aqui como um exemplo claro desse obstáculo (ATAÍDES, 2006, p.60).

Esses índios guerreiros travavam guerra com os aventureiros paulistas logo após a descoberta, por esses últimos, da Província de Goiás. Sobre o assunto, Saint-Helaire (1975, p. 63) esclarece que

A guerra se desencadeava com igual crueldade de ambos os lados. Os Caiapós atacavam de surpresa as tropas de burros que vinham de S. Paulo, tendo forçado os portugueses a abandonarem vários postos estabelecidos por eles na parte setentrional da província do mesmo nome.

O Mapa 5, a seguir, visualiza toda a área ocupada pelos kayapó até meados do século XIX.



Mapa 5 – Mapa etnográfico com destaque para a localização dos índios Kayapó no Estado de Goiás até meados do século XIX (ATAÍDES, 2006, p. 61).

O mapa etnográfico citado evidencia a presença dos índios Kayapó em todo o estado de Goiás. No Brasil, há registros históricos da existência de dois grandes grupos Kayapó: o do Norte e o do Sul. Os Kayapó do Sul, aos quais estamos dando ênfase neste estudo, pela

sua localização (sul do Estado de Goiás onde se localiza a microrregião aqui pesquisada), denominavam uma extensa área que, para Ataídes (2006, p. 64),

[...] ia de Camapuã, no atual Mato Grosso do Sul, às áreas do Sul de Goiás, incluindo, como pontos mais setentrionais, os arredores das cidades de Goiás, Pirinópolis e Luziânia. A leste, o território Kayapó do Sul se estendia além do Rio Paranaíba, onde hoje é o Triângulo Mineiro (MG), e do Rio Paraná (SP). A documentação indica a presença de aldeias, sobretudo na altura em que o Rio Grande encontra o rio Paranaíba (MG) e nas proximidades da foz do Rio Tietê (SP). As maiores concentrações populacionais encontravam-se, conforme documentação disponível, nas áreas de Camapuã (MS) e nos vales dos rios Kayapó e Claro (GO).

Esse mesmo pesquisador assinala que tanto os Kayapó do Sul quanto os do Norte pertencem ao mesmo tronco linguístico – Macro-Jê³⁰. Essa divisão decorre do crescimento da população e dos conflitos com outros grupos, acarretando a sua separação e a migração de parte dos índios Kayapó para o norte de Goiás. Ataídes (2006, p. 62), assinala que, na literatura etnográfica, há imprecisões acerca da origem do significado do termo Kayapó. Saint-Hilaire, por exemplo, após sua viagem à província de Goiás, escreveu o seguinte sobre a origem do nome Kayapó:

os portugueses deram não sei por que o nome Koyapó ou Kayapós a esses indígenas [...] parece que um grupo deles, que ainda vive nas matas, sem nenhuma outra tribo nas vizinhanças, não tinha nome que os identificasse, e por isso passaram a usar a palavra Panariá a fim de se distinguirem, como raça, dos negros e dos brancos. De onde se deve concluir, ao que me parece, que essa palavra passou a ser usada posteriormente à descoberta, bastante recente, da região, e que antes dessa época os Kayapós, provavelmente, se julgavam sozinhos no Universo (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 66).

Já Houaiss (2001) registra que o termo Kayapó é de origem tupi e corresponde aquilo que “traz fogo na mão, incendiário, queimador”. Essa mesma definição é fornecida por Silveira Bueno (1967, apud ATAÍDES, 2006, p. 62).

Percebe-se, pois, que, em decorrência do contato entre índios e brancos, foram surgindo histórias que retratam o processo de colonização do Estado de Goiás. Em meio a essa história de contato, merecem destaques as atividades econômicas do Estado que serão tratadas na sequência.

2.4 Atividades econômicas no estado de Goiás

O estado de Goiás é formado, predominantemente, por chapadas recobertas por campos e cerrados. A região meridional é propícia à atividade agropastoril, especialmente

³⁰ O tronco Macro-jê compreende um grande número de famílias linguísticas. Dentre elas, o constituinte maior desse tronco é a família Jê, que compreende línguas faladas, sobretudo nas regiões de campos cerrados que se estendem do sul do Maranhão e do Pará, em direção ao sul, pelos Estados de Goiás e Mato Grosso, até os campos meridionais dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (RODRIGUES, 1994, p. 47-48).

no que diz respeito à criação extensiva de bovinos. Arbex Jr e Olic (1996, p. 48-49), por exemplo, esclarecem que, até meados dos anos 40 do século XX, “o povoamento era, no entanto, rarefeito. A pecuária regional tinha como objetivo fornecer gado em pé para ser recriado e engordado em invernadas paulistas”. Da mesma forma, a agricultura também começa a crescer junto à vertente goiana do rio Paranaíba (microrregião de Quirinópolis), onde se destacou sobremaneira a lavoura de arroz e, posteriormente, atividades agrícolas como o cultivo de milho, mandioca, feijão, soja, abacaxi.

Arrais (2003, p. 41-42) ressalta que o milho, o arroz e a soja constituíam os principais produtos agrícolas goianos. Depois, seguem a cana-de-açúcar e o algodão herbáceo. Durante muito tempo, séculos XIX e XX, o arroz foi considerado como cultura tradicional goiana e, na atualidade, século XXI, perdeu lugar à soja. Sobre essa questão, esse mesmo autor assinala que, assim como a população, a produção agropecuária não está distribuída regularmente no território goiano. A distribuição da agricultura e da pecuária no território esteve e está dependente de financiamentos, crédito agrícola, das condições ecológicas, do investimento dos grandes fazendeiros e empresários do campo, assim como dos pequenos agricultores, responsáveis pela produção de alimentos tradicionais, como o feijão, o arroz e a mandioca.

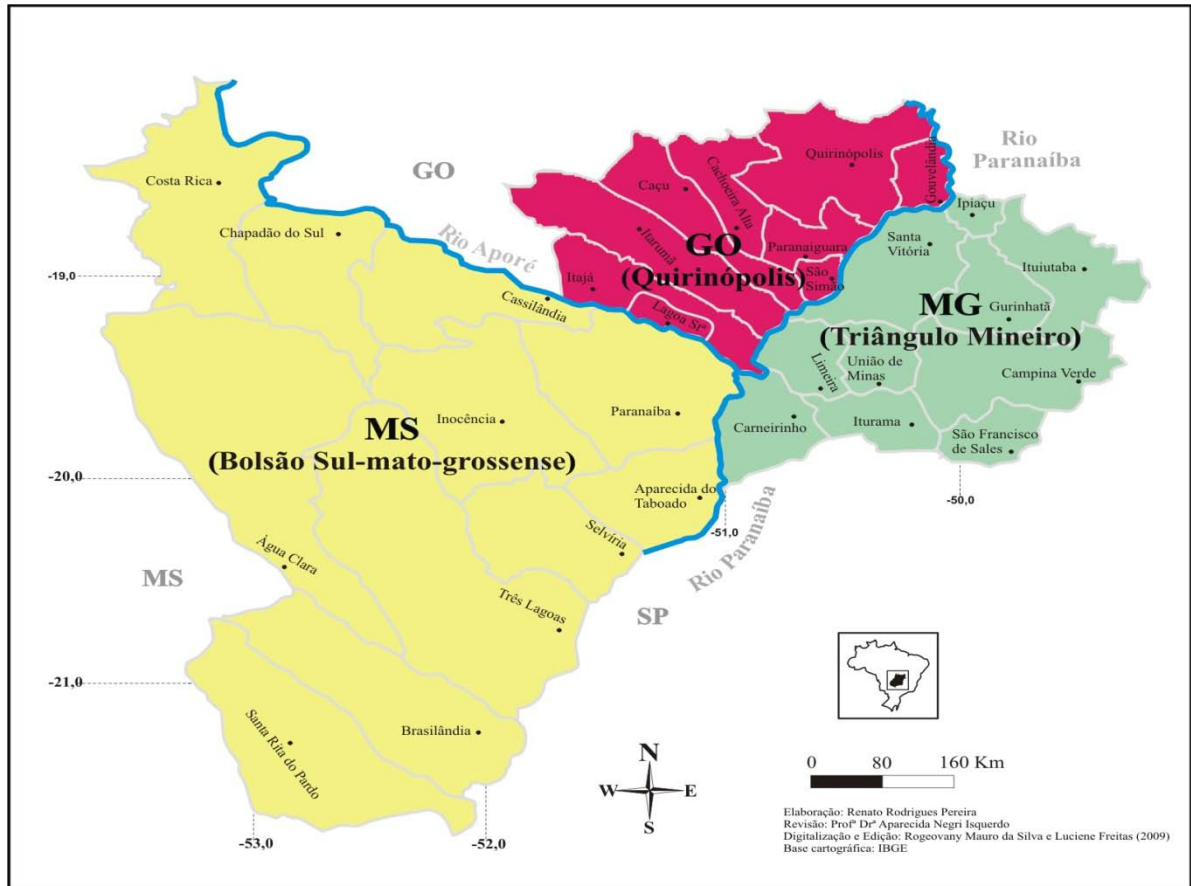
A soja e o arroz continuam sendo as principais lavouras da agricultura regional, compartilhando essa importância com a pecuária – uma das grandes atividades econômicas do cerrado. No universo pesquisado, e também na microrregião do Sudoeste de Goiás, “já se pratica o confinamento de gado com o objetivo de deixar mais terras para a produção agrícola” (ARBEX JUR; OLIC, 1996, p. 49).

O item, a seguir, apresenta algumas considerações histórico-geográficas sobre a microrregião de Quirinópolis e os Estados vizinhos – Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

2.5 Microrregião de Quirinópolis e sua relação com Estados circunvizinhos

Como já informado, a microrregião de Quirinópolis é composta pelos municípios de Lagoa Santa, Itajá, Itarumã, Caçu, Cachoeira Alta, Paranaiguara, São Simão, Quirinópolis e Gouvelândia. Além de manter as características gerais do Estado, no que se refere a aspectos sócio-linguístico-culturais, esses municípios contribuem sobremaneira para o crescimento econômico de Goiás. A microrregião, situada ao sudoeste do Estado de Goiás, faz divisa com Minas Gerais, ao sudeste, e Mato Grosso do Sul, sudoeste. Essa proximidade, pelo que se percebe pelos relatos históricos, acarreta fortes relações sociais,

históricas, políticas, econômicas e até mesmo linguísticas. O mapa a seguir ilustra em termos cartográficos o universo pesquisado (microrregião de Quirinópolis) e as regiões do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e do Triângulo Mineiro (MG).



Mapa 6: Microrregião de Quirinópolis, região do Bolsão Sul-mato-grossense e municípios do Triângulo Mineiro.

A região do Triângulo Mineiro era conhecida como Sertões da Farinha Podre. Encontramos duas versões para o antigo nome. Coutinho (2009) registra nesse sentido a versão de dois historiadores: Antônio Borges Sampaio e Gabriel Toti. Segundo o primeiro, esse nome teria se originado do fato de viajantes terem deixado sacolas de farinha dependuradas em árvores ou escondidas em locas, nas proximidades da estrada por onde viajavam. Já o segundo registra que o nome deriva do fato de terem se instalado na região famílias provenientes de uma região de Portugal, denominada de Farinha Podre.

O primeiro núcleo populacional, na região do Triângulo Mineiro, estabeleceu-se, inicialmente, em um local chamado Tabuleiro, às margens do rio das Velhas, onde se fixavam “aventureiros que iam para Goiás ou de lá regressavam” (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p. 287). Segundo Isquerdo e Seabra (2008, p. 01), o povoamento da região do Triângulo Mineiro iniciou-se no segundo quartel do século XVIII, “quando, com o

escasseamento das minas do Campo das Vertentes, de Ouro Preto e Sabará, o interesse dos bandeirantes recaiu sobre as terras do Triângulo”. Porém, o desenvolvimento da localidade somente aconteceu por volta do século XIX com a ocupação da região pelas primeiras fazendas, iniciado pelo sistema de sesmarias. O sistema exigia que o então proprietário fertilizasse a terra para produção. Caso isso não acontecesse, a terra seria repassada a outro agricultor que tivesse interesse em cultivá-la. Nesse período tem início a criação de gado e também o declínio da exploração do ouro e de pedras preciosas no interior do Brasil.

Diegues Júnior (1960, p. 286) assinala ainda que, do ponto de vista cultural, essa região mineira “liga-se a esta região Centro-Oeste, ou de particular ao desenvolvimento da área de mineração goiana, a atividade de criatório desenvolvida na zona hoje chamada Triângulo Mineiro”. Na sua proposta de divisão do Brasil em regiões culturais, o autor insere essa área de Minas Gerais na região cultural Centro-Oeste, espaço geográfico onde insere os estados de Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais. Nesse sentido, Seabra (2008, p. 1951) assinala que, embora sendo uma região pertencente ao estado de Minas Gerais, há características que particularizam o Triângulo, destacando-a das demais regiões de Minas Gerais. As bandeiras paulistas que desbravaram a região do Triângulo, por exemplo, passavam pelas minas de Goiás antes de adentrarem o território das “Gerais”. Segundo Diegues Junior (1960, p. 286), o território do Triângulo Mineiro “era trânsito forçado para os sertões goianos, e nele passava a Estrada de Anhanguera, conhecida depois como Estrada de Goiás”.

O Bolsão sul-mato-grossense, por sua vez, é o nome regional³¹ de uma faixa de território localizada ao nordeste de Mato Grosso do Sul, fronteira com os Estados de Goiás, de Minas Gerais, de Mato Grosso e de São Paulo, que compreende 11 municípios. O povoamento da região do Bolsão iniciou-se por volta de 1828, com a chegada de fazendeiros de Minas Gerais (DARGEL, 2003, p. 30). Nessa época, a região era habitada pelos índios Kayapó, assim como a microrregião de Quirinópolis e boa parte do Triângulo Mineiro. Por causa da presença da etnia Kayapó, por muito tempo, a região do Bolsão foi denominada de Caiapolândia.

O processo de ocupação da região, segundo Isquerdo e Seabra (2008, p.01), é creditada à pecuária extensiva – “motivo econômico da ocupação da região do Bolsão no final do século XVIII (1751) e início do século XIX (1830)”. As autoras assinalam que essas datas registram a chegada de exploradores mineiros que posteriormente atraíram

³¹ A região do Bolsão abriga três regiões administrativas do IBGE: microrregiões de Paranaíba, de Cassilândia e de Três Lagoas.

novos migrantes mineiros e paulistas para o espaço geográfico que, posteriormente, deu origem ao município de Paranaíba.

Dargel (2003, p. 32), ao tratar da origem do topônimo Bolsão, esclarece que essa região era muito isolada e, por isso, o acesso a ela era muito difícil, inclusive essa dificuldade se estendia ao acesso entre os municípios do próprio Estado. Segundo a mesma pesquisadora, era mais fácil viajar de Cassilândia (MS) para Goiás e para São Paulo do que para Campo Grande, atual capital do Estado; de Paranaíba (MS) para Minas Gerais e Goiás; de Aparecida do Taboado (MS) para São Paulo; ou de Três Lagoas (MS) para São Paulo.

Esses dados de natureza histórico-geográfica demonstram que muitos condicionantes ambientais, sociais e históricas justificam a proximidade entre a microrregião de Quirinópolis, a região do Bolsão Sul-mato-grossense e parte do Triângulo Mineiro.

Os municípios da microrregião de Quirinópolis, a exemplo do Bolsão, foram colonizados não somente por paulistas, mas principalmente por mineiros, haja vista que a história dos municípios dessas duas microrregiões registra a forte presença de colonizadores oriundos de Minas Gerais.

Assim como Seabra (2008, p. 1951) assinala que o Triângulo particulariza-se dentre as demais regiões do Estado de Minas Gerais e como Dargel (2003, p. 32) esclarece que “a região do *Bolsão* era realmente uma área isolada e possui características diversas das outras regiões de Mato Grosso do Sul”, pontuamos que a microrregião de Quirinópolis também possui particularidades que a diferenciam das demais regiões de Goiás, sobretudo no que diz respeito a proximidades linguístico-culturais com os Estados vizinhos – Mato Grosso do Sul e Goiás. Essas particularidades serão demonstradas ao longo deste trabalho com dados da toponímia desses espaços geográficos.

No Capítulo 3, a seguir, apresentamos o *corpus* desta pesquisa.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Este capítulo foi destinado à apresentação do acervo léxicotoponímico inventariado para esta pesquisa, referente aos nove municípios da microrregião de Quirinópolis. O mapa a seguir situa a área pesquisada no Estado de Goiás.



Mapa 7 – Localização geográfica da microrregião de Quirinópolis no Estado de Goiás.

O conjunto de 942 topônimos extraídos dos mapas consultados foi distribuído em dez quadros dispostos na sequência deste Capítulo.

Considerando a natureza da pesquisa toponímica e seguindo a metodologia dos projetos ATB e ATEMS, a fonte primária dos dados aqui apresentados foram os mapas oficiais, mais especificamente, as folhas topográficas do IBGE, na escala de 1:100.000. Segundo Dick (1999, p. 132), os mapas oficiais correspondem ao documento básico e

primário para a análise dos topônimos, pois, por se tratar de uma pesquisa da toponímia oficial, a documentação cartográfica se coloca como a fonte de pesquisa mais confiável. No universo pesquisado, foram consultadas 11 (onze) folhas topográficas do IBGE, que cobrem a região pesquisada, listadas no Quadro 1:

NOME DA FOLHA	NÚMERO
Aporé	SE-22-Y-B-V
Cachoeira	SE-22-Y-D-III
Cachoeira alta	SE-22-Z-A-IV
Caçu	SE-22-Y-B-VI
Cassilândia	SE-22-Y-D-II
Foz do Rio Doce	SE-22-Y-B-III
Gouverlândia	SE-22-Z-A-I
Quirinópolis	SE-22-Z-A-II
Santa Vitória	SE-22-Z-A-V
São Domingos	SE-22-Z-C-I
Serranópolis	SE-22-Y-B-II

Quadro 1 – Identificação das folhas topográficas do IBGE dos municípios pesquisados (escala: 1:100.000).

Nesta pesquisa, foram seguidas as seguintes etapas para a constituição e análise do *corpus*: 1) aquisição das folhas topográficas do IBGE referentes aos municípios que integram a microrregião de Quirinópolis; 2) levantamento dos topônimos dos acidentes físicos e humanos³² registrados nas folhas topográficas relativas aos 09 municípios que integram o universo pesquisado; 3) pesquisa de dados sobre a região pesquisada nos *sites* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em *sites* dos municípios da área investigada; 4) contatos *in loco* com moradores antigos ou pessoas conhecedoras da região a ser pesquisada, quando houve a necessidade de esclarecimentos de questões específicas relativas aos topônimos em análise e/ou contatos por telefone e fax, quando não foi possível a pesquisa *in loco*; 5) consulta a livros de história e de geografia do estado de Goiás e dos municípios que integram a microrregião pesquisada; 6) preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004), adaptada a um quadro onde os dados são apresentados; 7) análise dos topônimos, considerando questões linguísticas e extralinguísticas, adotando, para tanto, o modelo teórico de DICK (1990, 1992) e as

³² Limitamo-nos aqui somente ao estudo dos acidentes humanos referentes aos nomes dos municípios do universo pesquisado.

orientações metodológicas dos projetos ATB/ATEMS; 8) análise das taxas mais produtivas em termos de motivação toponímica; 09) estudo comparativo entre os dados inventariados para esta pesquisa e os do Projeto ATEMIG (Triângulo Mineiro) e do ATEMS (Bolsão Sul-mato-grossense), com vistas a identificar possíveis “isoglossas toponímicas”, na fronteira de Goiás com Minas Gerais e com Mato Grosso do Sul³³.

Apresentamos de maneira mais detalhada, na sequência, a forma de organização do *corpus*, e as referências bibliográficas básicas que fundamentaram esta etapa da pesquisa.

O levantamento dos topônimos dos acidentes físicos e humanos da microrregião de Quirinópolis resultou num conjunto de 941 designativos, 932 topônimos de natureza física e 09 de natureza humana. Assim, tomando por base a ficha lexicográfico-toponímica elaborada por Dick (2004) e os quadros propostos por Moreira (2006) e por Dargel (2003), foi elaborado um modelo de quadro para a apresentação dos dados, segundo o município, a que pertencem os topônimos inventariados. Os quadros elaborados por Dargel (2003) e por Moreira (2006) foram inspirados na ficha lexicográfico-toponímica concebida por Dick para os projetos ATB e ATESP, publicada por de Dick (2004). Moreira inovou ao inserir um cabeçalho para cada quadro, contendo: a) identificação do município; b) histórico do nome do município; c) data de instalação; d) nome(s) anterior(es); e) área; f) fonte primária; g) localização; e h) municípios limítrofes. Nesta pesquisa, inspirando-nos em Moreira, também inserimos um cabeçalho nos quadros, por entendemos a sua importância para a identificação dos dados gerais fornecidos pelo IBGE, relativos a cada município. Todavia, os quadros desta pesquisa diferem dos de Moreira (2006) por dois motivos, a saber: 1- organização sequencial dos itens da ficha – demonstrados na sequência deste capítulo; 2- não inclusão do item *fonte primária*³⁴ no cabeçalho.

De posse do *corpus*, os topônimos foram apresentados em 10 quadros que foram organizados segundo a seguinte estrutura: **CABEÇALHO**³⁵, contendo as seguintes

³³ Para o estudo contrastivo dos dados desta pesquisa com dados do ATEMIG e ATEMS, houve a necessidade de fazer um recorte dos municípios do triângulo mineiro, sendo selecionados os mais próximos a Goiás, em termos geográficos. Essa medida visou também a garantir certo equilíbrio entre o número de municípios de cada região/Estado em exame. Assim, além dos dados dos 09 municípios da microrregião de Quirinópolis, foram considerados os relativos a 10 municípios fronteiros do Triângulo Mineiro e os 11 municípios do Bolsão Sul-mato-grossense.

³⁴ Moreira (2006) utilizou mapas de diferentes procedências, por isso adicionou esse item ao cabeçalho. No caso desta pesquisa, como foram utilizadas folhas topográficas da mesma origem (IBGE) e com mesma escala - 1:100.000, esse item tornou-se dispensável.

³⁵ O cabeçalho dos quadros relativos a cada município pesquisado foi preenchido com base nos dados oficiais do IBGE, disponíveis no site <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Quando as informações fornecidas pelo IBGE não eram suficientes, foram consultadas outras fontes, como livros de história e geografia regional, sites dos municípios e consulta a moradores antigos das localidades pesquisadas, quando necessário e possível dentro dos limites desta pesquisa.

informações: a) identificação do quadro com o nome do município; b) localização do município em termos de mesorregião e de microrregião, com base na divisão político-administrativa do IBGE; c) informação sobre a data de instalação do município; d) registro da área total do território do município em questão por km², com base nos dados fornecidos pelo IBGE; e) indicação dos municípios e/ou Estados limítrofes; f) indicação dos nomes anteriores do município, quando houver; g) registro do histórico do nome do município; para o Quadro 2 – Topônimos referentes à nomenclatura dos municípios da microrregião de Quirinópolis, os itens do cabeçalho foram os seguintes: a) localização em termo de mesorregião a que pertence; b) número de municípios; c) população e, d) área total do território; **QUADRO**, com 07 colunas, dispostos da seguinte maneira: a) *topônimo* – nome oficial extraído da folha topográfica³⁶, ex. rio **Claro**; b) *acidente* – acidente geográfico que foi nomeado, ex. **rio, córrego, salto, serra**; c) *TA (tipo de acidente)* – natureza do acidente geográfico, se é **AF** (acidente físico) ou **AH** (acidente humano); d) *língua de origem* – registro da língua de origem do topônimo, ex. **LP** = língua portuguesa, **LT** = língua tupi, **LC** = língua caiapó e **LA** = língua africana; e) *etimologia* – dados sobre a etimologia dos nomes de origem indígena³⁷; f) *classificação taxionômica* – classificação dos topônimos, conforme o modelo de taxionômico adotado (DICK, 1992); g) *estrutura morfológica do topônimo* – indicação da estrutura formal do topônimo, se **simples**, quando formado por apenas um nome, ex. córrego do **Açude**; se **composto**, quando apresenta mais de um elemento em sua formação, ex. córrego **Água Fria**; se composto **híbrido**, topônimo formado por formativos oriundos de línguas diferentes, ex. bairro **Lajinha do Mutum** (AH MG) (DICK, 1992, p. 12).

Outras informações acerca dos topônimos, sobretudo os oriundos de palavras ainda não integradas ao léxico comum da língua portuguesa, e que, por vezes, são regionalismos, foram registradas em forma de nota de rodapé. O item *variante cartográfico-lexical*, que corresponde às variações relacionadas à fonética, à ortografia e ao nível lexical, no quadro de Dargel (2003), está presente em uma coluna específica. Nesta pesquisa, quando foi identificado esse tipo de informação, a variante foi inserida após o topônimo separada por uma barra. No final de cada quadro, foi informado o total de topônimos do município. No

³⁶ Quando ocorreu dupla nomeação, como em rio Aporé ou do Peixe, ou variação gráfica – córrego Rosilha < Rosilho, registramos os dois nomes separados por uma barra (/). Para a classificação taxionômica, foram consideradas as duas designações, mas, para efeito de análise, foi tomada como parâmetro somente a primeira nomeação do elemento específico.

³⁷ Por coerência com a metodologia proposta por Dick (1990 e 1992), para o projeto ATB, foi registrada a etimologia somente dos topônimos de base indígena. No caso de topônimos oriundos de outras bases, quando necessária para a elucidação do significado da palavra que deu origem ao topônimo, a etimologia e/ou comentários esclarecedores sobre o assunto foram apresentados em forma de notas de rodapé.

fechamento geral dos dados de todos os municípios, foi registrado o total geral de topônimos do *corpus*.

Os quadros para a apresentação dos dados foram numerados de 2 a 11, já que o Quadro 1 foi destinado à apresentação das folhas topográficas das quais inventariamos o *corpus* desta pesquisa.

Para a busca da etimologia dos topônimos de origem indígena, foram consultadas, sistematicamente, as seguintes obras:

- *O Tupi na Geographia Nacional*, de Theodoro Sampaio (1928);
- *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi – significados dos nomes geográficos de origem tupi*, de Luiz Caldas Tibiriçá (1985);
- *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, de Antônio Geraldo da Cunha (1999);
- *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001);
- *Novo Dicionário Aurélio eletrônico versão 5.0*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004).

Quando necessária a obtenção do significado dos signos linguísticos que deram origem aos topônimos, para fins de classificação taxionômica dos designativos em estudo, foram consultadas as seguintes obras lexicográficas:

- *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001);
- *Novo Dicionário Aurélio eletrônico versão 5.0*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004);
- *Aulete digital – Dicionário contemporânea da língua portuguesa*, de Caldas Aulete (2006).

A classificação taxionômica dos topônimos foi pautada em informações registradas pelas obras lexicográficas consultadas e em dados fornecidos por obras regionais, acerca de aspectos histórico-geográficos do Estado de Goiás.

Classificados os topônimos e a partir dos itens dispostos nos quadros, foi realizado o cadastro do *corpus* em um Banco de Dados³⁸ que foi construído para esse fim, com o

³⁸ Como a Toponímia estuda os nomes próprios de lugares (acidentes físicos e humanos), normalmente lida com uma grande quantidade de topônimos, fator que justifica a busca de auxílio em ferramentas da Informática como vistas a viabilizar a elaboração de relatórios parciais e totais acerca do recorte de dados em análise. Assim, com esse propósito investimos na criação de um banco de dados informatizado para facilitar o

objetivo de facilitar a busca de dados toponímicos específicos, a depender dos objetivos do pesquisador. Ex.: filtrar os fitotopônimos do município de Itarumã, de base tupi. Assim, o pesquisador tem acesso rápido a dados específicos de acordo com sua necessidade. De acordo com o exposto sobre a disposição dos dados, apresentamos, a seguir, o *corpus* desta pesquisa.

Quadro 2 – Topônimos referentes à nomenclatura dos municípios da microrregião de Quirinópolis.

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008).

Número de municípios: 09 (IBGE, 2008).

População: 98.966 (IBGE, 2009).

Área: 16.068, 103 km² (IBGE, 2006).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica/topônimo
Caçu ³⁹	Município	AH	LP ⁴⁰		Antropotopônimo	Simple
Lagoa Santa	Município	AH	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Itajá ⁴¹	Município	AH	LT ⁴²	Var. de Jataí. Corr. <i>Yá~atã~yba</i> . Qualidade de abelha que leva esse nome pela predileção de se aninhar em uma árvore desse mesmo nome (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple

processo de busca dos nomes. Para tanto, a partir do modelo de ficha lexicográfico-toponímica, elaborada por Dick (2004, p. 130), iniciamos a criação de uma base de dados no *ACCES* – um programa de computador usado para trabalhar com dados variados, procedimento adotado por Dargel (2003) para armazenamento dos dados do Bolsão Sul-mato-grossense na sua dissertação de Mestrado. A princípio, esse banco de dados atenderia apenas a demanda desta pesquisa. Todavia, em reunião da equipe de pesquisa do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, em março de 2008, ficou decidido que seria organizada uma base de dados mais ampla e com recursos para ser disponibilizada na rede mundial de computadores, que abrigaria não só os dados desta pesquisa, mas também os dados do projeto ATEMS e de outros projetos que possam surgir. Com esse objetivo, foi contratado o serviço do senhor Bianor Vicente Sousa Neto para a criação do Banco de Dados toponímicos que está armazenando os dados do Projeto ATEMS e os deste projeto de pesquisa. Essa base de dados tem facilitado o cruzamento dos dados e facilitado consultas dos pesquisadores para realização de análises de topônimos, dependendo dos objetivos da pesquisa.

³⁹ Leia informação sobre o nome Caçu no item *Historico do nome do município* no, disponível no cabeçalho do Quadro 3 – Topônimos dos acidentes físicos de Caçu, p. 76.

⁴⁰ LP – Língua Portuguesa.

⁴¹ O topônimo **Itajá** resulta em uma inversão de **Jataí**, em homenagem à cidade-mãe da qual foi emancipada (IBGE, 2009).

⁴² LT – Língua Tupi.

Itarumã ⁴³	Município	AH	LT	Tupi: <i>taru'mã</i> planta da fam. das verbenáceas (HOUAISS, 2001)	Fitotopônimo	Simple
São Simão	Município	AH	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Paranaiguara	Município	AH	LT	Tupi: habitantes das Margens do Grande Rio ou Deusa do Grande Rio (PARANAIGUARA, 2008)	Etnotopônimo	Simple
Quirinópolis ⁴⁴	Município	AH	LP		Antropotopônimo	Simple
Gouvelândia ⁴⁵	Município	AH	LP		Antropotopônimo	Simple
Cachoeira Alta	Município	AH	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto

Total de topônimos: 09

Quadro 3 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Caçu.

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2007).

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2007).

Data de instalação: A notícia do primeiro branco a se instalar na região data do ano de 1858 (CHASTAN, 2001, p. 135). A data de instalação do município, segundo o IBGE (2008), aconteceu em 01/01/1954.

Área: 2.251 km² (IBGE, 2007).

Municípios e/ou Estados limítrofes: Cachoeira Alta, Aparecida do Rio Doce, Paranaiguara, São Simão, Itarumã, Jataí e Minas Gerais (IBGE, 2007).

Nome(s) anterior (es): Água Fria (CHASTAN, 2001, p. 146).

⁴³ Não há, até o momento, definições da procedência do topônimo *Itarumã*. Somente especulações, hipóteses. Pela estrutura do termo, *ita-* significa pedra em tupi, e *tarumã*, também do tupi, uma árvore nativa do Brasil e encontrada nos Estados de BA, RS, MG e MT. Outra hipótese é a de uma possível transposição de sílabas e vogais de Iturama – município mineiro e vizinho – para Itarumã, assim como acontece com Jataí~Itajá (ANDRADA, 1998, p.13-14). Classificamos *Itarumã* como *fitotopônimos* levando em consideração o termo *tarumã* que segundo Andrada resultou em uma árvore frutífera do cerrado que era muito comum na região.

⁴⁴ O topônimo Quirinópolis é uma homenagem ao Coronel José Quirino, um dos fundadores da cidade (IBGE, 2008).

⁴⁵ Não encontramos registros sobre a origem do topônimo Gouvelândia. Porém, o classificamos como *antropotopônimo*, por acreditarmos que o termo pode fazer referência a um morador da região como nome de *Gouveia*. Estudos futuros poderão comprovar ou refutar essa hipótese. Fizemos tal inferência ao tomarmos conhecimento que Gouvelândia levou essa denominação pela lei municipal nº 315, de 24 de agosto de 1963, sendo subordinada ao município de Quirinópolis, e figurando nesse mesmo município em divisão territorial de 31 de dezembro de 1963 (IBGE, 2008).

Histórico do nome do município: O nome Caçu, por muito tempo, foi dado como originário da planta alcaçuz encontrada nas proximidades das nascentes do ribeirão Caçu. A propósito do nome dessa planta, há algumas controvérsias: para o naturalista Elvis Nascimento, a referida planta não é o verdadeiro alcaçuz, pois a altitude da região (400m) impossibilita a sua existência, que exige altitude igual ou superior a 1.000m acima do nível do mar. O naturalista informa ter encaminhado o *alcaçuz* caçuense para exames laboratoriais na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e que o laudo assinado pelo doutor em botânica Ivan Schiavini reconheceu a planta como uma espécie da família das Myrtáceas. Já para o jornalista da cidade, José Faria, a origem do nome Caçu veio junto com os primeiros habitantes da região, de Uberaba-MG, local onde há a família Caçu e lugares com esse nome (FARIA, 2001, p. 137).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de Origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura Morfológica/topônimo
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Água Boa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Fria, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Limpa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Alarcão	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Alarcão, do	Serra	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Anta, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Areia	Ribeirão	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Augustinho	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Azul	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simple
Azul	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simple
Baiano, do	Córrego	AF	LP		Etnotopônimo	Simple
Bálsamo	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple

Barbudo ⁴⁶ , do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Barreiro, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Barreiro, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Barreiro, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Baú, do	Morro	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Baú, do	Serra	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Baú, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Bauzinho, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Bauzinho, do	Morro	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Bernardinho	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Bernardo, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Bois, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Bois, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Bonito	Ribeirão	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simple
Buriti, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Cabeceira Comprida, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira Comprida, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto

⁴⁶ Ferreira (2004) define *barbudo* também como peixe marinho da família das (*Polydactilus virginicus*). Acreditamos que *Barbudo*, na região pesquisada, é variante de **barbado**, um peixe que, segundo pescadores da região, trata-se de um peixe abundante na região. O peixe *barbado*, também conhecido como Piranambu, Mantopaque e Peixe moela tem como características o “corpo alongado e pouco alto de coloração cinza-azul e dorso com grande nadadeira adiposa tendendo para o castanho-esverdeado ao ser retirado d’água, cabeça com boca pequena e barbilhões sensoriais achatados”, podendo atingir até 80 cm de comprimento e pesar até 12kg. Em relação à distribuição de ocorrências, o peixe pode ser encontrado nas Bacias Amazônicas, Prata e Araguaia – Tocantins, onde vive na beira dos rios (MARCHIONI, 2008).

Cabeceira do Salto, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Caçadas, das	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Cachoeirinha	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Caçu	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Café, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Caiapó ⁴⁷	Córrego	AF	LC	Tupi: “kaia’pó”, o que traz fogo na mão, incendiário, queimador. (HOUAISS, 2001)	Etnotopônimo	Simples
Capoeira, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>caá-puera</i> , relativo ao mato fino que nasce após a derrubada de uma floresta (TIBIRIÇA, 1985).	Fitotopônimo	Simples
Carreiros ⁴⁸ , dos	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Cascavel	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Catingueiro ⁴⁹ , do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Cavalo	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Cedro	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Cedro, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Cervo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Cervo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Cervo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples

⁴⁷ Houaiss (2001) define *caiapó* como “grupo indígena que se divide nos subgrupos caiapó-aucré, caiapó-cararáô, caiapó-cocraimoro, caiapó-cubem-cram-quem, caiapó-gorotire, caiapó-mecranoti, caiapó-metuctire, caiapó-pau-d’arco, caiapó-quiçretum e caiapó-xicrim [No passado eram tb. chamados de ¹*coroados*, e os de Mato Grosso, *coroás*.]”; Ataídes (2006, p. 63), por sua vez, assinala que Kayapó (Caia-pó) é uma palavra de origem tupi, e que possui a seguinte definição: “o que traz fogo na mão, tribo de índios incendiários, provavelmente por serem grandes utilizadores do fogo nas caçadas e guerras”.

⁴⁸ *Carreiro*, segundo Houaiss (2001), designa a pessoa que guia, que conduz o carro de bois e responsável de chefiar a execução dos trabalhos e da viagem.

⁴⁹ *Catingueiro* é definido como ser que é natural ou habita a caatinga – “áreas de interseção com o cerrado”, ex. veado-catingueiro (HOUAISS, 2001). Para fins de classificação, consideramos essa acepção de animal atribuída a essa unidade léxica.

Claro	Rio	AF	LP		Cromotopônimo	Simples
Coqueiros, dos	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Coqueiros, dos	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Coral	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Corredeira	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Córrego Meio, do	Serra	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cupim, do	Córrego	AF	LT	Tupi: “copif”, a formiga branca (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Esbarrancado	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Forquilha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Frutoso	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Furna, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Furninha	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Galheiro ⁵⁰ , do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Galo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Grota, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Grotão	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Guariroba	Córrego	AF	LT	Tupi: “guara-iroba”, espécie de palmito amargo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Guariroba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: “guara-iroba”, espécie de palmito amargo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Guariroba, da	Serra	AF	LT	Tupi: “guara-iroba”, espécie de palmito amargo (SAMPAIO,	Fitotopônimo	Simples

⁵⁰ Galheiro, no dicionário de Ferreira (2004), é definido como animal mamífero que possui chifres grandes, veado de cornos grandes.

				1928).		
Guariroba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: “ <i>guara-iroba</i> ”, espécie de palmito amargo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Ilha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Jacaré	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. “ <i>ya-caré</i> ”, animal orto ou sinuoso; ou “ <i>y-echá-caré</i> ”, animal que olha de banda (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Jatobá, do	Córrego	AF	LT	Tupi: “corr. <i>yatay-ybá</i> , contracto em <i>yat-ybá</i> o fruto do <i>yatahy</i> (SAMPAIO, 1928, P. 247); Nome de uma árvore leguminosa também chamada de jataí (TIBIRIÇA, 1985).	Fitotopônimo	Simples
João Maria, do	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Lagoa, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Lagoa, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Lagoinha	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Lagoinha, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Lajeadozinho, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Lirau, do	Córrego	AF	LP		NC	Simples
Lucas, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Macaúba	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>macá-yba</i> , espécie de palmeira (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Macaúba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>macá-yba</i> , espécie de	Fitotopônimo	Simples

				palmeira (SAMPAIO, 1928).		
Macaúba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>macá-yba</i> , espécie de palmeira (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Macuco ⁵¹	Córrego	AF	LT	Tupi: <i>macucu</i> , <i>ma-cú-cú</i> , referência à ave com esse mesmo nome (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Malhador ⁵² , do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Mangue, dos	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Manuel José	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Maria Júlia	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Mata, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Mata, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Mata, da / Salto ⁵³	Córrego	AF	LP / LP		Fitotopônimo / Hidrotopônimo	Simples
Matinha, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Matinha, da	Serra	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Meio, do	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simples
Mococa, da	Córrego	AF	LP		Corotopônimo	Simples
Morro Redondo, do	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Mosquito	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Negra	Serra	AF	LP		Cromotopônimo	Simples
Negro da Ana	Córrego	AF	LP + LP		Cromotopônimo	Composto

⁵¹ *Macuco* é definido por Ferreira (2004) como ave de cauda pequena, escondida pelas penas, e que vivem nas matas virgens.

⁵² *Malhador*, segundo Houaiss (2001), é um Regionalismo do Rio Grande do Sul e de Goiás, que faz referência ao lugar à sombra onde o gado se protege do calor.

⁵³ Dupla nomeação.

Paranaíba	Rio	AF	LT	Do tupi <i>paranáyba</i> , o grande caudal ruim, de navegação impraticável (SAMPAIO, 1928).	Hidrotópônimo	Simples
Pindaíba	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>pinda'yba</i> , que se refere à planta que era utilizada pelos indígenas para fazer vara de anzol (SAMPAIO, 1928).	Fitotópônimo	Simples
Ponte, da	Córrego	AF	LP		Hodotópônimo	Simples
Porcos, dos	Córrego	AF	LP		Zootópônimos	Simples
Porto, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotópônimo	Simples
Praião	Córrego	AF	LP		Dimensiotópônimo	Simples
Quebra-chifre	Córrego	AF	LP + LP		Dirrematotópônimo	Composto
Redondo	Morro	AF	LP		Dimensiotópônimo	Simples
Retiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotópônimo	Simples
Retiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotópônimo	Simples
Rio Verde, do	Serra	AF	LP + LP		Hidrotópônimo	Composto
Rodrigues	Córrego	AF	LP		Antropotópônimo	Simples
Rosilha, da / Rosilho ⁵⁴	Córrego	AF	LP		Antropotópônimo	Simples
Rosilha, da	Serra	AF	LP		Antropotópônimo	Simples
Salto do Rio Claro	Cachoeira	AF	LP + LP + LP		Hidrotópônimo	Composto
Salto, do	Córrego	AF	LP		Hidrotópônimo	Simples
Salto, do	Córrego	AF	LP		Hidrotópônimo	Simples
Salto, do	Córrego	AF	LP		Hidrotópônimo	Simples

⁵⁴ **Rosilho** – Ferreira (2004) define o termo como cavalo. Assim, a classificação seria zootópônimo. Porém, classificamos Rosilho como antropotópônimo por haver, nas redondezas do córrego e da serra com essa denominação, uma fazenda cujo proprietário se chama Rosilho. Fazendeiro antigo e muito conhecido da região, sempre contribuiu para o crescimento do município de Caçu/GO.

Samambaia	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>çama-mbai</i> , planta social e invasora composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Santa-fé	Córrego	AF	LP		Hierotopônimo	Composto
Santos Reis	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Domingos	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Francisco / Gordura ⁵⁵	Córrego	AF	LP + LP / LP		Hagiotopônimo / Fitotopônimo	Composto / Simple
São Jerônimo	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São José	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São José	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Sapé	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Sapé, do	Ribeirão	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Soledade ⁵⁶	Córrego	AF	LP		Animotopônimo	Simple
Sucuri, da	Serra	AF	LT	Tupi: corr. <i>çuucuri</i> , serpente aquática de coloração marrom, verde ou olivácea com grandes manchas pretas arredondadas	Zootopônimo	Simple

⁵⁵ **Gordura** – O termo possivelmente faz referência ao *capim-gordura*, muito encontrado na região.

⁵⁶ **Soledade** – Estado de ânimo de quem está triste, que se acha só ou abandonado (FERREIRA, 2004).

				(SAMPAIO, 1928).		
Sucuri, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>çuu-curi</i> , serpente aquática de coloração marrom, verde ou olivácea com grandes manchas pretas arredondadas (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Sucuri, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>çuu-curi</i> , serpente aquática de coloração marrom, verde ou olivácea com grandes manchas pretas arredondadas (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Taboca, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>ta-bóca</i> , haste furada, o tronco oco, espécie de bambu (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Tapera	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simples
Taperão	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simples
Taperão	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simples

Tombo ⁵⁷ , do	Ilha	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Vaca, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Vargem, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Varjão, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Vau, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Veludo ⁵⁸	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Verde	Rio	AF	LP		Cromotopônimo	Simples
Vertente	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Zeca, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples

Total de topônimos: 143

⁵⁷**Tombo** – Termo classificado por Ferreira (2004) como um brasileirismo de MG, na acepção de “designação comum a cachoeiras altas, volumosas, de queda vertical”.

⁵⁸ **Veludo** – Tecido natural ou sintético, que tem o avesso liso e o lado de fora coberto de pêlos cerrados e curtos (HOUAISS, 2001).

Quadro 4 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Lagoa Santa

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008)

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008)

Data de instalação: 01 de janeiro de 2001 (IBGE, 2008)

Área: 458,865 km² (IBGE, 2008)

Municípios e/ou Estados limítrofes: Itajá e Mato Grosso do Sul (Cartas topográficas do IBGE).

Nome(s) anterior (es): Termas de Itajá (IBGE, 2008)

Histórico do nome do município: Entre os anos de 1880 e 1890, o sertanista mineiro Vergílio Ferraz desbravou o território que forma o atual município de Lagoa Santa. Navegando, ancorou nas proximidades do Córrego Fundo, hoje denominado Fazenda Córrego Fundo e Fazenda Sossego. Na lagoa límpida e cristalina do Rio Aporé, ele, juntamente com mais dois nativos, se banharam e sentiram sinais de melhora de suas enfermidades, descobrindo então o poder medicinal das águas. Daí a origem do nome, Lagoa Santa (CARDOSO, 2008).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica/topônimo
Aporé ⁵⁹ / Peixe, do ⁶⁰	Rio	AF	LT / LP	Do tupi <i>aba-r-y</i> , “rio do índio” (TIBIRIÇA, 1985).	Hidrotopônimo / Zootopônimo	Simples / Simples
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Barreiro, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Buriti, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Buritinho, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Chico Mendes, do	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto

⁵⁹ *Aporé* – Topônimo de origem tupi que, segundo Tibiriçá (1985), corresponde à variante de *apari*, que, por sua vez, vem de *aba-r-y*, rio do índio.

⁶⁰ Dupla nomeação.

Espraiado ⁶¹ , do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Fundo	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simple
Jaborandi, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ya-mbo-i-endí</i> , planta medicinal da família das <i>Pilocarpus senalifolius</i> (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Mandaguari	Córrego	AF	LT	Du tupi <i>manda-gua</i> que corresponde espécie de abelha indígena (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Mimoso ⁶²	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Pindaíba, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>pinda'yba</i> , que se refere à planta que era utilizada pelas indígenas para fazer vara de anzol (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Pombas, das	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Sapé, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pi</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura das habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Três Barras, das	Córrego	AF	LP + LP		Numerotopônimo	Composto
Três Regos, dos	Córrego	AF	LP + LP		Numerotopônimo	Composto

Total de topônimos: 16

⁶¹ **Espraiado** – Segundo Houaiss (2001), esse termo é um regionalismo de São Paulo, na acepção de rio pequeno e raso, que corre em terreno arenoso.

⁶² **Mimoso** – O vocábulo possivelmente faz referência ao *campim-mimoso*, uma “designação comum a várias ervas da família das gramíneas do gênero *Eragrostis*, de pequeno porte, folhagem fina e inflorescência muito delicada” (FERREIRA, 2004). O vegetal é muito usado para a alimentação do gado na região em estudo.

Quadro 5 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Itajá.

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008)

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008)

Data de instalação: 01 de janeiro de 1959 (IBGE, 2008)

Área: 2.091,394 km² (IBGE, 2008)

Municípios e/ou Estados limítrofes: Aporé, Caçu, Lagoa Santa, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais (Cartas topográficas do IBGE).

Nome(s) anterior (es): São João para Itajá (IBGE, 2008).

Histórico do nome do município: O município de Itajá foi distrito de Jataí de 1953 a 1958. Por esse motivo, o topônimo “Itajá” corresponde a uma inversão de “Jataí”, em homenagem à cidade-mãe (IBGE, 2008).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura Morfológica/topônimo
Água Amarela, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Fria, da	Ribeirão	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Limpa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Almas, das	Córrego	AF	LP		Hierotopônimo	Simple
Aporé	Rio	AF	LT	Do tupi <i>aba-r-y</i> , “rio do índio” (TIBIRIÇÁ, 1985).	Hidrotopônimo	Simple
Areias	Ribeirão	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Arraial, do	Córrego	AF	LP		Poliotopônimo	Simple
Atolador, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Bacuri	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ybá-cury</i> ou <i>ybá-curi</i> , “o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de prompto” (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Bagageiro, do	Ribeirão	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Bagageiro, do	Ribeirão	AF	LP		Ergotopônimo	Simple

Bagagem, da	Serra	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Bálsamo	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Ribeirão	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Barreirinho, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Barreiro, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Barrinha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Barro Preto, do	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Boa Vista	Córrego	AF	LP + LP		Animotopônimo eufórico	Composto
Bocarra	Córrego	AF	LP		Somatotopônimo	Simple
Bocarra	Córrego	AF	LP		Somatotopônimo	Simple
Bonito	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simple
Boqueirão	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Brejão	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Buracão	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Buriti	Córrego	AF	LT	Tupi: <i>mbiriti</i> , corr. a palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Cabeceira da Furna	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira Funda	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira Funda, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cacadinha ⁶³	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Cachoeira, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Cachoeiras	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Cachoeirinha	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple

⁶³ **Cacadinha** – Variante de cocadinha.

Cana, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Canastra ⁶⁴ , da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Carlito, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Cavalos, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Cavalos, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Cemitério, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Cemitério, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Chaves, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Cocadinha	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Comprido	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simple
Congo ⁶⁵ , do	Córrego	AF	LA		Etnotopônimo	Simple
Contenda ⁶⁶ , da	Córrego	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simple
Contente	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simple
Coqueiro	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Coqueiro, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Corrente	Rio	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Crioulo, do	Córrego	AF	LP		Etnotopônimo	Simple
Croado ⁶⁷	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple

⁶⁴ **Canastra** – Esse nome pode referir-se a um animal conhecido como tatu-canastra, de grande porte, e bastante encontrado nos biomas Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (FONSECA, *apud* MEDRI *et al.*, 2006, p. 86). Classificamos esse topônimo como zootopônimo por acreditar que o córrego recebeu esse nome por haver bastante tatus-canastra nessa região, uma vez que o bioma da região pesquisada é predominantemente o Cerrado.

⁶⁵ **Congo** – Houaiss (2001) traz as seguintes definições para esse termo: indivíduo dos congos; língua banta falada pelos congos; denominação de diversas matérias corantes; dança dramática de origem africana; espécie de feijão cultivado em Cabo Verde; africano de língua banta que fora escravizado e trazido para o Brasil; pessoa que participa de congadas; indivíduo do congo, e conjunto de povos bantos que habitam o baixo Zaire. Tendo em vista essas definições, classificamos esse topônimo como etnotopônimo por acreditarmos que o mesmo faz referência à etnia dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos e que aqui deixaram suas marcas.

⁶⁶ **Contenda** – Ferreira (2004) define o termo como esforço para conseguir alguma coisa, luta, peleja, combate, peleja, debate, alteração, disputa, controvérsia. Classificamos o topônimo como animotopônimo disfórico por refletir o estado de ânimo do designador no ato de batismo do lugar.

⁶⁷ **Croado** – Característica do córrego que é raso, que possui um banco de areia. Derivação de *croa*, que Houaiss (2001) assinala como uma rubrica da geologia na acepção de banco de areia.

Enterrado ⁶⁸ , do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Espanhol	Córrego	AF	LP		Etnotopônimo	Simple
Espraiado ⁶⁹ , do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Estiva ⁷⁰	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simple
Fazenda Velha	Córrego	AF	LP + LP		Sociotopônimo	Composto
Fazendinha	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Fogo-Curto, do	Córrego	AF	LP + LP		Dirrematotopônimo	Composto
Frieira	Córrego	AF	LP		Somatotopônimo	Simple
Fumaça ⁷¹ , da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Fundão	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simple
Furna do Barreiro, da	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Furna Seca, da	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Furna, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Galheirinho ⁷² , do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Galheiro, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Grande	Ribeirão	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simple
Grande	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simple
Grande	Ribeirão	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simple
Imbé, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>y-mbé</i> , planta rasteira e trepadeira (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Inferninho, do	Córrego	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simple

⁶⁸ **Enterrado** – Acidente geográfico correspondente a um dos cursos de água que, por algum trecho, corre por baixo da terra, sendo assim chamado pelos habitantes da região.

⁶⁹ **Espraiado** - Segundo Houaiss (2001), é um regionalismo de São Paulo/SP, que quer dizer rio pequeno e raso, que corre em terreno arenoso.

⁷⁰ **Estiva** – Houaiss (2001) registra o termo com a acepção de “MG RS ponte rústica construída com paus atravessados por sobre um córrego ou vala”.

⁷¹ **Fumaça** – Classificamos o topônimo como hidrotopônimo por considerarmos o aspecto da água que faz fumaça em seu curso; correntezas do acidente físico nomeado.

⁷² **Galheiro/Galheirinho** – Animal mamífero que possui chifres grandes, veado de cornos grandes (FERREIRA, 2004).

Invernada, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Invernadinha, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Jaburu, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>yambi'ru</i> , pássaro conhecido no sul do Brasil como tuiuiú (HOUAISS, 2001).	Zootopônimo	Simples
José Paulista, do	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Lagoa, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Lambari, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>aramberí</i> , um pequeno peixe de água doce semelhante à sardinha (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Limpo	Ribeirão	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Lopes, dos	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Machado	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Mato, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Morro Redondo, do	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Morro Redondo, do	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Nogueiras, dos	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Ondas Verdes	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Paranaíba	Rio	AF	LT	Do tupi <i>paranáayba</i> , o grande caudal ruim, de navegação impraticável (SAMPAIO, 1928).	Hidrotopônimo	Simples

Paxé ⁷³	Córrego	AF	NE		Etnotopônimo	Simples
Pedras, das	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Pitanga, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>pi'tanga</i> , fruto da pitangueira de cor avermelhado, pardo, cor de cobre (HOUAISS, 2001).	Fitotopônimo	Simples
Pontal Sujo	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Pontezinha, da	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simples
Prainha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Quebra-Canga	Córrego	AF	LP		Dirrematotopônimo	Composto
Queixada, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Retiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Saltador ⁷⁴	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Santa Cruz	Córrego	AF	LP + LP		Hierotopônimo	Composto
São Domingos	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São João	Ribeirão	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São João	Ribeirão	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São João, de	Serra	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Paulo	Ribeirão	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Sapé	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sapezinho, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas	Fitotopônimo	Simples

⁷³ **Paxé** – Variante de *pajé*.

⁷⁴ **Saltador** – Classificamos o topônimo como hidrotopônimo por acreditarmos que o termo faz referência às águas encachoeiradas do córrego nomeado, uma característica do acidente geográfico.

				para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).		
Saquitel ⁷⁵	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Seco	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Serra, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Tanque, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Tesoura	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Varjão, do	Lagoa	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Vertente ⁷⁶	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple

Total de topônimos: 114

Quadro 6 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Itarumã

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008).

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008).

Data de instalação: 01 de janeiro de 1954 (IBGE, 2008).

Área: 3.433,619 km² (IBGE, 2008).

Municípios e/ou Estados limítrofes: Caçu, Itajá, Aporé, Serranópolis e Minas Gerais (Cartas topográficas do IBGE).

Nome(s) anterior (es): São Sebastião da Pimenta > Pimenta (IBGE, 2008).

Histórico do nome do município: Não tivemos acesso a dados históricos confiáveis sobre o topônimo Itarumã. Há somente hipóteses sobre o assunto, que foram registradas no Capítulo IV deste trabalho.

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica/topônimo
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Água Amarela, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto

⁷⁵ **Saquitel** – Pequeno saco (HOUAISS, 2001).

⁷⁶ **Vertente** – “que muda (a direção da água)” (FERREIRA, 2001).

Água Emendada, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Parada, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Andrada ⁷⁷	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Antônio Joaquim	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Augusto, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Azul	Serra	AF	LP		Cromotopônimo	Simples
Baixadão, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Baixadão, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Barreiro Grande	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Barreiro, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Barreto, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Barro Branco	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Baú, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Boa	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simples
Boa Vista	Ribeirão	AF	LP + LP		Animotopônimo eufórico	Composto
Boiadeiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Buracão	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Buriti Comprido, do	Córrego	AF	LT + LP	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Buriti Fechado	Córrego	AF	LT + LP	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO,	Fitotopônimo	Composto híbrido

⁷⁷ **Andrada** – Variante de *Andrade*: árvore da família das lauráceas (*persea venosa*), nativa das regiões de GO, MG, SP e RS do Brasil (HOUAISS, 2001).

				1928).		
Buzina, da	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Cabeceira Comprida	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira Comprida	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira do Costa	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira do Geraldo	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cachoeirinha, da / Manuel Lopes ⁷⁸	Córrego	AF	LP / LP + LP		Hidrotopônimo / Antropotopônimo	Simples / Composto
Cachoeirinha, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Caixa Funda	Córrego	AF	LP + LP		Ergotopônimo	Composto
Cal, do	Morro	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Cancã ⁷⁹	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Capim, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>caapú</i> , planta de folha fina; erva miúda, gramínea (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Capoeira, da	Córrego	AF	LT	Termo derivado do tupi Capão: corr. <i>cad-pãu</i> , ilha de mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Carro, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Cascavel	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Cavinha ⁸⁰ , da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Cervo	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples

⁷⁸ Dupla nomeação.

⁷⁹ **Cancã** – Ave de até 31 cm de comprimento, com cabeça, face e garganta negras, manchas azuis acima e abaixo dos olhos, manto acinzentado, asas e cauda negras, ventre e ponta da cauda brancos, pode ser encontrada no Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (HOUAISS, 2001).

⁸⁰ **Cavinha** – Diminutivo de *cava*. Classificamos como geomorfotopônimo por acreditarmos que o termo faz referência a depressão terreno.

Cervo, do	Serra	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Cervo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Cervo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Cervo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Congo ⁸¹ , do	Córrego	AF	LP		Etnotopônimo	Simple
Contenda ⁸²	Córrego	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simple
Coqueiro	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Corrente	Rio	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Corrutela, da	Córrego	AF	LP		Poliotopônimo	Simple
Cruz, da	Córrego	AF	LP		Hierotopônimo	Simple
Cruz, da	Córrego	AF	LP		Hierotopônimo	Simple
Divisa, da	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Divisa, da	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Divisa, da	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Divisa, da	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Divisa, da	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Douradinho	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simple
Douradinho	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simple
Ema, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Espora	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple

⁸¹ **Congo** – Houaiss (2001) traz as seguintes definições para esse termo: indivíduo dos congos; língua banta falada pelos congos; denominação de diversas matérias corantes; dança dramática de origem africana; espécie de feijão cultivado em Cabo Verde; africano de língua banta que fora escravizado e trazido para o Brasil; pessoa que participa de congadas; indivíduo do congo, e conjunto de povos bantos que habitam o baixo Zaire. Diante dessas definições, classificamos esse topônimo como etnotopônimo por acreditar que o mesmo faz referência à etnia dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos, e que aqui deixaram suas marcas.

⁸² **Contenda** – Ferreira (2004) define o termo como esforço para conseguir alguma coisa, luta, peleja, combate, peleja, debate, alteração, disputa, controvérsia. Classificamos o topônimo como animotopônimo disfórico por refletir o estado de ânimo do designador no ato de batismo do lugar.

Espraiado ⁸³	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Estiva	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simple
Estouro ⁸⁴ , do	Morro	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Estouro, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Fogão, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Forquilha	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Fundão	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simple
Furnas	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Gabriel, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Galheiro ⁸⁵	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Gato, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Guariroba	Córrego	AF	LT	Tupi: “ <i>guara-iroba</i> ”, espécie de palmito amargo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Horta, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Isaura, da	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Jarbas, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
José Brás	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
José Honorato	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Lagoa	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Lagoa Seca, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Lagoa, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Lagoa, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Lagoão	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple

⁸³ **Espraiado** - Segundo Houaiss (2001), é um regionalismo de São Paulo, que quer dizer rio pequeno e raso, que corre em terreno arenoso.

⁸⁴ **Estouro** – Consideramos o aspecto físico do acidente ao classificar o topônimo.

⁸⁵ **Galheiro** – Animal mamífero que possui chifres grandes, veado de cornos grandes (FERREIRA, 2004).

Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado, do	Morro	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lambari	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>aramberí</i> , um pequeno peixe de água doce semelhante à sardinha (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Macaúba	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>macá-yba</i> , espécie de palmeira (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Machado, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Marmelada	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Mata, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Matinha, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Meio, do	Ribeirão	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Miranda, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Mombuca, da	Serra	AF	LT	Tupi: corr. <i>a mô-buca</i> , abelha silvestre (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Monjolinho, do	Córrego	AF	LA		Ergotopônimo	Simple
Monjolo, do	Córrego	AF	LA		Ergotopônimo	Simple
Morro Agudo / Piãozinho ⁸⁶	Córrego	AF	LP + LP/ LP		Geomorfotopônimo/ Sociotopônimo	Composto / Simple
Mula, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Olaria	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Olho-d'água	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Composto
Onça, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple

⁸⁶ Dupla nomeação. * **Piãozinho** –

Onça, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Onça, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Onça, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Paciência	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simple
Pântano, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Paranaíba	Rio	AF	LT	Do tupi <i>paranáyba</i> , o grande caudal ruim, de navegação impraticável (SAMPAIO, 1928).	Hidrotopônimo	Simple
Pau Torto, do	Córrego	AF	LP + LP		Fitotopônimo	Composto
Pedra Branca, da	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Pedras, das	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Pequi ⁸⁷	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>peki</i> , fruta silvestre das regiões tropicais (TIBIRIÇA, 1985).	Fitotopônimo	Simple
Picada, da	Morro	AF	LP		Hodotopônimo	Simple
Pimentinha	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Pó de Mico	Lagoa	AF	LP + LP		Ergotopônimo	Composto
Pontinha	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simple
Pontinha, da	Serra	AF	LP		Hodotopônimo	Simple
Porteira, da	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Pulador	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Quati	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>quati</i> , animal mamífero e carnívoro (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Queixada	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple

⁸⁷ **Pequi** – Fruta muito comum na região pesquisada e utilizada no preparo de pratos típicos.

Ranchinho	Córrego	AF	LP		Ecotopônimo	Simple
Retirinho	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Retirinho	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Retiro	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Retiro	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Ribeirãozinho	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Rincão	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Rio Verdinho, do	Salto	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Saltador	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Salto, do	Cachoeira	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Samambaia	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>çama-mbai</i> , planta social e invasora composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Santa Bárbara	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Luzia	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Bento	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Jerônimo	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Pedro	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Saudade, da	Córrego	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simple
Simplício	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Siriema / Seriema	Córrego	AF	LT / LT	Do tupi <i>sari'ama</i> , ave de plumagem cinzenta com tons pardos ou amarelados e um feixe de penas eriçadas na base do bico vermelho (HOUAISS, 2001).	Zootopônimo	Simple / Simple

Sucupira	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>sibipira</i> ~ <i>cebepyra</i> , madeira resistente que recebe um bom polimento (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sucurizinha, da	Serra	AF	LT	Do tupi <i>sibipira</i> ~ <i>cebepyra</i> , madeira resistente que recebe um bom polimento (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Sucurizinho, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>sibipira</i> ~ <i>cebepyra</i> , madeira resistente que recebe um bom polimento (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Sujo	Ribeirão	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Taboca	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>ta-bóca</i> , haste furada, o tronco oco, espécie de bambu (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Taboca, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>ta-bóca</i> , haste furada, o tronco oco, espécie de bambu (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Tambiacó	Córrego	AF	NE		NC	Simples
Tanque, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Tanque, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Tapera, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>tapera</i> < <i>taper-á</i> , habitação que está em ruínas (SAMPAIO, 1928).	Ecotopônimo	Simples

Terra Adova	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Torres, da	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Três Barras, das	Serra	AF	LP + LP		Numerotopônimo	Composto
Três Barras, das	Córrego	AF	LP + LP		Numerotopônimo	Composto
Tucano	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>tu-quã</i> , ave exagerado (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Varginha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Vau, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Veludo ⁸⁸	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Vista Alegre	Córrego	AF	LP + LP		Animotopônimo eufórico	Composto
Volta Grande	Córrego	AF	LP + LP		Morfotopônimo	Composto
Zuleide, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples

Total de topônimos: 161

Quadro 7 – Topônimos dos acidentes físicos do município de São Simão

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008)

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008)

Data de instalação: Ano de 1959 (IBGE, 2008)

Área: 414,055 km² (IBGE, 2008).

Municípios e/ou Estados limítrofes: Caçu, Paranaiguara e Minas Gerais (Cartas topográficas do IBGE).

Histórico do nome do município: O topônimo São Simão originou-se de “Canal de São Simão”, nome atribuído ao povoado devido a inauguração da gigantesca ponte sobre o canal do Rio Paranaíba e loteamento de terras de Gilberto de Oliveira Marques e Célio Leão Borges no dia 28 de outubro de 1935, dia de São Simão. A alteração do nome para São Simão ocorreu em 24 de junho de 1957, quando o povoado foi elevado à categoria de distrito e instalado em outubro do mesmo ano (IBGE, 2009).

Nome(s) anterior (es): Canal de São Simão (IBGE, 2008).

⁸⁸ **Veludo** – Tecido natural ou sintético, que tem o avesso liso e o lado de fora coberto de pêlos cerrados e curtos (HOUAISS, 2001).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica/topônimo
Abelha, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Alecrim, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Alméciga ⁸⁹	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Azul	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simples
Boa Vista	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Composto
Capivara, da	Ilha	AF	LT	Do tupi <i>caapiruára</i> , animal roedor de grande porte, comedor de capim (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Colombo	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Cuiabano	Córrego	AF	LP		Etnotopônimo	Simples
Escondida, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Grotão	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Jatobá	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>yatay-ybá</i> , contracto em <i>yat-ybá</i> o fruto do <i>yatahy</i> , (SAMPAIO, 1928). Nome de uma árvore leguminosa também chamada de jataí (TIBIRIÇA, 1985).	Fitotopônimo	Simples
Jenipapo	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>yandipab</i> ou <i>yanipab</i> , fruto que dá suco. <i>Yandi</i> ou	Fitotopônimo	Simples

⁸⁹ **Alméciga** – Variante de *almécega*, uma resina de aroeira ou de lentisco amarelado; espécie de goma (FERREIRA, 2004).

				<i>nhandi</i> = suco, óleo; <i>ipab</i> = fruto da ponta (SAMPAIO, 1928).		
Jerônimo	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Marimbondo, do	Córrego	AF	LA		Zootopônimo	Simple
Mateira ⁹⁰ , da	Ribeirão	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Mateirinha	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Meio, do	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Napoleão	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Paranaíba	Rio	AF	LT	Do tupi <i>paranáyba</i> , o grande caudal ruim, de navegação impraticável (SAMPAIO, 1928)	Hidrotopônimo	Simple
Pateiro ⁹¹	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Quebra-Cocão	Córrego	AF	LP		Dirrematotopônimo	Composto
Rondinha, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple

Total de topônimos: 22

Quadro 8 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Paranaiguara.

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008)

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008)

Data de instalação: 01 de janeiro de 1954 (IBGE, 2008).

Área: 1.153,786 km² (IBGE, 2008).

Municípios e/ou Estados limítrofes: São Simão, Caçu, Cachoeira Alta Quirinópolis e Minas Gerais (Cartas topográficas do IBGE).

Nome(s) anterior (es): Presidente Dutra e Mateira (IBGE, 2008).

⁹⁰ **Mateira** – Possível referência a *mata*, região com bastante mato, vegetação abundante.

⁹¹ **Pateiro** – Árvore de flores vermelhas, da família das leguminosas: *Macherium acutifolium* (ORTÊNCIO, 1983).

Histórico do nome do município: O nome foi atribuído ao povoado que surgiu às margens do rio Paranaíba que, em 12 de novembro de 1967, veio a chamar-se Paranaiguara, nome de origem “Tupi Guarani, e quer dizer: Habitantes das Margens do Grande Rio ou Deusa do Grande Rio” (PARANAIGUARA, 2008).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica/topônimo
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Alceu, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Alegre	Rio	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simples
Américo	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Anta, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Atoladeira	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Atoladeira	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Bandeira	Córrego	AF	LP		Historiotopônimo	Simples
Barreirinho	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Barreirinho	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Barriguda ⁹² , da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Barrinha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Barro Preto	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Barro Preto	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Bebedouro, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Boa Vista	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Composto

⁹² **Barriguda** – Árvore de até 15 m, nativa do Brasil, encontrada nos Estados de MT, MS, MG, SC, que possui uma “copa arredondada, tronco com acúleos grossos, casca cinzento-esverdeada, madeira rosada, compacta e leve, e flores com estrias róseas; barriguda-de-espinho” (HOUAISS, 2001).

Bois, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Boné, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Cachoeira, da	Serra	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Cachoeirinha, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Café, do	Serra	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Campanha ⁹³	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Caneleira	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Claro	Rio	AF	LP		Cromotopônimo	Simples
Cobra, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Cobrinha, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Custódio, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Divisa, da	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simples
Escondida, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Fernandes, dos	Córrego	AF	LT		Antropotopônimo	Simples
Forquilha, da	Córrego	AF	LT		Geomorfotopônimo	Simples
Furna, da	Córrego	AF	LT		Geomorfotopônimo	Simples
Furna, da	Córrego	AF	LT		Geomorfotopônimo	Simples
Grotão	Córrego	AF	LT		Geomorfotopônimo	Simples
Jacá, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ayacá</i> , que corresponde a um cesto feito de taquaras, cujo formato é cilíndrico (SAMPAIO, 1928).	Ergotopônimo	Simples
Jacaré, do	Serra	AF	LT	Tupi: corr. “ <i>ya-caré</i> ”, animal orto ou sinuoso; ou “ <i>y-echá-caré</i> ”, animal que olha de banda (SAMPAIO,	Zootopônimo	Simples

⁹³ **Campanha** – “Campo extenso; planície” (FERREIRA, 2004).

				1928).		
Jacaré, do	Ribeirão	AF	LT	Tupi: corr. “ <i>ya-caré</i> ”, animal orto ou sinuoso; ou “ <i>y-echá-caré</i> ”, animal que olha de banda (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Jeribá	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>jiribá</i> , o fruto de cacho, e também, a palmeira esbelta, graciosa da mata virgem (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Jeribá	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>jiribá</i> , o fruto de cacho, e também, a palmeira esbelta, graciosa da mata virgem (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Jerônimo, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Lagoa, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Lagoa, da	Córrego	AF	LA		Hidrotopônimo	Simples
Lagoinha	Córrego	AF	LT		Hidrotopônimo	Simples
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Lenda, da	Córrego	AF	LP		Mitotopônimo	Simples
Lobo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Macaco, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Macaúba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>macá-yba</i> , espécie de palmeira (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Maia, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Mainha, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Major	Córrego	AF	LP		Axiotopônimo	Simples
Mateira, da	Ribeirão	AF	LP		Fitotopônimo	Simples

Mateira, da	Ribeirão	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Mateirinha	Córrego	AF	LA		Fitotopônimo	Simples
Meio, do	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simples
Meio, do	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simples
Meio, do	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simples
Moeda, da	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Monjolo	Córrego	AF	LT		Ergotopônimo	Simples
Olímpia, da	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Onça, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Palmito	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Palmito, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Paranaíba	Rio	AF	LP	Do tupi <i>paranãayba</i> , o grande caudal ruim, de navegação impraticável (SAMPAIO, 1928).	Hidrotopônimo	Simples
Pedra Lisa	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Pedra Vermelha	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Pedregulho, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Poção	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Ponte Alta	Córrego	AF	LP + LP		Hodotopônimo	Composto
Ponte Alta	Córrego	AF	LP + LP		Hodotopônimo	Composto
Potreiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Retiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Retiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Roça, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples

Roncador ⁹⁴	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Rosa, da	Ribeirão	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
São João	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Sapé, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sapé, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sapezinho, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sarandi	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>çarandyba</i> , vigas que servem para deslizar as madeiras (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sede ⁹⁵ , da	Córrego	AF	LP		Ecotopônimo	Simples
Sucupira	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>sibipira</i> ~ <i>cebepyra</i> , madeira resistente que recebe um bom polimento (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sucuri	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>çuucuri</i> , serpente aquática de coloração marrom, verde ou olivácea com grandes manchas pretas arredondadas	Zootopônimo	Simples

⁹⁴ **Roncador** – Córrego cuja água faz muito barulho, um aspecto da água “que ronca”.

⁹⁵ **Sede** – Casa principal de uma fazenda. Geralmente as pessoas constroem a *sede da fazenda* perto de um córrego ou rio para poderem usufruir dos benefícios da água do acidente geográfico.

				(SAMPAIO, 1928).		
Taboca, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>ta-bóca</i> , haste furada, o tronco oco, espécie de bambu (SAMPAIO, 1928, p. 313).	Fitotopônimo	Simple
Tapera, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simple
Teodoro	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple

Total de topônimos: 89

Quadro 9 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Quirinópolis

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008).

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008).

Data de instalação: 22 de janeiro de 1944 (IBGE, 2008).

Área: 3.780,173 km² (IBGE, 2008).

Municípios e/ou Estados limítrofes: Rio Verde, Itumbiara, São Simão e Caçu (Cartas topográficas do IBGE).

Histórico do nome do município: Homenagem ao Coronel José Quirino, um dos fundadores da cidade (IBGE, 2008).

Nome(s) anterior (es): Abadia do Paranaíba, Freguesia de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba e apelidada por Capelinha (IBGE, 2008).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação/taxionômica	Estrutura morfológica/topônimo
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Água Amarela	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Bonita, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Branca,	Lagoa	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto

da						
Água Limpa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Santa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Águas, das	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Alecrim	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Araponga, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>guirá-ponga</i> , pássara cujo canto soa como a pancada de um martelo (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Arara, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>a'rara</i> , grande papagaio (HOUAISS, 2001).	Zootopônimo	Simple
Arroz, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Atolador	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Atoleiro	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bananas, das	Córrego	AF	LA		Fitotopônimo	Simple
Bandeira, da	Córrego	AF	LP		Historiotopônimo	Simple
Bandeira, do	Córrego	AF	LP		Historiotopônimo	Simple
Barbosa, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Barreiro, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Baú de Manuel Gomes, do	Morro	AF	LP + LP + LP		Ergotopônimo	Composto
Baú do Sobradinho, do	Morro	AF	LP + LP		Ergotopônimo	Composto
Bauzinho, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple

Bebedouro	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Bebedouro, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Bebedouro, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Bernardo, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Betume	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Boa Vista, da	Córrego	AF	LP + LP		Animotopônimo eufórico	Composto
Bois, dos	Rio	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Bom Jardim	Córrego	AF	LP + LP		Animotopônimo eufórico	Composto
Bonita	Lagoa	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simples
Bonito, do	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simples
Bonito, do	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simples
Bracinho, do	Córrego	AF	LP		Somatotopônimo	Simples
Brejão, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simples
Bruaca ⁹⁶ , da	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Buracão, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Buriti Triste, do	Córrego	AF	LT + LP	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Buritizinho	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Cabaças, das	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Cabeceira Curta, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto

⁹⁶ **Bruaca** - Sacos ou malas rústicas, de couro, utilizadas para transportar objetos, “víveres e mercadorias sobre mulas, e que se prendem, a cada lado, nas suas cangalhas, ou vão atravessadas na traseira da sela” (HOUAISS, 2001).

Lavra						
Cabeceira do Andrade	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Cachoeira, da	Serra	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Cachoeirinha	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Cachoeirinha do Rio Preto	Córrego	AF	LP + LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cachoeirinha, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Cachoeirinha, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Cacildo, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Café, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Capão Seco, do	Lagoa	AF	LT + LP	Do tupi Capão: corr. <i>caá-pãu</i> , ilha de mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto
Capela Velha, da	Córrego	AF	LP + LP		Hierotopônimo	Composto
Capim Podre	Córrego	AF	LT + LP	Tupi: corr. <i>caapú</i> , planta de folha fina; erva miúda, gramínea (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Capoeira, da	Córrego	AF	LT	Termo derivado do tupi Capão: corr. <i>caá-pãu</i> , ilha de mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Carreirão	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Cascavel	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Caseca, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Cassiano, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples

Castelo, do	Serra	AF	LP		Ecotopônimo	Simple
Castelo, do	Ribeirão	AF	LP		Ecotopônimo	Simple
Castelo, do	Ribeirão	AF	LP		Ecotopônimo	Simple
Catingueira ⁹⁷	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Catingueira, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Cava	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Cava Funda	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Cava, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Cavouco, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Celestina	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Cemitério, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Cerrado, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Cerrado, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Chicão, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Ciriaco, do / Ciríaco ⁹⁸	Córrego	AF	LP / LP		Corotopônimo	Simple / Simple
Confusão, da	Serra	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simple
Coqueiros, dos	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Corredeira, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Correias, dos	Córrego	AF	LP		Antropotopônimos	Simple
Cruz, da	Córrego	AF	LP		Hierotopônimo	Simple
Curral, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Divisa, da	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Domingão, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Douradinho	Córrego	AF	LP		Cromotopônimo	Simple

⁹⁷ **Catingueira** – Arbusto da família das leguminosas – *Caesalpinia pyramidalis* – “de flore amareladas com cinco a nove folíolos ovados ou orbiculares” (FERREIRA, 2004).

⁹⁸ Cidade do Estado de Rio Grande do Sul/Brasil.

Éguas, das	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Escondida, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Esgoto, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Esperança	Córrego	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simples
Espraiado ⁹⁹	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Esteios, dos	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Estiva, da	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simples
Estiva, da	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simples
Estiva, da	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simples
Feia	Lagoa	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simples
Fernandes, dos	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Formiga, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Fortaleza	Ribeirão	AF	LP		Corotopônimo	Simples
Fortaleza, da	Serra	AF	LP		Corotopônimo	Simples
Fundo	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Fundo	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Fundo	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Fundo	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Furnas, das	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Gabriel, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Gordura, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Grande	Lagoa	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Grande	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Grande	Lagoa	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Grande	Serra	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Gregório	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples

Guariroba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: “ <i>guara-iroba</i> ”, espécie de palmito amargo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Guariroba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: “ <i>guara-iroba</i> ”, espécie de palmito amargo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Imujosa	Córrego	AF	NE		NC	Simple
Inhuma	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>Anhumas</i> , ave da família dos palamedeídeos (TIBIRIÇA, 1985).	Zootopônimo	Simple
Invejosa	Serra	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simple
Invernada, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Invernada, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Invernadinha, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Jaraguá ¹⁰⁰	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>yara-guá</i> , planta de fibras têxteis (TIBIRIÇA, 1985).	Fitotopônimo	Simple
Jatobá	Córrego	AF	LT	Tupi: “corr. <i>yatay-ybá</i> , contracto em <i>yat-ybá</i> o fruto do <i>yatahy</i> (SAMPAIO, 1028). Nome de uma árvore leguminosa também chamada de jataí (TIBIRIÇA, 1985).	Fitotopônimo	Simple
Jenipapo, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>yandipab</i> ou	Fitotopônimo	Simple

¹⁰⁰ **Jaraguá** – Sampaio (1928, p. 246) define esse item lexical como uma variante de *yara-quá*, “a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de *yara-guá* que significa o dedo de Deus, a ponta do Senhor” em São Paulo, Goiás e Alagoas. Tibiriça (1985), por sua vez, define como “certa planta de fibras têxteis.”. Ao classificar, optamos pela definição de Tibiriça, pois na região pesquisada há uma qualidade de capim com esse nome.

				<i>yanipab</i> , fruto que dá suco. <i>Yandi ou nhandi</i> = suco, óleo; <i>ipab</i> = fruto da ponta (SAMPAIO, 1928).		
Jordalino, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Jordão, do / Vitalino, do ¹⁰¹	Córrego	AF	LP / LP		Antropotopônimo / Antropotopônimo	Simple / Simple
Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado da Perdiz	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lajeado, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Lambari, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>aramberí</i> , um pequeno peixe de água doce semelhante à sardinha (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Lambedouro ¹⁰²	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Limeira, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Luciano, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Macaúba, da	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>macá-yba</i> , espécie de palmeira (SAMPAIO,	Fitotopônimo	Simple

¹⁰¹ Dupla nomeação.

¹⁰² **Lambedouro** – Termo utilizado metaforicamente para designar a característica da água do córrego que percorre o leito em grandes corredeiras, levando tudo que está pela frente.

				1928).		
Major	Córrego	AF	LP		Axiotopônimo	Simples
Mandengo ¹⁰³	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Manuel Gomes	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Manuel Gordo, do	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Maria Alves, da	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Maria Inácia, da	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Maria Rosa, da	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Mariano, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Marruco ¹⁰⁴ , do	Lagoa	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Matão, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Matinha, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Mimoso, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Monjolinho	Córrego	AF	LA		Ergotopônimo	Simples
Mosquito, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Mutum, do	Córrego	AF	LT	Do tupi “ <i>my-t-ú, a pele negra</i> ”, ave encontrado no sudeste do país (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Negros, dos	Córrego	AF	LP		Etnotopônimo	Simples
Nobreza, da	Córrego	AF	LP		NC	Simples
Olho d'Água, do	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Palmital	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Palmito, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Palmito, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples

¹⁰³ **Mandengo** – Variante de *mandebe*: lugar cheio de mato cerrado, de acesso difícil (FERREIRA, 2004).

¹⁰⁴ **Marruco** – Touro destinado à reprodução.

Palmito, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Palmito, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Palmito, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Palmito, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Paredão, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Paredão, do	Serra	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Patos, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimos	Simple
Pedra Vermelha, da	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Pedras, das	Rio	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Pedras, das	Ribeirão	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Penosa ¹⁰⁵ , da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Perdiz, da	Ribeirão	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Perdizes, da	Serra	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Pilão	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Pilões, dos	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Poço	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Pontal, do	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Ponte Alta	Córrego	AF	LP + LP		Hodotopônimo	Composto
Porcos, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Potreiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Potreiro, do	Serra	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Potreiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Praxedes	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Preto	Rio	AF	LP		Cromotopônimo	Simple
Quati	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>quati</i> , animal mamífero e	Zootopônimo	Simple

¹⁰⁵ **Penosa** – Ferreira (2004) define o termo como uma gíria para designar *galinha*.

				carnívoro (SAMPAIO, 1928).		
Queimado, do	Riacho	AF	LP		NC	Simple
Queixada, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Quirino, do	Serra	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Raso	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Rei, do	Córrego	AF	LP		Axiotopônimo	Simple
Retirinho, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Retiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Rio Preto, do	Serra	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Roça, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Rosa, do	Serra	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Salgado, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Santa Helena do Lajeado	Córrego	AF	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Bento	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Francisco	Rio	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Francisco, de	Serra	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Sapé, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>eçá-pé</i> , gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Serraria, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Serrinha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Sucuri	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>çuu-curi</i> , serpente aquática de coloração marrom, verde ou olivácea com grandes manchas pretas arredondadas	Zootopônimo	Simple

				(SAMPAIO, 1928).		
Sucuri, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>çuucuri</i> , serpente aquática de coloração marrom, verde ou olivácea com grandes manchas pretas arredondadas (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Taboca	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>tabóca</i> , haste furada, o tronco oco, espécie de bambu (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Taboca, da	Serra	AF	LT	Tupi: corr. <i>tabóca</i> , haste furada, o tronco oco, espécie de bambu (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Talo	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Tapera	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simples
Tapera	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simples
Tapera, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simples

Tinguá	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ti-guâ</i> ou <i>tin-guâ</i> = bico ou nariz ponteaguro, o pico (SAMPAIO, 1928).	Geomorfotopônimo	Simples
Urubu, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>uru-bu</i> , ave carnívora de cor negra (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Vaca, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Varão	Córrego	AF	LP		Axiotopônimo	Simples
Vau, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Vertente Comprida, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Vertente Curta, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Vertente, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Virador	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Zé Branco	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Simples

Total de topônimos: 220

Quadro 10 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Gouvelândia.

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008)

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008)

Data de instalação: 01 de junho de 1989 (IBGE, 2008).

Área: 830,770 km² (IBGE, 2008).

Municípios e/ou Estados limítrofes: Quirinópolis, Inaciolândia e Minas Gerais (Cartas topográficas do IBGE).

Nome(s) anterior (es): Não houve.

Histórico do nome do município: A única informação a que tivemos acesso foi a fornecida pelo IBGE (2009), referente a lei municipal nº 315, de 24 de agosto de 1963, quando foi criado distrito de Gouvelândia e anexado ao município de Quirinópolis.

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica/topônimo
Adão, do	Lagoa	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Água Branca, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Anta, da	Lagoa	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Areia, da	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Barão, do	Córrego	AF	LP		Axiotopônimo	Simple
Bichas, das	Lagoa	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Bonita	Lagoa	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simple
Brejaubinha ¹⁰⁶ , da	Lagoa	AF	LP		Corotopônimo	Simple
Buriti Alto	Córrego	AF	LT + LP	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Híbrido
Buriti, do	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Cana, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Canto, do	Lagoa	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Caracol, do	Lagoa	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Carneiros, dos	Lagoa	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Carvalho, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Cavalo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Cervo, do	Lagoa	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Conceição, da	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Escondida	Lagoa	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple

¹⁰⁶ Brejaubinha – Cidade do Estado de Minas Gerais/Brasil.

Esgoto, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Estreito, do	Lagoa	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Fazenda, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Funda	Lagoa	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Fundo, do	Lagoa	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Grande	Lagoa	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Lagoa do Fundo, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Lagoa Grande, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Lagoa Grande, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Lagoa, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Mansinho ¹⁰⁷ , do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Mata, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Nova Descoberta	Córrego	AF	LP + LP		Cronotopônimo	Composto
Olaria, da	Lagoa	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Pindaíba, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>pinda'yba</i> , que se refere à planta que era utilizada pelos indígenas para fazer vara de anzol (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Posses, das	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Quati, do	Lagoa	AF	LT	Do tupi <i>qua-ti</i> , animal mamífero e carnívoro (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simples
Retirinho, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Ronda, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples

¹⁰⁷ **Mansinho** – Córrego de águas calmas, tranquilas.

Rufino, do	Lagoa	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Saltador, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Seca	Lagoa	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Seco	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Taboca, da	Lagoa	AF	LT	Tupi: corr. <i>ta-bóca</i> , haste furada, o tronco oco, espécie de bambu (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Tamboril	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simples
Vertente Grande / Bebedouro	Córrego	AF	LP + LP / LP		Hidrotopônimo	Composto
Vertente Nova	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Vertente Nova	Lagoa	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Vertentinha, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples

Total de topônimos: 48

Quadro 11 – Topônimos dos acidentes físicos do município de Cachoeira Alta

Mesorregião: Sul Goiano (IBGE, 2008).

Microrregião: Quirinópolis (IBGE, 2008).

Data de instalação: 01 de janeiro de 1954 (IBGE, 2008).

Área: 1.654,343 km² (IBGE, 2008).

Municípios e/ou Estados limítrofes: Quirinópolis, Paranaiguara, Caçu, Rio Verde e Aparecida do Rio Doce (Cartas topográficas do IBGE).

Nome(s) anterior (es): Não houve.

Histórico do nome do município: O município recebeu o nome de *Cachoeira Alta* devido ao Ribeirão Cachoeira Alta que corria nas proximidades (IBGE, 2008).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica /topônimo
Abadia, da	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Açude, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Água Amarela	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Limpa, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Água-emendada / Rochedo ¹⁰⁸	Córrego	AF	LP + LP / LP		Hidrotopônimo / Litotopônimo	Composto / Simple
Alegre	Ribeirão	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simple
Alegre, do	Serra	AF	LP		Animotopônimo eufórico	Simple
Areia, da	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Bacuri	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ybá-cury</i> ou <i>ybá-curi</i> , “o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de prompto” (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Bálsamo, do	Ribeirão	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Barriguda, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Barro Preto	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto
Batume	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Baú, do	Pedra	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Bebedouro, do	Serra	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Bebedouro, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Boa Vista	Córrego	AF	LP + LP		Animotopônimo eufórico	Composto
Bois, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple

¹⁰⁸ Dupla nomeação.

Bois, dos	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Bordado ¹⁰⁹	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Buriti	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Buriti	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Buriti Grande, do	Córrego	AF	LT + LP	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Buritinho	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Cabeceira Alta	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira Alta de Baixo	Córrego	AF	LP + LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira Comprida	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cabeceira Seca, da	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cachoeira Alta	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cachoeira Comprida	Córrego	AF	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Cachoeirão, do	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Cachoeirinha, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple

¹⁰⁹ **Bordado** – Característica do córrego, sinuoso.

Café, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Caju, do	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>acaju</i> , <i>aca-yú</i> , “o pomo amarelo, o caju” (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Campo Bonito, do	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Campo Limpo	Córrego	AF	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Cangalha, da	Córrego	AF	LA		Ergotopônimo	Simples
Capão Grande, do	Córrego	AF	LT + LP	Do tupi Capão: corr. <i>cad-pãu</i> , ilha de mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Carneiro, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Carreiro ¹¹⁰ , do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Cerradinho	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Cervo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Chico Borges	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Chico, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Cobras, das	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Coqueiros, dos	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Coti	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Cozinha, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Doce	Rio	AF	LP		Hidrotopônimo	Simples
Éguas, das	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Ema, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples

¹¹⁰ *Carreiro* – Pessoa que conduz e/ou chefia a execução dos trabalhos com carros de bois (HOUAISS, 2001).

Encosto, do	Córrego	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simples
Engano, do	Córrego	AF	LP		Animotopônimo disfórico	Simples
Esfolado, do	Serra	AF	LP		NC	Simples
Forquilha	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Fundo	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Fundo	Córrego	AF	LP		Dimensiotopônimo	Simples
Furna, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Furna, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Furna, da	Serra	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Furna, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Furna, da	Serra	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Furninha, da	Pedra	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Furninha, da	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Galho, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simples
Galinha, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simples
Guimarães	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Indaiá	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>indayá</i> : “corr. <i>Andá- yá</i> ”, palmeira; amêndoas, cocos caídos (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Invernada	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Invernada, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simples
Jacinto, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simples
Jatobá	Córrego	AF	LT	Tupi: “corr. <i>yatay- yá</i> , contracto em <i>yat-yá</i> o fruto do <i>yatahy</i> (SAMPAIO, 1028, P. 247); Nome de uma árvore leguminosa também chamada de <i>jataí</i>	Fitotopônimo	Simples

				(TIBIRIÇA, 1985).		
Jeribá	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>jiribá</i> , o fruto de cacho, e também, a palmeira esbelta, graciosa da mata virgem (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
João Pinto	Ribeirão	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Limão, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Limoeiro, do	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Lixa, da	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
M. Francisco	Córrego	AF	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Mata, da	Córrego	AF	LP		Fitotopônimo	Simple
Matriz ¹¹¹ , da	Serra	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Matriz, da	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Meio, do	Córrego	AF	LP		Cardinotopônimo	Simple
Moleque, do	Córrego	AF	LA		Etnotopônimo	Simple
Mombuca	Córrego	AF	LT	Tupi: corr. <i>a mô-buca</i> , abelha silvestre (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Moura, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Mutum	Córrego	AF	LT	Do tupi “ <i>my-t-ú</i> , <i>a pele negra</i> ”, ave encontrado no sudeste do país (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Onça, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Papudo, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Paulas, dos	Ribeirão	AF	LP		Antropotopônimo	Simple
Pedra Branca, da	Córrego	AF	LP + LP		Litotopônimo	Composto

¹¹¹ **Matriz** – Manancial, nascente, fonte (FERREIRA, 2004).

Pesqueiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Pirapitinga	Serra	AF	LT	Do tupi <i>pyrapitinga</i> , um peixe da família dos caracídeos (CUNHA, 1978).	Zootopônimo	Simple
Pirapitinga	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>pyrapitinga</i> , um peixe da família dos caracídeos (CUNHA, 1978).	Zootopônimo	Simple
Pontezinha, da	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simple
Pontezinha, da	Córrego	AF	LP		Hodotopônimo	Simple
Potreiro	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Queixada	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Queixada, do	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Raposa, da	Córrego	AF	LP		Zootopônimo	Simple
Relógio, do	Córrego	AF	LP		Ergotopônimo	Simple
Retiro	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Retiro Alegre, do	Córrego	AF	LP + LP		Sociotopônimo	Composto
Retiro, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Roça, da	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Rochedo, do	Córrego	AF	LP		Litotopônimo	Simple
Salgado	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
Saltador	Córrego	AF	LP		Hidrotopônimo	Simple
São João	Ribeirão	AF	LP		Hagiotopônimo	Composto
São João de Baixo	Córrego	AF	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São João, de	Serra	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Romão	Córrego	AF	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Severino, do	Córrego	AF	LP		Antropotopônimo	Simple

Taperinha, da	Córrego	AF	LT	Do tupi <i>ta'pera</i> , que se refere à aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas (HOUAISS, 2001).	Ecotopônimo	Simple
Trabalho, do	Córrego	AF	LP		Sociotopônimo	Simple
Três Barras, das	Córrego	AF	LP + LP		Numerotopônimos	Composto
Varão, do	Córrego	AF	LP		Axiotopônimo	Simple
Varjão	Córrego	AF	LP		Geomorfotopônimo	Simple

Total de topônimos: 118

O Capítulo seguinte foi destinado à análise e à discussão dos dados desta pesquisa.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados inventariados nesta pesquisa teve como objetivo trazer à tona características da toponímia da microrregião de Quirinópolis e sua relação com a toponímia dos Estados circunvizinhos de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul, considerando duas formas de tratamento: a quantitativa e a qualitativa. Para tanto, após a classificação dos topônimos, segundo as diferentes categorias que integram os quadros utilizados para a apresentação dos dados, foi calculada a produtividade desses topônimos quanto à classificação taxionômica e apresentada por meio de 07 gráficos com dados percentuais desse cálculo.

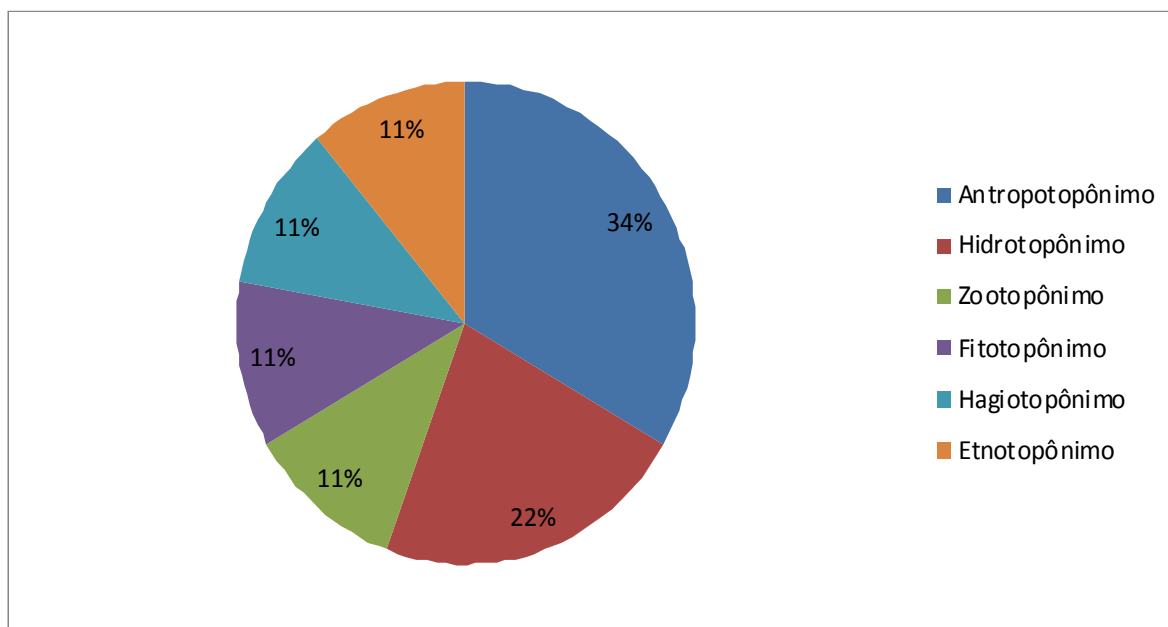
Já a análise qualitativa considerou o teor das hipóteses estabelecidas para a pesquisa. Assim, em um primeiro momento a análise focalizou o estudo dos nomes de lugares do universo em estudo, buscando respostas para a hipótese de que “a toponímia da microrregião de Quirinópolis incorpora características sociais, linguísticas e culturais da região a que pertence”. Posteriormente, com base nos dados focalizados nessa primeira perspectiva de análise e no respectivo cruzamento dos dados desta pesquisa com os documentados pelos projetos ATEMIG, no Triângulo Mineiro, e o ATEMS, no Bolsão (DARGEL, 2003), foram buscadas respostas para a segunda hipótese da pesquisa, ou seja, a possível existência de uma “isoglossa toponímica” na região de fronteira de Goiás com Mato Grosso do Sul (Bolsão) e Minas Gerais (Triângulo Mineiro).

Para a discussão dos dados, dividimos este capítulo em duas partes, quais sejam: 4.1 Toponímia urbana – o nome do município e 4.2 Toponímia rural – o nome dos acidentes físicos.

4.1 Toponímia urbana – o nome do município.

A microrregião de Quirinópolis soma um total de 09 (nove) municípios: *Caçu, Cachoeira Alta, Gouvelândia, Itarumã, Itajá, Lagoa Santa, Paranaiguara, Quirinópolis e São Simão*. A seguir, o Gráfico I visualiza a classificação dos nomes dos municípios, segundo a taxa toponímica, indicando o percentual de ocorrências.

Gráfico I – Taxionomias dos nomes dos municípios da microrregião de Quirinópolis



Os dados relativos aos nomes dos municípios apresentados no Gráfico I ratificam a tendência geral da toponímia brasileira em termos de toponímia urbana. Dos nove municípios da microrregião de Quirinópolis, 56% enquadram-se na categoria das taxes de natureza antropocultural – três antropotopônimos (*Caçu*, *Quirinópolis* e *Gouvelândia*), um hagiotopônimo (*São Simão*) e um etnotopônimo (*Paranaiguara*). Já a categoria de natureza física só foi contemplada por quatro nomes de municípios: dois hidrotopônimos (*Lagoa Santa* e *Cachoeira Alta*), um fitotopônimo (*Itarumã*) e um zootopônimo (*Itajá*).

Os antropotopônimos *Caçu*, *Quirinópolis* e *Gouvelândia* homenageiam pessoas e famílias que tiveram importância na localidade. O nome *Caçu*, por exemplo, gera especulações quanto à origem, pois durante muito tempo atribuiu-se a origem do topônimo à planta alcaçuz, supostamente nativa na região. Todavia, estudo posterior realizado pelo naturalista Elvis do Nascimento confirmou que a referida planta não era, na realidade, o verdadeiro alcaçuz. Tomando como referência esse dado, o jornalista José Faria, cidadão caçense, assumiu a discussão dessa problemática e, desde então, tem se dedicado ao estudo da origem desse nome, tendo já reunido fontes que atestam ter havido no município uma família Cassu (grafia “ss”), proveniente de Uberaba/MG. O nome do município, segundo esse jornalista, teria sido atribuído à localidade devido à presença de mineiros que

ocuparam a região de Caçu/Cassu no início do povoamento desse espaço geográfico (FARIA, 2001, p. 137).

O nome *Quirinópolis*, por sua vez, reporta-se ao Coronel José Quirino, um dos fundadores da cidade e construtor da velha igreja Matriz (IBGE, 2008). O Coronel é duplamente homenageado ao servir de motivação no ato de batismo tanto da microrregião, quanto do município.

Já com relação ao topônimo *Gouvelândia*, a única informação a que tivemos acesso foi a de que pela lei municipal nº 315, de 24 de agosto de 1963, foi “criado o distrito de Gouvelândia e anexado ao município de Quirinópolis” e que, posteriormente, em 30/12/1987, foi elevado à categoria de município, pela lei estadual nº 10394, desmembrado, pois, de Quirinópolis (IBGE, 2009). Para a classificação taxionômica, optamos pela classe dos antropotopônimos por acreditarmos, hipoteticamente, que o topônimo provavelmente homenageia um possível morador da localidade com o nome de Gouveia, seguindo a estrutura morfológica da palavra (*Gouve* = Gouveia; *landia* = terra). Acreditamos que um estudo aprofundado acerca da história do município poderá comprovar ou refutar essa hipótese.

O hidrotopônimo *Lagoa Santa*, por sua vez, faz referência a uma lagoa cujas águas, num passado não muito distante, eram tidas como santas. A história oral revela que as pessoas que ali se banhavam sentiam sinais de melhoras de suas enfermidades. Hoje, embora o lugar não possua mais essa característica, é um dos pontos turísticos da região mais escolhido por pessoas que procuram ambientes naturais.

Já o topônimo *Cachoeira Alta* é motivado, segundo dados do IBGE (2008), pela existência do ribeirão *Cachoeira Alta* que “corria nas proximidades” na época em que a localidade firmava-se como povoado, em 1920. No *corpus* referente ao município de *Cachoeira Alta* registramos o hidrotopônimo *córrego Cachoeira Alta* e não *ribeirão*. Acreditamos que ambos referem-se ao mesmo acidente.

No conjunto dos dados dos nomes dos municípios, merece destaque o topônimo Itajá que, segundo dados do IBGE (2009), resultou da inversão do nome Jataí – cidade-mãe – da qual *Itajá* foi distrito. Jataí na língua comum nomeia uma espécie de abelha que tem por hábito aninhar-se em uma árvore com o mesmo nome (SAMPAIO, 1928). Em vista disso, classificamos *Itajá* como um zootopônimo, embora o nome, em sua estrutura, possua o elemento *ita* = pedra em tupi.

Outro caso de origem controversa é o topônimo *Itarumã*, classificado como fitotopônimo. Não tivemos acesso a fontes com dados objetivos sobre a origem e a

definição desse termo. Identificamos somente hipóteses, como: estrutura do termo, *ita-* que significa pedra em tupi; *tarumã*, também de origem tupi que designa uma árvore nativa do Brasil e encontrada nos Estados de Bahia, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso; transposição de sílabas e vogais de *Iturama* – município mineiro e vizinho – para *Itarumã*, assim como acontece com Jataí~Itajá (ANDRADA, 1998, p.13-14). Para fins de classificação de *Itarumã* como *fitotopônimos* consideramos o termo *tarumã* que, segundo o autor, nomeia uma árvore frutífera do cerrado que era muito comum na região.

O *hagiotopônimo São Simão*, por seu turno, faz referência ao santo do dia do loteamento de terras de Gilberto de Oliveira Marques e Célio Leão Borges e da inauguração da imensa ponte sobre o canal do Rio Paranaíba em 28 de outubro de 1935, o Canal *São Simão*.

Já o topônimo Paranaiguara é de origem Tupi Guarani e significa “Habitantes das Margens do Grande Rio ou Deusa do Grande Rio¹¹²”. Com base nessa única definição a que tivemos acesso, classificamos o designativo como etnotopônimo por fazer referência aos garimpeiros vindos dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso em busca de bons garimpos às margens do ribeirão da Mateira (IBGE, 2009).

As questões históricas e linguísticas apresentadas neste estudo toponímico, como justificativa para a classificação de alguns topônimos possibilitam uma visão do comportamento onomástico dos denominadores dos municípios da microrregião estudada, que critérios foram adotados ou se simplesmente a nomeação resultou de ato espontâneo. A partir da discussão dessas questões, identificam-se, também, os estratos linguísticos formadores desses topônimos. Na nomenclatura dos municípios da microrregião de Quirinópolis, por exemplo, dos nove municípios, seis são de origem portuguesa – *Caçu*, *Lagoa Santa*, *Cachoeira Alta*, *Gouvelândia*, *Quirinópolis* e *São Simão* – e três de base indígena, mais especificamente do Tupi – *Itarumã*, *Itajá* e *Paranaiguara*.

No que se refere à estrutura morfológica, segundo Dick (1992, p. 14), os topônimos classificam-se em simples, composto e composto híbrido. Dentre os nomes de municípios estudados, seis de origem simples e três de origem composta, não havendo, portanto, casos de compostos híbridos (topônimo que em sua estrutura há a presença de duas bases linguísticas distintas, por exemplo: tupi + português).

¹¹² A única informação a que tivemos acesso, sobre a origem do nome *Paranaiguara*, foi encontrada disposta no site <http://www.paranaiguara.go.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?iIdMun=100152175>. Acesso em: 14 de junho de 2008.

A análise apresentada evidencia que, quando se trata do estudo da toponímia urbana de uma região, o designador busca a motivação em fatos relacionados à cultura, à história e à sociedade como um todo. Por outro lado, quando se trata de uma pesquisa a respeito dos acidentes físicos, verifica-se que acontece o contrário, como apresentamos na sequência desta pesquisa: análise dos acidentes físico-geográficos da toponímia rural do universo estudado.

4.2 Toponímia rural – o nome dos acidentes físicos

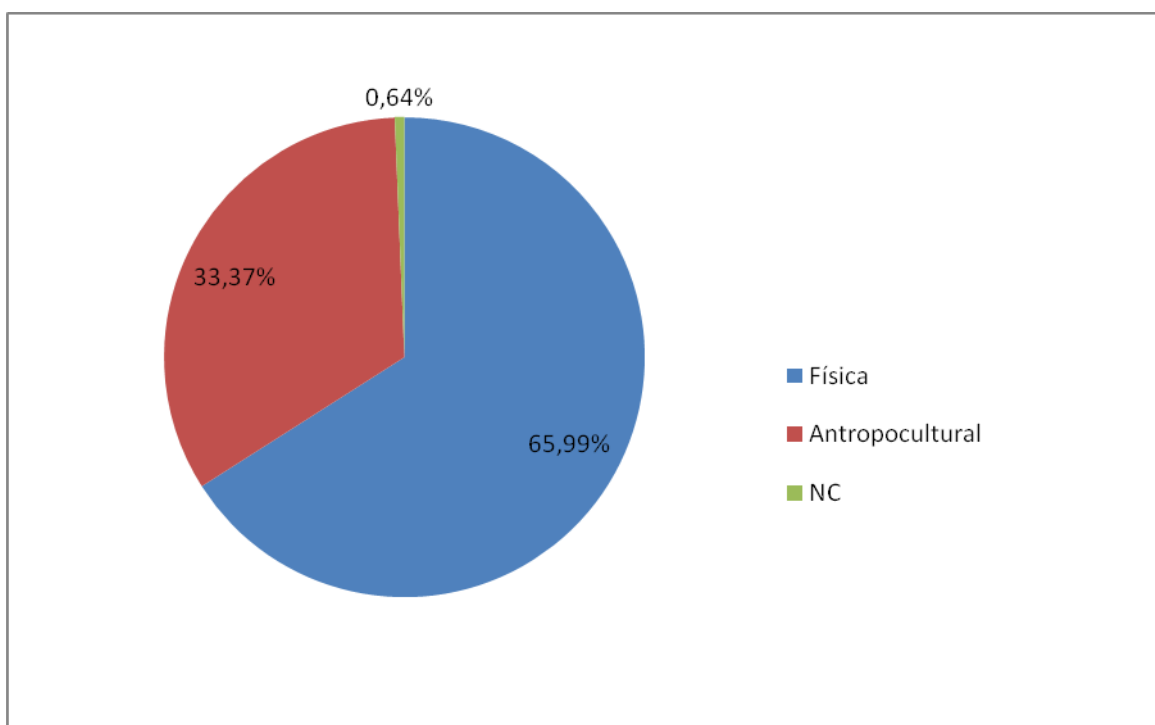
Ao estudar o processo de nomeação de uma localidade, há que se considerar a importância do meio físico, uma vez que cada espaço geográfico pode apresentar características particularizantes. O estudo dos topônimos dos acidentes físicos, como apresentado neste item do trabalho, busca evidenciar aspectos da realidade sociocultural e linguística do povo da microrregião de Quirinópolis/GO. Seguindo as orientações teórico-metodológicas emanadas da disciplina Toponímia, discutimos questões relacionadas à natureza das taxionomias, às ocorrências taxionômicas na microrregião estudada, à língua de origem dos topônimos e à estrutura morfológica desses designativos.

4.2.1 Topônimos de acordo com a natureza das taxionomias física e antropocultural

O modelo taxionômico elaborado por Dick (1992, p.31-34) foi construído com o objetivo de possibilitar ao pesquisador descobrir o significado do topônimo sem ter que voltar ao passado histórico. O modelo proposto pela autora subdivide-se em 16 taxes de natureza física e 11 de natureza antropocultural, conforme demonstramos no item *1.4 Modelos de classificação dos topônimos: algumas contribuições*, do Capítulo I deste trabalho. Nessa perspectiva, pela análise da natureza das taxes toponímicas, é possível descobrir, a partir da nomenclatura de uma determinada região, se o designador recorreu a elementos do ambiente físico ou a fatores socioculturais como motivação no ato da designação.

O Gráfico II, a seguir, apresenta em termos percentuais a distribuição dos novecentos e trinta e dois topônimos, segundo a natureza das taxionomias – natureza física e antropocultural –, ao mesmo tempo em que visualiza o percentual de topônimos não classificados numa das 27 taxes concebidas por Dick (1992, p. 31-34), por insuficiência de informações linguísticas acerca do item lexical que deu origem ao topônimo.

Gráfico II - Distribuição percentual dos topônimos, segundo a natureza das categorias taxionômicas



Conforme os dados demonstrados no Gráfico II, o *corpus* desta pesquisa confirmou uma tendência da toponímia brasileira como um todo, ou seja, o predomínio de topônimos classificados de acordo com as taxionomias de natureza física, uma vez que, na nomenclatura onomástica dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis, há um percentual de 65,99% (615 topônimos) classificados como taxes de natureza física; 33,37% (311 topônimos) que se enquadram entre as taxes de natureza antropocultural e 0,64% (06 topônimos), por ora, não classificados dentre as taxes de Dick (1992).

A grande incidência de taxes de natureza física evidencia a influência de aspectos do ambiente físico no ato de nomeação dos acidentes físicos no universo de designativos aqui focalizado. Percebe-se que os povos tendem a nomear os lugares com nomes dos elementos da natureza circundante, demonstrando, assim, que o meio ambiente exerce grande influência no homem, no ato de batismo de lugares. Essa influência foi constatada também na pesquisa de Francisquini (1998), no Paraná, e nos estudos sobre a toponímia sul-mato-grossense, com as pesquisas de Schneider (2002), de Dargel (2003), de Tavares (2004), de

Gonsalves (2004), de Tavares (2005) e de Souza (2006). Isso demonstra que a principal motivação do denominador parece ter sido o próprio ambiente ao seu redor.

Já entre as taxes de natureza antropocultural, destacaram-se os *antropotopônimos*, com 86 topônimos, que homenageiam pessoas importantes na região; os *sociotopônimos*, com 55 ocorrências, que remetem a locais de trabalho, a atividades profissionais, a pontos de encontro de pessoas da comunidade e, os *ergotopônimos*, com 39 designações, que recuperam elementos da cultura material do povo da localidade, identificando, assim, a influência do homem no meio em que se encontra.

Os 06 topônimos (0,86%) que não foram classificados do ponto de vista taxionômico em virtude de não identificação de informações sobre a natureza linguística desses nomes nas fontes a que tivemos acesso, são os seguintes: córrego do *Lirau*; córrego *Tambiacó*; córrego *Imujosa*; córrego da *Nobreza*; riacho do *Queimado*; serra do *Esfolado*. Estudos futuros possivelmente poderão solucionar essa questão, a partir de novas fontes de pesquisa que possibilitem encontrar informações linguísticas e até mesmo extralinguísticas acerca da origem desses nomes.

A maior incidência de taxionomias de natureza física nesta pesquisa demonstra a tendência do denominador de nomear os lugares com nomes dos elementos físicos da natureza circundante, numa constatação de que o meio ambiente exerce grande influência sobre o homem, refletindo-se também no processo de nomeação de lugares.

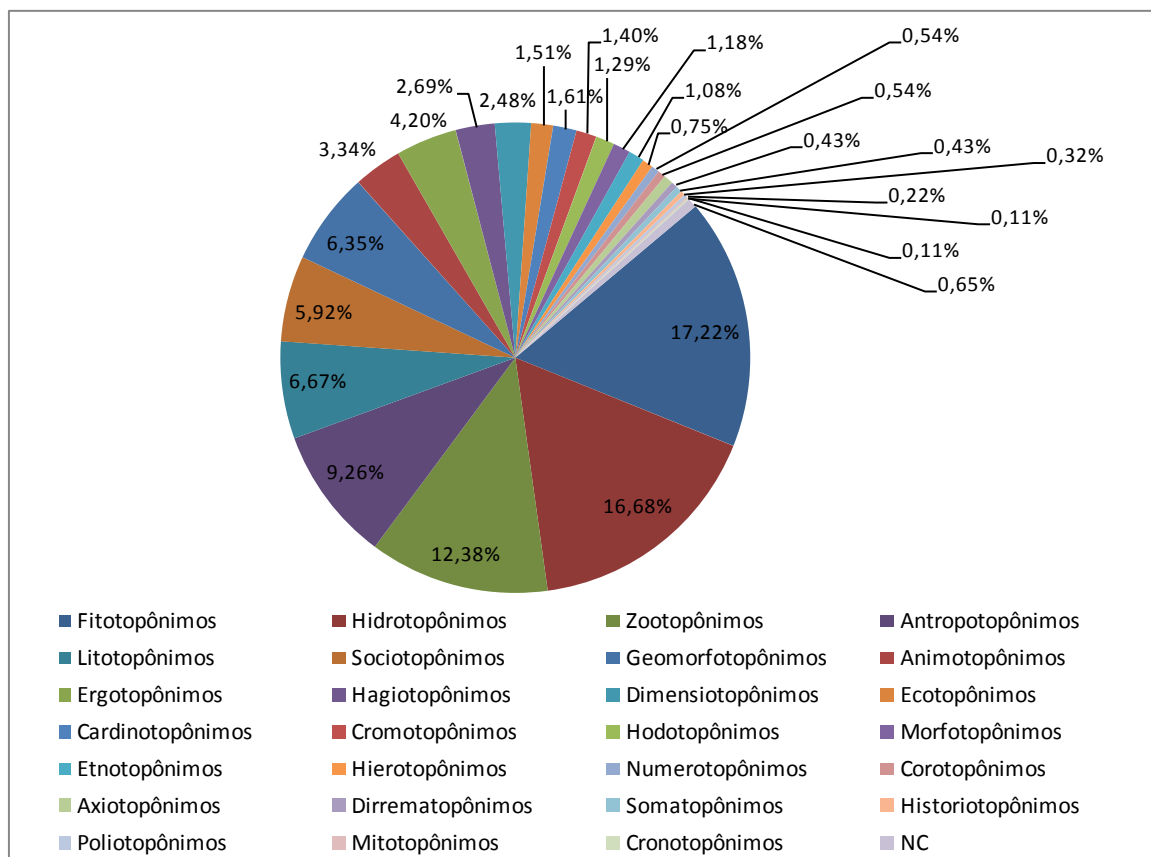
Na sequência deste capítulo, apresentamos a produtividade das diferentes taxes propostas por Dick (1992), na microrregião de Quirinópolis.

4.2.2 Taxionomias toponímicas da microrregião de Quirinópolis

Os dados aqui apresentados objetivam visualizar a produtividade dos topônimos enquadrados em cada uma das taxes que integram o modelo de Dick (1992). Para tanto, dispomo-los no Gráfico III, a seguir, que informa o percentual de ocorrência de cada *taxe*¹¹³.

¹¹³ Não apresentamos neste momento uma análise detalhada do *corpus*, o que será feito no próximo item deste Capítulo, quando trataremos das 05 taxionomias mais recorrentes.

Gráfico III – Taxes toponímicas dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis



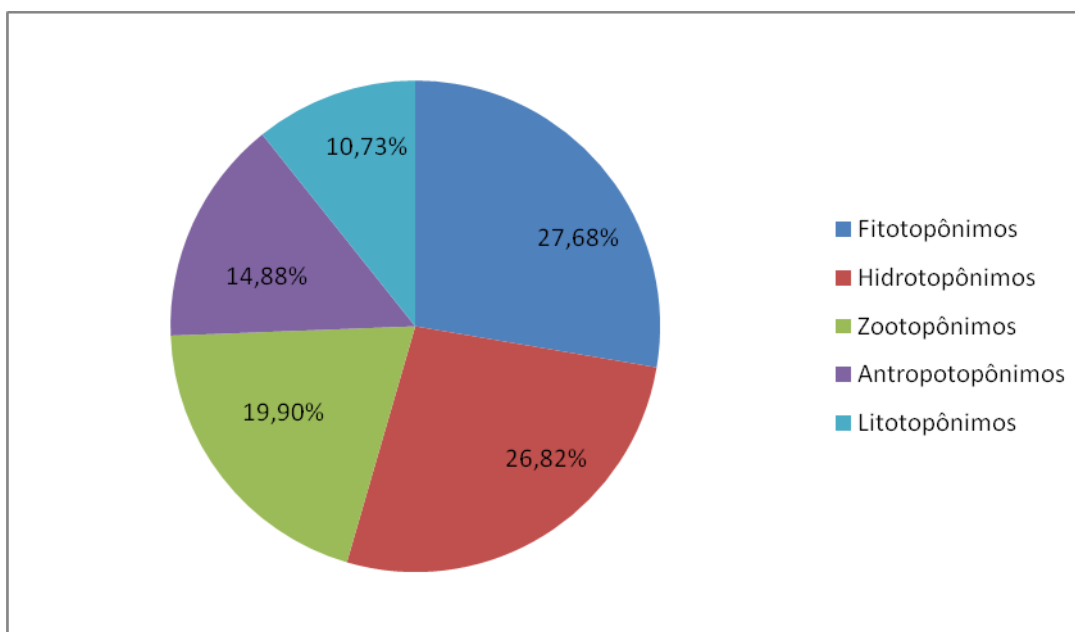
Observando o Gráfico III, notamos que as cinco taxes mais produtivas no universo estudado foram as seguinte: *fitotopônimos* (17,22%/160 topônimos), *hidrotopônimos* (16,68%/155 topônimos), *zootopônimos* (12,38%/115 topônimos), *antropotopônimos* (9,26%/86 topônimos) e *litotopônimos* (6,67%/62 topônimos). Dentre essas taxes, somente os *antropotopônimos* são de natureza antropocultural, enquanto as quatro restantes são de natureza física, comprovando a força de elementos da natureza física como motivadores no ato de nomear os lugares. Ao verificarmos a produtividade das cinco taxes subsequentes, percebemos uma inversão em termos de natureza das taxionomias. Uma é de natureza física – *geomorfotopônimos* (6,35% /59 topônimos) e quatro são de natureza antropocultural – *sociotopônimos* (5,92%/55 topônimos), *ergotopônimos* (4,2%/39 topônimos), *animotopônimos* (3,34%/31 topônimos), *hagiotopônimos* (3,9%/27 topônimos). No conjunto do *corpus*, os dados referentes às cinco taxes mais produtivas somam um total de quinhentos e setenta e oito topônimos, representando 62% dos dados, enquanto os dados das outras cinco subsequentes somam duzentos e onze designativos (23%), ou seja, dos 932 topônimos do universo pesquisado, quase 2/3 dos topônimos estão entre as cinco taxes mais produtivas. O 15% (143 topônimos) restantes estão distribuídos entre as outras taxes.

Na sequência, apresentamos a análise das 05 taxes mais produtivas da microrregião de Quirinópolis.

4.2.3 Taxionomias mais produtivas da microrregião de Quirinópolis

O estudo das cinco taxionomias mais produtivas - *fitotopônimos*, *hidrotopônimos*, *zootopônimos*, *antropotopônimos*, *litotopônimos* - do *corpus* estudado demonstra características do ambiente físico, como também a influência que o meio exerce sobre as pessoas no momento de atribuir um nome a um lugar, além de evidenciar a importância do homem no meio em que vive. Seguindo a mesma disposição dos dados do Gráfico III, o Gráfico IV apresenta a distribuição percentual dessas taxionomias no universo pesquisado. A análise de cada taxe que figura após o gráfico obedeceu à ordem decrescente em termos de número de ocorrências.

Gráfico IV – Distribuição percentual das cinco taxes mais produtivas na toponímia da microrregião de Quirinópolis



4.2.3.1 Fitotopônimos

Como já assinalado, dentre as taxes identificadas na toponímia da microrregião de Quirinópolis, a que atingiu o maior índice de produtividade de ocorrências foi a dos *fitotopônimos* com cento e sessenta topônimos, representando um percentual de 27, 68% do *corpus* analisado.

Verifica-se que o designador recorreu, com maior frequência, a aspectos da flora no ato de batismo de um acidente geográfico, uma vez que os topônimos de índole vegetal têm relação com plantas no universo pesquisado. A. J. Sampaio (1938, apud DICK, 1990, p. 146), ao discorrer sobre “o patrimônio florístico do Brasil” e a conseqüente proteção à natureza, faz referência aos numerosos benefícios da flora, assinalando que

uns conhecidos de toda a gente, outros reconhecidos pela ciência, nas suas pesquisas sobre as relações entre os seres vivos, a atmosfera e o solo. Todo o mundo conhece numerosas plantas úteis, campestres e florestais; geralmente se compreende o papel protetor das florestas para os mananciais; não há quem desconheça a utilidade de uma árvore frutífera, ornamental ou de sombra [...].

Percebe-se que vários são os benefícios que as plantas de uma região proporcionam aos seus habitantes. Possivelmente seja esse o motivo de o denominador/enunciador registrar as características locais de uma região na nomeação dos acidentes geográficos, por meio do topônimo. Na microrregião de Quirinópolis, por exemplo, encontramos tanto elementos típicos da flora local, quanto espécies que podem ser encontradas em todo o território brasileiro.

Nesse particular, novamente recorreremos à posição de A. J. Sampaio (1938 apud DICK, 1990, p. 193-194), para ratificar o exposto:

numa região como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir vegetal, ou pelas espécies características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o freqüente emprego de nomes de plantas, árvores, para individualizar um rio, um banhado, um vale, um provado, uma serra, um acidente topográfico qualquer.

No universo pesquisado, observa-se claramente o reflexo das características locais nas denominações dos lugares, como em córrego da *Capoeira*, córrego *Cedro*, córregos dos *Coqueiros*, serra da *Guariroba*, córrego do *Jatobá*, serra da *Matinha*, ribeirão do *Sapé*, córrego da *Pitanga*, dentre outros.

Dos 160 fitotopônimos estudados, 12 nomes ocuparam até a quinta colocação em termos de produtividade no conjunto dos dados, representados no Quadro 12 a seguir:

Nomes	Ocorrências	Colocação
Bálsamo	14	1°
Buriti	14	1°
Palmito	08	2°
Coqueiro	07	3°
Guariroba	07	3°
Sapé	07	3°
Taboca	07	3°
Macaúba	06	4°
Mata	06	4°
Jatobá	04	5°
Matinha	04	5°
Café	04	5°

Quadro 12 - Fitotopônimos mais produtivos na microrregião de Quirinópolis/GO.

Conforme os dados apresentados no Quadro 12, dentre os topônimos de maior produtividade, situam-se designativos originados de nomes de plantas vinculados a várias áreas da fitologia, como: **madeira de lei** – *jatobá*; **palmeiras** – *buriti*, *guariroba*, *macaúba*, *palmito* (gomo do caule de alguns tipos de palmeiras); **gramínea** – *sapé*; **arbusto/erva pequena** – *bálsamo*; **árvores/arbustos** – *café* (fruto do cafeeiro); termo genérico indicativo de **área coberta de plantas silvestres de portes diversos** – *mata*.

A grande incidência de topônimos de índole vegetal na microrregião em estudo pode ser justificada pela importância das plantas no cotidiano do homem, já que são imprescindíveis à qualidade de vida, daí a tendência de valorização da vegetação no processo de nomeação dos acidentes físicos e humanos.

Ao olharmos para os dados *fitotoponímicos*, levando em consideração os estratos linguísticos formadores de topônimos, registramos uma considerável incidência de fitotopônimos de base tupi. Dos 160 (cento e sessenta) *fitotopônimos*, 88 (oitenta e oito) são de origem portuguesa, 76 (setenta e seis) são de base tupi e 01 (um) de origem africana. Ou seja, quase a metade dos topônimos é de origem indígena. Essa produtividade de *fitotopônimos* de origem indígena na toponímia da microrregião de Quirinópolis é pertinente, se levarmos em conta os vários fatores que contribuíram esse significativo número de ocorrências, como por exemplo: a internalização de nomes de origem tupi na

língua falada pelos bandeirantes que vieram para Goiás e a presença de índios dessa etnia nas bandeiras na época da colonização do interior do Brasil e, conseqüentemente, do sertão goiano. Conforme mencionado no Capítulo II deste trabalho, no período colonial, os índios desempenhavam importantes tarefas no âmbito das bandeiras: confecção de cartas cartográficas, atuação como intérpretes, construção de embarcações, caça de animais cuja carne era usada como alimentação, colheita de plantas para fins medicinais, dentre outras tarefas (HOLANDA, 1975, *apud* ATAÍDES, 2006, p. 57-58).

Já a maior produtividade de topônimos de origem portuguesa é explicável por fatores de natureza histórica: os dominadores/colonizadores impuseram aos povos indígenas sua soberania, sua cultura e sua língua, tanto que, não só na microrregião de Quirinópolis, mas em todo o Brasil, é constatada a superioridade de topônimos de origem portuguesa na toponímia.

Já o baixo índice de topônimos de origem africana dentre os *fitotopônimos* – somente o córrego das *Bananas* – pode ser computado à própria questão do menor número de empréstimo das línguas africanas no léxico do português do Brasil, se comparado ao número de empréstimos oriundos das línguas indígenas e considerado o grande contingente de povos africanos que veio para o Brasil no período colonial. Há que ser considerada também a condição desprivilegiada do negro escravo na sociedade brasileira de então. Conseqüentemente, a língua falada pela população negra também acabou sendo marginalizada, o que se reflete na toponímia brasileira.

Em síntese, os *fitotopônimos* revelam, pela sua expressividade na nomenclatura dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis, a grande preferência do homem por elementos do seu ambiente circundante, em especial os da vegetação, no processo de nomeação dos acidentes geográficos, confirmando, assim, tendências já demonstradas em outros estudos sobre a toponímia brasileira.

Outra taxionomia expressiva no *corpus* desta pesquisa foi a dos *hidrotopônimos* que será focalizada no próximo tópico deste capítulo.

4.2.3.2 Hidrotopônimos

A segunda taxa mais produtiva, os *hidrotopônimos*, correspondem a um percentual de 26, 82%, correspondendo a 155 (cento e cinquenta e cinco) topônimos. A água é a essência da vida, por isso, a tendência de o denominador/designador, no ato de batismo de um topo, valer-se de nomes relacionados ao elemento água para nomear os lugares.

Consoante Dick (1990, p. 196), a ocorrência de topônimos de “natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos de água para as condições de vida”, daí a tendência de os primeiros povoados se formarem nas margens dos rios. Em termos de Brasil, os desbravadores no período colonial no mais das vezes utilizavam os rios como caminho, nas chamadas monções, e se alojavam perto de um rio ou de um córrego.

O homem, desde os tempos mais remotos, utiliza a água e os benefícios que ela lhe proporciona para sua sobrevivência, incluindo a locomoção. Na microrregião de Quirinópolis, por exemplo, a maioria dos limites políticos oficiais dos nove municípios é marcada pelos rios da região¹¹⁴. Assim, no espaço geográfico aqui estudado a importância dos cursos d’água recai não só no quesito fonte de alimentação, como também no processo de povoamento e no desenvolvimento econômico da região.

Dick (1990, p. 197) destaca também o valor mítico da água no cotidiano do homem:

o aspecto aventureco que grandes volumes líquidos sempre despertaram nas populações, verdadeira fascinação pelo desconhecido, que as levou a criar lendas e figuras míticas, poemas e cantos, sagas de uma raça, todo um maravilhoso, enfim, resumindo um ideal de vida ou de morte.

O homem, ao procurar conhecer o universo que o cerca, cria oportunidades para desvendar segredos, para construir e encontrar lugares para fixar-se e dar início a comunidades e, com isso, acaba aprendendo com suas descobertas, com seus erros e acertos. Dessa forma, ao transportar o seu conhecimento e importância da água para o topônimo, o designador distingue o acidente geográfico dos demais, facilitando, assim, a orientação do homem no espaço que o cerca. Além disso, proporciona subsídios para o conhecimento prévio do lugar. No universo pesquisado, por exemplo, dois topônimos confirmam isso: o córrego do *Salto* e a cachoeira *Salto do Rio Claro*. Esses dois acidentes geográficos situam-se em uma localidade onde há duas cascatas de águas abundantes, maravilhosas, denominadas pela comunidade local de “Primeiro Salto” e “Salto do Marianinho”.

Outros dois hidrotopônimos também merecem destaque na microrregião de Quirinópolis: o rio *Paranaíba* e o rio *Aporé*. O nome Paranaíba, segundo Sampaio (1928, 282), é originado do termo tupi *paranāyba*, “o grande caudal ruim”, ou de navegação impraticável. O rio com esse nome nasce na serra da Mata da corda, em Minas Gerais, e corre em direção oeste, servindo de divisa entre os estados de Minas Gerais e de Goiás. O

¹¹⁴ Confira o *Mapa 3 – Bacia hidrográfica do rio Paranaíba*.

rio *Aporé*, por sua vez, é afluente do rio Paranaíba e o topônimo que o identifica é de origem tupi que, segundo Tibiriça (1985, p. 21), remete a *apari*, originado do tupi *abá-r-y*, o rio do índio. Esse rio banha os estados de Goiás e de Mato Grosso do Sul, estabelecendo a divisa entre esses dois Estados. Em síntese, os rios *Paranaíba* e *Aporé* separam politicamente a microrregião de Quirinópolis dos estados de Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais. Notamos que esses e outros topônimos já mencionados emprestam à geografia o termo para denominar os acidentes em estudo. Nessas circunstâncias, o elemento genérico transforma-se em elemento específico, o topônimo por excelência, gerando o fenômeno da toponimização que resulta do aproveitamento de nomes de acidentes fluviais que fazem parte de um curso d'água na toponímia, segundo Dick (1990, p. 245). Exemplos: córrego da *Lagoa*, córrego da *Grota*, córrego da *Cachoeira*, salto do *Rio Verdinho*, cachoeira do *Salto*, córrego da *Vertente*.

Nesse particular, Dick (1992, p. 64) assinala que o recurso de buscar a denominação na própria geografia justifica o aparecimento de vocábulos toponímicos básicos, que refletem um determinado estrato do ambiente. Assim, acreditamos que os nomes com essas características no contexto aqui estudado podem ter sido motivados pelo próprio ambiente físico, uma vez que recuperam características da hidronímia local.

Outro aspecto que importa ser assinalado na *hidrotoponímia* aqui focalizada diz respeito aos *hidrotopônimos* compostos. O terceiro elemento do sintagma nominativo pode definir os acidentes, segundo o aspecto do referente, seja por meio do estado da água (córrego *Água Limpa*, córrego *Água Parada*, ribeirão da *Água Fria*), seja pelas suas características cromáticas (córrego *Água Amarela*, salto do *Rio Verdinho*). Ao tratar dessa questão, Dick (1992, p. 66-67) esclarece que a tipologia de uso de vocábulos básicos e sua relação geográfica é a de maior frequência nominativa, deixando transparecer o aspecto descritivo como traço pertinente à categoria, que geralmente reflete um aspecto duradouro do acidente.

Notamos, portanto, que o denominador, ao valer-ser de elementos de índole hidrográfica da microrregião de Quirinópolis, demonstrou a importância da água na vida do homem dessa região.

Já a categoria dos *zootopônimos* - topônimos de índole animal - ocupou o terceiro lugar em termos de produtividade nesta pesquisa. Na sequência, apresentamos algumas considerações acerca da influência desses nomes na onomástica local.

4.2.3.3 Zootopônimos

Os topônimos relativos a nomes de animais em geral, na microrregião de Quirinópolis, representaram 115 (cento e quinze) ocorrências, correspondendo a um percentual de 19,90% do *corpus*.

Os dados zootoponímicos aqui apresentados se opõem aos apresentados por Dauzat (1922, *apud* DICK, 1990, 255), que detectou uma menor ocorrência de topônimos de índole animal em relação a outras categorias na toponímia francesa e, também, à perspectiva de Backheuser (1952, *apud* DICK, 1990, p. 255) de que, na toponímia brasileira, os nomes de animais são menos recorrentes.

Isso demonstra que a realidade toponímica de uma determinada região pode ser bastante diferente de outra, uma vez que as designações acontecem de acordo com a perspectiva do denominador. Sapir (1969, p. 46), ao explicar a influência do ambiente no léxico de uma língua, assinala que “não são especificamente a fauna e os aspectos topográficos da região que uma língua reflete, mas o interesse da nação nesses traços ambientais”. Desse modo, de acordo com o interesse do grupo designador, o traço ambiental que mais lhe interessa é perpetuado como signo linguístico, marcando a língua com tipologias identificadoras ligadas às suas necessidades e, por extensão, significativas para o grupo que nomeia o meio que o circunda.

A fauna de uma região é nitidamente refletida nos nomes dos acidentes geográficos. Na região aqui pesquisada, a presença de animais é lembrada por meio de topônimos, como córrego do *Barbudo* (barbudo nomeia um peixe abundante na região, conhecido também como barbado), córrego *Jacaré*, córrego do *Cervo*, serra da *Sucuri*, córrego dos *Porcos*, córrego das *Vacas*, córrego dos *Bois*, entre outros.

Stewart (1954, p. 13), por sua vez, assinala que o animal pode influenciar o designador em decorrência de um encontro casual do homem com um animal na localidade ou perto dela. Já Dick (1990, p. 262-263) destaca que “o animal, porém, não participa apenas utilitariamente de uma comunidade primitiva, na medida em que lhe serve de fonte alimentícia. Sua função, quase sempre, vai mais longe, figurando em um eixo relacionante integrado por ele mesmo e pelo próprio homem que o personifica”.

Já Moreira (2006, p. 207), ao estudar a toponímia paranaense, agrupa os zootopônimos, segundo a classe dos animais, “considerando o tipo de animal nomeado pela unidade lexical elevada à categoria de topônimo”. Aplicando esse procedimento à zootoponímia da região de Quirinópolis, também identificamos topônimos com nomes de

animais relacionados aos cinco grupos estabelecidos pelo autor: **mamíferos, répteis, aves, peixes e insetos**. Como exemplos de topônimos com nomes desses tipos de animais, destacamos os seguintes: **mamíferos** – córrego dos *Bois*, córrego *Cavalos*, córrego do *Cervo*, córrego da *Vaca*, córrego da *Mula*, córrego da *Onça*, ilha da *Capivara*, córrego da *Anta*; **répteis** – córrego *Cascavel*, córrego *Sucuri*, córrego da *Cobra*, Serra do *Jacaré*; **aves** - córrego *Macuco*, córrego do *Jaburu*, córrego da *Ema*, córrego *Tucano*; **peixes** – córrego do *Lambari*, serra da *Pirapitinga* e córrego do *Barbudo*; **insetos** – córrego do *Cupim*, córrego *Mosquito*, córrego da *Abelha*, córrego do *Marimbondo*.

A análise dos *zootopônimos* da localidade pesquisada evidenciou, pois, a valorização da fauna local, uma vez que os nomes de animais foram recuperados para nomear lugares como córregos, serras, municípios. Observamos, pois, que os animais que motivaram a nomeação dos acidentes geográficos aqui focalizados estão, de alguma forma, vinculados à vida do denominador, por isso exercem um importante papel no processo onomástico toponímico do universo pesquisado.

Outra taxa toponímica marcante, no *corpus* pesquisado, foram os *antropotopônimos*, nomes de lugares decorrentes de homenagens a pessoas ilustres da localidade.

4.2.3.4 Antropotopônimos

Os *antropotopônimos*, à medida que homenageiam pessoas em geral, principalmente as da localidade, costumam ser bastante recorrentes na toponímia brasileira, em especial na nomenclatura de acidentes humanos. Na microrregião de Quirinópolis, 86 (oitenta e sete) topônimos de acidentes físico-geográficos foram agrupados a essa taxa, correspondendo a um percentual de 14,88% do total dos nomes analisados e ocupando a 4ª posição na ordem de ocorrências. Ao tratar da importância dos nomes próprios na nomeação de lugares, Dick (1990, p. 293) assinala que

a diversidade da motivação na escolha dos nomes próprios denota, portanto, em última análise, um reflexo da natureza psico-social do homem, das tendências e costumes dominantes em sua época e em seu meio. A identificação individual, através de apelativos, é, ainda, pelo menos no estágio atual de desenvolvimento da civilização, a melhor maneira de se designar os elementos de um grupo humano qualquer.

Segundo Dargel (2003, p. 156), “às vezes, os *antropotopônimos* são designativos espontâneos, em outras, são impostos por autoridades políticas, por atos voluntários e até por oportunismo”. Muitas vezes a nomeação de bairros, de rodovias, de córregos, de serras, só para citar alguns tipos de acidentes, resulta da ação indivisual da região, normalmente um político influente que, por interesse material ou como solicitação de apoio político,

propõe o nome de um habitante da sua ou de outra região, para nomear o acidente, muitas vezes como forma de obtenção de benefícios próprios.

De acordo com Dick (1990, p. 294-296), a denominação espontânea acontece com os acidentes identificados simplesmente pelo nome de um morador, revelando, assim, uma característica denominativa de um pequeno horizonte geográfico, distinto daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, muitas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular. Nesse caso, a razão de ser de uma nomeação anônima não extrapola as cercanias da localidade que lhe deu origem, por não possuir a força e o prestígio dos nomes históricos ou de projeção nacional.

No universo pesquisado, verificamos que os *antropotopônimos* homenageiam pessoas que tiveram importância regional, mais especificamente local, como é o caso de córrego do *Lucas*, serra do *Rosilho*, córrego *Augustinho*, córrego do *Miranda*, córrego *José Brás* – proprietários de fazendas próximas aos acidentes nomeados.

A seguir, trataremos dos *litotopônimos*, topônimos de índole mineral que carregam consigo manifestação da natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos.

4.2.3.5 Litotopônimos

Denotando topônimos de índole mineral, os *litotopônimos*, nesta pesquisa, nomearam 62 (sessenta e quatro) acidentes, atingindo um percentual de 10,73% do total de topônimos analisados. Desde o descobrimento do Brasil, o principal motivo dos colonizados na conquista do Novo Mundo era “a cobiça do ouro, e o amor às riquezas do mundo” (DANIEL, 1975, apud DICK, 1990, p. 131). Essa cobiça se dá justamente pela influência das condições ambientais, refletindo-se nos topônimos dos acidentes físicos de uma região. Sapir (1968, p. 44), por exemplo, demonstra a maneira pela qual as condições ambientais se refletem na língua de um determinado grupo social, estruturando-se em classes conceituais de ampla significação:

Não obstante, tratando-se de língua que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situando um grupo humano, convém compreender no termo “ambiente” tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regimes de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora, os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o

pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Notamos que a litotoponímia na microrregião de Quirinópolis não difere da do restante do Brasil. Geralmente os *litotopônimos* revelam algumas das características minerais da região pesquisada, como é o caso dos topônimos a seguir mencionados, representantes emblemáticos da região aqui estudada: córrego do *Lajeado*, córrego do *Barro Preto*, córrego das *Pedras*, morro do *Cal*, córrego da *Pedra Branda*, córrego *Pedra Vermelha*, entre outros. Dick (1986, p. 65) esclarece que os

aliados aos que refletem, em sua manifestação mórfica, a natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos, estão relacionados diretamente a dois fatos: um, de índole genérica, física, ambiental, específico às regiões de terra, em sua constituição (areia, barro, lama, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns dos momentos mais significativos da história de um povo.

No caso desta pesquisa, constatamos que parte dos topônimos de índole mineral da região pesquisada corresponde ao primeiro caso assinalado por Dick, “índole genérica”, como já exemplificado alhures, e outra parte ao segundo caso que a autora considera mais restrito, uma vez que pode fazer referência a momentos significativos da história de um povo. Acreditamos que os córregos *Pedra Branca* e *Pedra Vermelha* podem ter recebido tais designações por caracterizarem as pedras preciosas encontradas na região na época da colonização do sertão goiano.

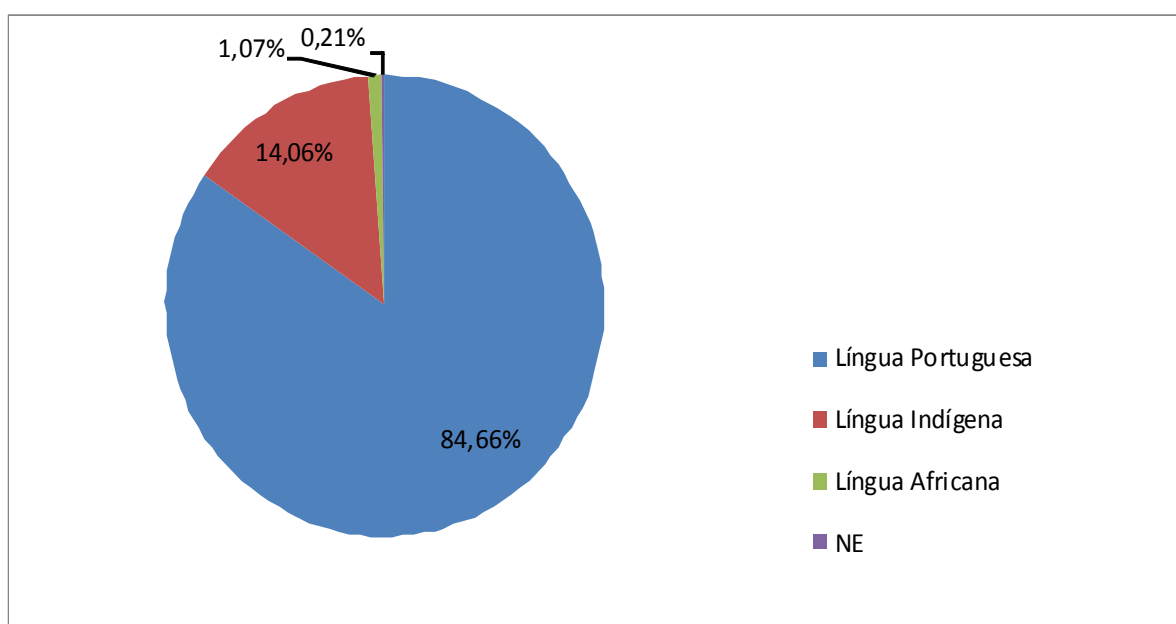
A análise das taxionomias mais produtivas da microrregião de Quirinópolis foi um dos objetivos desta pesquisa. Para tanto, nos propusemos, por uma questão metodológica, a analisar as cinco taxionomias de maior ocorrência. A análise apresentada procurou evidenciar aspectos da relação existente entre o homem e o ambiente que o cerca. O denominador/designador, ao nomear os acidentes físico-geográficos da microrregião de Quirinópolis, optou, na maioria das vezes, por retratar os aspectos do espaço geográfico circundante.

Concluída a análise dos topônimos referentes às cinco taxionomias mais produtivas do *corpus*, a próxima seção examina a questão da língua de origem dos topônimos, destacando estratos linguísticos predominantes na formação do português brasileiro e, por consequência, da toponímia brasileira. Apresenta também algumas considerações sobre a estrutura morfológica dos topônimos. Para tanto, foi considerado o *corpus* total da pesquisa.

4.2.4 Língua de origem dos topônimos

O estudo das camadas étnicas presentes na toponímia da região aqui estudada revela importantes relatos da história, da cultura, da língua do povo da localidade. O Gráfico V a seguir fornece uma visão geral da língua de origem dos topônimos da microrregião de Quirinópolis.

Gráfico V - Distribuição dos topônimos rurais da microrregião de Quirinópolis, segundo a língua de origem.



Os dados percentuais evidenciados no Gráfico V demonstram que na toponímia da microrregião de Quirinópolis, a exemplo da toponímia brasileira em geral, ocorre a predominância de topônimos de origem portuguesa, com 84,66%, seguidos dos de base indígena com 14,06% e dos de origem africana com 1,07%.

Sabe-se que, quando os portugueses chegaram ao território brasileiro, no século XVI, encontraram os povos autóctones com cultura, línguas e hábitos específicos já solidificados. Embora os índios fossem, por direito, os donos da nova terra descoberta, os portugueses aqui se instalaram e fizeram-se donos dela. Em decorrência do processo de colonização e, por consequência, da necessidade de mão-de-obra, grupos africanos também foram trazidos como escravos para o Brasil, no período que ficou conhecido como tráfico negreiro. A história do Brasil mostra que os portugueses fizeram dos negros e de muitos índios seus escravos, submetendo-os a maus tratos de diferentes tipos.

Por meio do estudo da toponímia de uma região, é possível perceber, claramente, a importância dos diferentes grupos étnicos na formação linguística de um País. No período correspondente ao descobrimento do Brasil, por exemplo, o colonizador lusitano quis impor suas regras de nomeação, por considerar-se o novo dono da terra descoberta. No entanto, teve que se adaptar ao meio, por uma questão de sobrevivência, pois os índios eram guerreiros e defendiam seu clã e seu território. Assim, o colonizador teve que aprender as línguas faladas pelos autóctones que foram chamadas, pelos portugueses, de línguas gerais (BEARZOTI FILHO, 2002, p. 39). Tratando da toponímia, Dick (1988, p. 84) esclarece que,

desde que para o Brasil vieram os portugueses, começou a se instalar entre nós uma nomenclatura geográfica que, nos seus primórdios, ou melhor dizendo, nos primeiros acidentes reconhecidos, trazia a visão personalíssima do elemento lusitano, com sua psicologia religiosa e espiritualista aflorando na geografia que, palmo a palmo, ia percorrendo. Parece que para ele não importava a nomeação particular e legítima dos autóctones. Primeiro, porque isto não deveria fazer parte de suas preocupações, depois porque ele estava diante de um povo que desconhecia, em suas reações e sentimentos, a quem ele, o conquistador, viera para dominar. Não apenas pela superioridade numérica, mas pela força de suas tradições e pelo poder de seu verbo.

Embora na toponímia brasileira predominem os de base portuguesa, pode ser considerado significativo o montante de ocorrências de nomes indígenas, uma vez que, em relação à herança indígena na toponímia brasileira, há uma média de 10.000 topônimos atribuídos a acidentes geográficos de diversas ordens, já inventariados por Dick (1986, p. 102).

O predomínio de topônimos de origem portuguesa na microrregião em estudo é explicável, se considerarmos o fato de os primeiros desbravadores do estado de Goiás terem sido os bandeirantes paulistas e os mineiros que possuíam a língua portuguesa como oficial. Esses dominadores/colonizadores, falantes da língua portuguesa, impuseram aos povos indígenas a sua soberania, sua cultura e, claro, sua língua, tanto que, não só nessa microrregião, mas em todo o Brasil, é constatada a superioridade de topônimos de origem portuguesa. No universo aqui pesquisado, dos 932 topônimos estudados, 84,66% são de origem portuguesa e apresentam uma enorme riqueza de aspectos que merecem reflexão, o que corrobora a posição de Dick (1976, p. 317), de que “a Toponímia de origem portuguesa (ou brasileira propriamente dita), pela multiplicidade de traças ambientais” dispõe ao toponimista um significativo espaço para estudos e, nesse contexto, é preciso considerar “as condições mesológicas”, uma vez que

os primeiros topônimos funcionavam, portanto, como verdadeiros “sign-posts”, ou marcas semióticas de identificação dos lugares, usadas com a finalidade de

distinguir as características de espaços semelhantes: uma forma, uma silueta, o perfil de uma paisagem se apresentando como recortes de uma corografia maior a ser detalhada (DICK, 1995, p. 60).

Nesse sentido, percebemos que o colonizador nomeava os lugares por onde passava com designativos que caracterizavam o ambiente. Nota-se nessa situação a função emblemática do topônimo no lugar em que ele foi designado, comprovando, assim, a influência exercida pelo ambiente no léxico da língua (SAPIR, 1969, p. 45). Sobre o assunto, Dick (1976, p. 318) assinala que “os princípios geográficos e históricos do país” condicionam um determinado tipo de atividade material por causa do momento histórico em que se encontra, chegando ao estabelecimento da correspondência entre o nome do lugar “e a condição terminológica determinativa”. Com isso, entende-se,

claramente, a passagem de um designativo comum de língua à categoria de topônimo, fruto de mecanismo espontâneo de nomeação, embora motivado externamente pelas conjunções do meio. Mais ainda, as “áreas culturais” podem sugerir a formação de “áreas toponímicas”, em virtude de maior concentração de nome de uma mesma camada significativa, em sua região (DICK, 1976, p. 318).

Essas constatações de Dick têm sido validadas em trabalhos sobre a toponímia brasileira de diferentes regiões do Brasil. No universo aqui pesquisado, diversos topônimos de origem portuguesa são resultantes da ligação do homem com a terra, com o ambiente. Essa ligação ora acontece motivada por elementos da cultura material, ora pela importância da fauna e da flora para o grupo, dentre outros fatores. Recuperando elementos da cultura material, notamos, dentre outras, ocorrências como córrego *do Tanque* (AF/Itajá), Córrego *da Buzina* (AF/Itarumã), córrego *do Carro* (AF/Itarumã), córrego *do Fogão* (AF/Itarumã), córrego *do Monjolo* (AF/Itarumã). Já no tocante a elementos da flora temos o córrego *da Abelha* (AF/São Simão), córrego *do Alecrim* (AF/São Simão), córrego *Jenipapo* (AF/São Simão), córrego *dos Bois* (AF/Paranaiguara), só para citar alguns exemplos. É possível notar que muitos são os fatores influenciadores no ato do batismo de um topo em determinado espaço geográfico. Nesse processo, o signo da língua é transformado em signo toponímico, passando, desse modo, a designar um espaço real do universo a que ele pertence. Isso acontece não só com topônimos oriundos da língua portuguesa, mas também com os procedentes de outras línguas naturais encontradas no universo pesquisado, como é o caso de topônimos de origem indígena e africana.

Em relação à língua indígena, na toponímia pesquisada, nota-se claramente a predominância da língua tupi, manifestada num montante de 130 ocorrências (14,04%), resultado significativo, já que a região de Quirinópolis não registra a presença de grupos étnicos do tronco tupi, uma vez que era terra do tronco Macho-Jê. Na microrregião de

Quirinópolis só registramos (01) um topônimo pertencente a esse tronco, mais especificamente, córrego *Caiapó* (AF/Caçu)¹¹⁵. Acreditamos que a significativa ocorrência de nomes de origem tupi no universo pesquisado se deu por alguns motivos, a saber: i) os colonizadores que vieram para Goiás já possuíam nomes de origem tupi internalizados na sua língua; ii) a presença de índios dessa etnia nas bandeiras na época da colonização do interior do Brasil e, conseqüentemente, do sertão goiano; iii) incorporação do léxico tupi no acervo vocabular do português brasileiro. Tais motivos, provavelmente, contribuíram para a disseminação do léxico de base tupi em todo o território brasileiro. Nesse particular, Sampaio (1928, p. 02) esclarece que

ao europeu, porém, ou aos seus descendentes cruzados, que realizaram as conquistas dos sertões, é que se deve a maior expansão do *tupi*, como *língua geral*, dentro das raias atuais do Brasil. As levas, que partiam do litoral, a fazerem descobrimentos, falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os próprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colônias, espalhadas nos sertões, falando também o tupi e encarregando-se naturalmente de difundi-lo.

Bearzoti Filho (2002, p. 43), por sua vez, ao tratar das designações de origem tupi, assinala que “em grande parte, trata-se de topônimos atribuídos não por índios, mas por bandeirantes, que, como já vimos, utilizavam a língua geral como idioma de comunicação ordinária em suas expedições”.

Percebe-se, pois, que os índios tupi acabaram contribuindo, e muito, com o léxico do português brasileiro, o que resultou numa riqueza de possibilidades nomenclaturais, já que enriqueceram sobremaneira o patrimônio lexical do português brasileiro e, por conseqüência, da toponímia. Segundo Dick (1992),

o sistema lexical tupi, como reflexo de uma sociedade de economia mista, deixou uma grama variada de contribuição linguística ao português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência. Se muitos desses designativos, hoje, escapam ao linguajar corrente do brasileiro, impulsionado, constantemente, pela dinâmica da língua, outro tanto não ocorre na toponímia, que se vale deles como uma fonte contínua de motivação, mantendo, assim, vivas, as tradições culturais indígenas.

Na região aqui pesquisada, constatamos, claramente, a presença do léxico de base tupi na toponímia regional. Ilustram isso topônimos como *Guariroba*, *Jacaré*, *Jatobá*, *Paranaíba*, *Pindaíba*, *Sapé*, *Sucuri*, *Taboca*, *Tapera*, *Jaborandi*, *Aporé*, *Bacuri*, dentre outros, documentados na onomástica da microrregião de Quirinópolis.

Nesse contexto, merece registro o fato de a história dos índios tupi na América ter começado bem antes do contato com os europeus, pois por volta de 1000 a.C. “os povos

¹¹⁵ Vide capítulo 2, item 2.3.

indígenas que hoje chamamos de tupis-guaranis e arauaques – variação de *arawak* – já habitavam o sudoeste da Amazônia” (BEARZOTI FILHO, 2002). Segundo esse mesmo pesquisador, talvez por questões de alterações climáticas, parte desses povos tenham empreendido grandes movimentos migratórios em direção a outras regiões da América, durante muitos séculos. Já no século XVI, os contatos entre portugueses e índios tupis do litoral se intensificaram e, com isso, instaurou-se a necessidade de comunicação entre esses grupos. Como naquela época os portugueses eram em menor quantidade, eles precisaram aprender, parcialmente, o tupi, pela necessidade de comunicação com os nativos. Em decorrência do contato com lusitanos, os índios perderam muito de sua cultura devido à “esperteza” dos portugueses que, interessados nas riquezas brasileiras, e também na mão-de-obra dos índios para a construção da nova pátria, aproveitavam-se não só da inocência dos povos primitivos que ali viviam, mas também da riqueza cultural e material transmitida por eles. Essa forte relação entre índios e brancos reflete-se nas denominações geográficas brasileiras, como demonstramos nesta pesquisa e pudemos observar em outros trabalhos da área a que tivemos acesso.

Quanto aos topônimos de origem africana, poucos foram os registros toponímicos na região pesquisada – 10 ocorrências, com um percentual de 1,07% do *corpus*. Identificamos os seguintes topônimos de base africana: *Moleque, Monjolo, Congo, Cangalha, Macaco, Bananas e Marimondo*. Acreditamos que um dos motivos da pouca ocorrência de topônimos de origem africana relaciona-se à própria questão do baixo número de empréstimos das línguas africanas incorporados ao léxico do português do Brasil, se considerado o grande contingente de povos africanos que veio para o Brasil no período colonial. Isso se explica pela própria história da escravidão no Brasil, dadas as circunstâncias em que o negro passou a integrar a população brasileira (século XVI).

Na condição de escravo, ocupavam posição desprivilegiada na organização social do espaço, tendo inclusive limitações quanto ao uso da língua e à manifestação da cultura. É certo que os índios também serviram como escravos no processo de colonização, mas numa condição diferente em termos de dependência, pois os portugueses precisavam deles para conseguir conquistar o novo território, uma vez que só o índio conhecia a terra descoberta. Já os negros vieram para o Brasil unicamente como mão-de-obra escrava. Ao tratar do convívio entre as etnias africanas, indígenas e portuguesas, no território brasileiro, Dick (1985, p. 24) esclarece que nos primórdios do século XVI três diferentes grupos étnicos viveram no Brasil: o indígena que aqui já se encontrava quando o colonizador chegou ao Novo Mundo e o negro que veio a partir da necessidade de outros colaboradores talvez mais

pacíficos em relação aos indígenas. Com a chegada do negro houve uma alteração considerável no “primitivo conjunto racial heterogêneo”, já que novos hábitos se instalaram, outras línguas passaram a ser faladas no novo território. A autora supracitada assinala ainda que

Línguas gerais ou de comunicação se impuseram para reunir os falantes dos grupos não-brancos: do lado americano, o tupi, a mais falada na costa do Brasil, transmitindo ao vocabulário brasileiro cerca de 10.000 palavras; do lado africano, duas outras concorreram entre si: o nagô ou iorubá, na Bahia, do grupo sudanês, e o quimbundo, no Nordeste e mais ao Sul, a partir de Minas Gerais até o Rio de Janeiro e São Paulo, aproximadamente representando os povos bantus. Se os topônimos indígenas são mais significativos em extensão, na proporção direta do próprio vocabulário transmitido, os africanos configuram-se menores, extensivamente, porque o próprio contingente vocabular legado ao português é pequeno, cerca de trezentos termos mais ou menos, numa desproporção clara com o total de negros imigrados (DICK, 1985, p. 24).

Os registros de Dick justificam a desproporção inexistente entre a produtividade de topônimos de origem indígena e a de origem africana, pois esse fato se deu, primeiramente, na língua. A toponímia da microrregião de Quirinópolis ratifica essa tendência nacional do processo designativo.

No universo dos topônimos estudados, não foi possível identificar a língua de origem de 02 topônimos: córregos *Tambiacó* e *Imujosa*. A elucidação desses nomes será objeto de estudos futuros a partir de novas fontes a serem buscadas.

Em síntese, a presença de diferentes estratos linguísticos é claramente notória na estrutura morfológica dos topônimos, devido às influências da linguagem falada. Sobre o assunto, Dick (1996, p.35) assinala que

as camadas portuguesas, a indígena (especialmente a de origem tupi) e a africana, além de uma combinatória das duas primeiras (nomes portugueses + nomes tupis e nomes tupis + nomes portugueses), caracterizando as formações mistas ou híbridas que alteram a posição sintagmática dos elementos constituintes na sequência dos conjuntos.

Na sequência, trataremos dos constituintes estruturais dos topônimos.

4.2.5 Estrutura morfológica dos topônimos

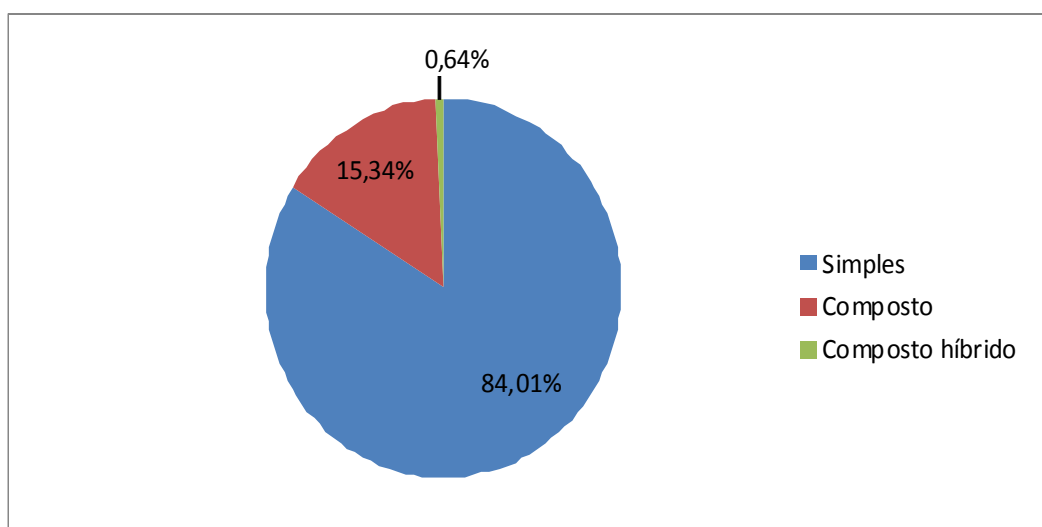
Seguindo os parâmetros teórico-metodológicos adotados para esta pesquisa, consideramos o elemento específico do sintagma toponímico como fonte de investigação. Segundo Dick (1992, p.14), o topônimo pode ser classificado em sua estrutura morfológica, como simples, composto e composto híbrido.

Do total de sintagmas toponímicos catalogados nesta pesquisa, 783, ou seja, 84,01% são de estrutura simples, ou seja, formados por um formante, uma vez que, no processo de

nomeação, o designador/enunciador utiliza, na maioria das vezes, apenas um elemento designativo, daí a predominância de topônimos de estrutura simples no *corpus* desta pesquisa. Os topônimos compostos – formados por mais de um formante lexical - somaram um total de 143 nomes, representando um percentual de 15,34%. Já os casos de hibridismos apareceram em seis topônimos compostos (0,64%), estruturados a partir de duas bases linguísticas – tupi + português: córrego *Buriti Comprido* AF/GO, córrego *Buriti Fechado* AF/GO, córrego do *Buriti Triste* AF/GO, córrego *Capim Podre* AF/GO, córrego do *Buriti Grande* AF/GO e córrego do *Capão Grande* AF/GO.

O Gráfico VI, a seguir, apresenta a produtividade dos topônimos da microrregião de Quirinópolis, segundo a estrutura morfológica.

Gráfico VI – Distribuição percentual dos topônimos da microrregião de Quirinópolis em termos de estrutura morfológica



Os dados desta pesquisa revelaram que o processo de nomeação segue tendências universais. Nesse sentido, retomamos a posição de Stewart (1954, p. 02), para quem um dos mecanismos mais produtivos utilizado no batizo de um nome é a recorrência aos nomes descritivos, nos quais uma “qualidade permanente ou semipermanente do lugar em si” torna-se a motivação do nome a ser escolhido para o acidente. Assim, valendo-se de um adjetivo ou de um substantivo, o designador batiza um espaço com um nome cuja motivação pode ser facilmente percebida por qualquer pessoa. Como exemplo dessa característica descritiva do topônimo, citemos o córrego da *Sucuri* que evoca a possível

existência dessa cobra no local onde se localiza o córrego, daí a motivação para a escolha desse nome.

Destacamos aqui, novamente, as palavras de Dick (1995, p. 60) que, ao discorrer sobre o processo de nomeação dos acidentes, atesta que “os primeiros topônimos funcionavam [...] como verdadeiros ‘sign-posts’, ou marcas semióticas de identificação dos lugares, usadas com a finalidade de distinguir características de espaços semelhantes [...]”. A pesquisadora esclarece ainda que esse fato explica a “quase-monotonia” apresentada na “primeira camada da nomenclatura geográfica” e demonstra que, com a adoção de nomes descritivos, houve, em princípio, uma tendência do designador recorrer aos “arquétipos toponímicos” ou “universais denominativos”. Desse modo, o substantivo é utilizado como forma de retratar o acidente de maneira concreta e o adjetivo para demonstrar a subjetividade do enunciador (DICK, 1995, p.60-61).

Dependendo da necessidade do grupo em um momento específico, as manifestações onomásticas descritivas acontecem de forma espontânea e em diferentes regiões do planeta, como assinalam Stewart e Dick. Nessa linha de raciocínio, Dargel (2003, p. 233) destaca que o topônimo *Aporé* (AF) motivou vários outros signos toponímicos relacionados ao rio Aporé no espaço por ele banhado. A autora esclarece ainda que “esse fato se dá não só no BSM¹¹⁶ como também em Goiás, na área em que o rio *Aporé* limita-se com o Mato Grosso do Sul”. Topônimos como serra do *Aporé* (AF/Goiás e Mato Grosso do sul) e o município de Aporé (AH – Goiás) confirmam o exposto.

Esse mecanismo de nomeação é, pois, um dos mais recorrentes na toponímia dos acidentes físico-geográficos, já que o designador utiliza, na maioria das vezes, apenas um elemento descritivo e, assim, a estrutura morfológica predominante em uma área toponímica tende a ser a do topônimo simples, como constatado tanto na microrregião de Quirinópolis, como na do Bolsão Sul-mato-grossense (DARGEL, 2003) e na toponímia de municípios do Triângulo Mineiro (ATEMIG).

Tendo em vista a similaridade entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais no que se refere à estrutura morfológica dos topônimos analisados, bem como características lingüísticas e extralingüísticas identificadas ao desenvolver esta pesquisa, apresentamos, a seguir, o Capítulo V que foi destinado ao estudo comparativo de um recorte toponímico dessas três regiões.

¹¹⁶ Bolsão Sul-mato-grossense.

CAPÍTULO V - INTERFACES ENTRE A TOPONÍMICA DOS MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DE QUIRINÓPOLIS, DO BOLSÃO SUL-MATO-GROSSENSE E DO TRIÂNGULO MINEIRO

Quando nos propusemos a estudar a toponímia da microrregião de Quirinópolis (GO), estabelecemos como segunda hipótese para esta pesquisa a “identificação de uma possível *isoglossa toponímica* nos municípios de fronteira com o Bolsão sul-mato-grossense (MS) e Triângulo Mineiro (MG)”. De acordo com o já explicitado, entende-se por isoglossas demarcações virtuais da manifestação de determinado fenômeno linguístico. Neste trabalho tivemos como proposta verificar em que proporção a toponímia ultrapassa as fronteiras geográficas, marcando áreas toponímicas distintas. Para tanto, foi realizado um estudo contrastivo entre a nomenclatura dos acidentes físicos dos municípios dos três recortes toponímicos estudados.

Os dados foram analisados sob três perspectivas, a saber: i) exame das cinco taxionomias mais produtivas em cada região, com vistas a detectar a motivação toponímica predominantemente no universo examinado; ii) análise da questão da língua de origem da toponímia das três regiões, com vistas a identificar os estratos linguísticos predominantes na nomenclatura dos municípios fronteiriços em estudo e iii) análise dos topônimos formados com o sufixo diminutivo em cada região, por tratar-se de um tipo de formação toponímica produtiva em Quirinópolis e no Bolsão Sul-mato-grossense, área colonizada, sobretudo, por mineiros. Além disso, este estudo propõe um esboço de cartas toponímicas que mapeiam esses fenômenos, nas três regiões em exame.

Com o objetivo de apresentar uma visão do conjunto dos dados das três regiões, os topônimos recolhidos do acervo léxico-toponímico armazenado nas três fontes de dados – Pereira (2009), Dargel (2003)/Projeto ATEMS¹¹⁷ e Projeto ATEMIG (2009)¹¹⁸ – foram organizados 04 quadros (Quadros 13, 14, 15 e 16) e 01 gráfico (Gráfico VI). Essas figuras são apresentadas na sequência deste capítulo, seguidas da respectiva discussão dos dados.

¹¹⁷ Integram o Bolsão Sul-mato-grossense os seguintes municípios: Paranaíba, Cassilândia, Aparecida do Taboado, Silvíria, Inocência, Três Lagoas, Brasilândia, Santa Rita do Pardo, Água Clara, Chapadão do Sul e Costa Rica.

¹¹⁸ Os dez municípios do Triângulo Mineiro relacionados para esse estudo contrastivo foram os seguintes: Carneirinho, Limeira, União de Minas, Iturama, São Francisco de Sales, Campina Verde, Gurinhatã, Santa Vitória, Ipiatuba e Ituitutaba.

5.1 Taxionomias toponímicas mais produtivas nas fronteiras de Goiás, de Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais

Como já mencionado, o modelo taxionômico adotado nesta pesquisa permite identificar a motivação dos designativos a partir da própria estrutura do topônimo. O Quadro 13, a seguir, reúne as taxionomias mais produtivas nas três regiões de fronteira. Na sequência, é apresentada a discussão dos dados do quadro.

Quirinópolis		Bolsão		Triângulo Mineiro	
Taxionomia	Total	Taxionomia	Total	Taxionomia	Total
Fitotopônimos	160	Fitotopônimos	205	Fitotopônimos	170
Hidrotopônimos	155	Zootopônimos	197	Zootopônimos	121
Zootopônimos	115	Hidrotopônimos	186	Hidrotopônimos	84
Antropotopônimos	86	Antropotopônimos	111	Geomorfotopônimos	83
Litotopônimos	62	Litotopônimos	104	Ergotopônimos	69

Quadro 13 – Distribuição quantitativa das 5 (cinco) taxionomias mais produtivas na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).

Assim como na microrregião de Quirinópolis, as taxionomias de maior produtividade nos municípios do Bolsão sul-mato-grossense foram os *fitotopônimos*, os *zootopônimos*, os *hidrotopônimos*, os *antropotopônimos* e os *litotopônimos*. No Triângulo Mineiro também os *fitotopônimos*, os *zootopônimos* e os *hidrotopônimos* alçaram as três primeiras colocações e diferenciaram de Goiás e Mato Grosso do Sul, no que se refere a quarta e a quinta colocação, prevalecendo os *geomorfotopônimos* e os *ergotopônimos*.

Nota-se também que apenas uma taxionomia de natureza antropocultural situa-se entre as mais produtivas em cada região focalizada: em Quirinópolis e no Bolsão: *antropotopônimos*; no Triângulo: *ergotopônimos*. Assim, a cultura material (ergotopônimos) foi a mais valorizada na região do Triângulo, entre as categorias de natureza antropocultural, com denominações como córrego do *Tamboril*, córrego do *Machado*, córrego do *Bebedouro*, córrego *Pá Quebrada*, córrego do *Jaleco*, ribeirão *Parafuso*. Ao contrário, na região de Quirinópolis e do Bolsão a homenagem a pessoas da localidade transparece nos *antropotopônimos*. Na primeira foram registrados topônimos córrego *Augustinho*, córrego do *Bernardo*, córrego do *João Maria*, córrego do *Lucas*, córrego *Manuel José*, enquanto na segunda foram catalogados *antropotopônimos* como córrego do *Gonzaga*, córrego *José Inácio*, córrego *Barbosa*, córrego da *Generosa*, córrego

do *Braz*. No que se refere às taxionomias de natureza física, destaca-se a ocorrência de *geomorfotopônimos* na região do Triângulo, fato justificado pelas próprias características físico-geográficas do estado de Minas Gerais que possui uma área repleta de morros e montanhas. Arbex Jr. e Olic (1999, p. 19) assinalam que a região montanhosa é característica da porção leste de Minas Gerais e todo leste e grande parte do centro-oeste de São Paulo. Daí a motivação da considerável recorrência *geomorfotoponímica* na toponímia mineira. *Geomorfotopônimos* como córrego *Baixada da Goiaba*, córrego *das furnas*, córrego *da Grotta*, córrego do *Pontal*, entre outros, exemplificam o exposto. Esse fato comprova mais uma vez a tendência dos povos de designar os lugares com nomes dos elementos físicos da natureza circundante, o que ratifica o fato de o meio ambiente exercer grande influência no processo de nomeação de lugares.

Dos 932 (novecentos e trinta e dois) topônimos da microrregião de Quirinópolis, 160 são *fitotopônimos*, 155 são *hidrotopônimos*, 115 *zootopônimos*, 86 são *antropotopônimos* e 62 são *litotopônimos*. Já no Bolsão sul-mato-grossense, dos 1300 (mil e trezentos) topônimos, 205 são *fitotopônimos*, 197 são *zootopônimos*, 186 são *hidrotopônimos*, 111 são *antropotopônimos* e 62 configuram-se como *litotopônimos*.

Já os dez municípios do triângulo mineiro somaram um total de 938 (novecentos e trinta e oito) topônimos. Desse total, 170 são *fitotopônimos* (1º lugar), 121 são *zootopônimos* (2º lugar), 84 são *hidrotopônimos* (3º lugar), 83 são *geomorfotopônimos* (4º lugar) e 69 são *ergotopônimos* (5º lugar).

Levando-se pois em consideração a classificação taxionômica, os dados evidenciam uma “proximidade toponímica” entre as três regiões, uma vez que houve a predominância das taxionomias de natureza física nos três espaços geográficos examinados e, mais ainda, quase as mesmas taxionomias¹¹⁹.

A seguir, destacamos os estratos linguísticos mais recorrentes na toponímia da região de fronteira examinada.

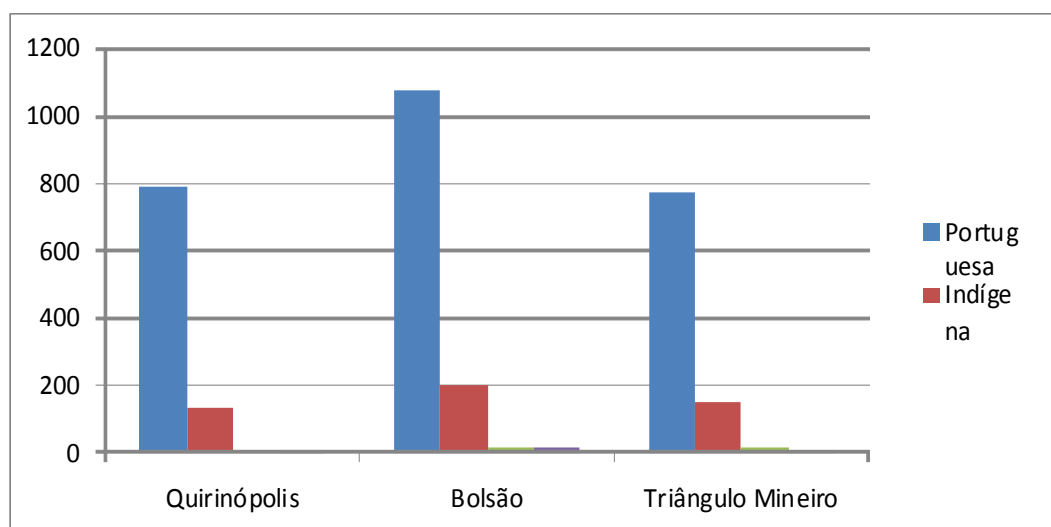
5.2 Estratos linguísticos na toponímia da fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais

Conforme já assinalado neste trabalho, os estratos linguísticos formadores de topônimos nos revelam uma história de influência na língua portuguesa. Em vista disso,

¹¹⁹ Vide toponímica II – Taxionomia com primeiro lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e Minas Gerais (MG), disposta na sequência deste capítulo.

focalizamos aqui, a presença de estratos linguísticos, principalmente, de base indígena nos topônimos catalogados nas três regiões examinadas. O Gráfico VII, apresentado na sequência, ilustra isso.

Gráfico VII – Distribuição dos topônimos de base portuguesa, indígena e africana na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).



Os dados apresentados nesse gráfico evidenciam a seguinte sequência, em termos de língua de origem dos topônimos: **Língua portuguesa** - Quirinópolis: 789; Bolsão: 1076; Triângulo: 771. **Língua indígena** – Quirinópolis: 131; Bolsão: 200; Triângulo: 148. **Língua africana** – Quirinópolis: 10; Bolsão: 13; Triângulo: 15. **NE** – Quirinópolis: 02; Bolsão: 11; Triângulo: 04.

Os dados do Gráfico VII demonstram que a toponímia dos três Estados em análise, na área de fronteira delimitada para este estudo, segue a tendência de todo o Brasil, já demonstrada por outros estudos sobre a toponímia brasileira, ou seja, predomínio de topônimos de origem portuguesa, seguidos dos de origem indígena e africana.

Como já assinalado ao longo deste trabalho, basicamente três grupos étnicos estão na base da formação do povo brasileiro: os portugueses, os indígenas e os africanos. Dick (1992, p. 81) acrescenta ainda que os grupos de procedência estrangeira só chegaram após a colonização brasileira. O convívio entre essas várias etnias deixou reflexos tanto na língua quanto na cultura do povo brasileiro. Desse modo, pelo fato de o topônimo se constituir como uma unidade da língua, um signo linguístico, não poderia, então, a toponímia brasileira de origem indígena permanecer indiferente à presença de outra língua, como a

portuguesa, por exemplo. É de conhecimento, pelo menos de historiadores, geógrafos e linguistas, que, quando os europeus chegaram ao Brasil, encontraram uma toponímia básica de origem indígena em parte incorporada à nova nomenclatura geográfica que passaria a se formar. Entretanto, nas zonas costeiras, por onde o colonizador viajou e, posteriormente, pelas zonas interioranas, esse quadro começou a ser alterado, uma vez que, por desconhecimento da nomenclatura primitiva, o português passou a renomear os acidentes segundo os padrões culturais lusitanos da época. Exemplo disso é a presença de nomes de origem cristã, registrados nas cartas geográficas européias que contêm o roteiro das expedições que viajaram pelo litoral brasileiro entre os anos de 1502 a 1509 (DICK, 1992, p. 313).

Frente ao exposto, não é de estranhar a superioridade numérica de nomes da língua portuguesa na nomenclatura geográfica brasileira e também nas três regiões aqui estudadas. Contudo, isso não exclui a significativa herança de nomes indígenas, principalmente do tupi, na toponímia brasileira. Isso se estende também aos nomes de base africana, discutidos a seguir, a partir dos dados apresentados no Quadro 14.

Quirinópolis		Bolsão		Triângulo Mineiro	
Topônimos	Total	Topônimos	Total	Topônimos	Total
Monjolo/ Monjolinho	4	Monjolo/ Monjolinho	4	Monjolo/ Monjolinho	3
Bananas	1	Cangalha	2	Marimbondo	3
Cangalha	1	Marimbondo/ Marimba	2	Quilombo	3
Moleque	1	Quilombo	2	Macaco	2
Macaco	1	Cachimbo	1	Cachimbo	1
Congo	1	Inhame	1	Curiango	1
Marimbondo	1	Buzunheiro	1	Bananal	1
				Angolinha	1

Quadro 14 – Distribuição numérica de africanismos na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).

Dos 10 (dez) topônimos de origem africana da microrregião de Quirinópolis, dos 13 (treze) da região do Bolsão sul-mato-grossense e dos 15 (quinze) dos municípios do Triângulo Mineiro, somente *monjolo*, *monjolinho* e *marimbondo* nomeiam acidentes físico-geográficos das três regiões. Embora os outros topônimos ora designem acidentes em duas regiões, ora topos de só uma delas, não denotam ausência do referente nos três espaços geográficos analisados. Por exemplo: a unidade lexical *angolinha*, variante de *angola*, que

se configura como topônimo somente do Triângulo Mineiro, faz referência a uma ave que, segundo Ferreira (2004), é de origem africana e já aclimada em regiões de clima quente ou temperado, assim como nas microrregiões em estudo, pois é comum a criação dessas aves em fazendas das três regiões, quando não em quintais de casas de cidades interioranas.

Já a ocorrência do topônimo *monjolo* nas três regiões pode decorrer da própria utilidade do objeto nomeado por essa unidade léxica nas fazendas que cultivam grãos e precisa socá-los até se tornarem farinha. Na atualidade ainda há essa valiosa “máquina de socar grãos” em fazenda da região.

A presença do topônimo *marimbondo*¹²⁰ nas três regiões, por sua vez, decorre, possivelmente, da presença desse inseto no universo em estudo, o que justifica a nomeação dos seguintes acidentes físicos, com esse topônimo: córrego *Marimbondo*/GO, córrego *Marimbondo*/MS, córrego *Marimbondo*/MG, serra dos *Marimbondos*/MG.

Outro topônimo de origem africana identificado foi *buzungueiro* – documentado somente no Bolsão Sul-mato-grossense. O termo *buzungueiro*, de *buzu* = *jogador* + *-ueiro* = *sufixo indicativo de algumas profissões*, reporta-se ao jogador de *buzu*, um “jogo popular com rodela de casca de laranja, grãos de milho, etc” (FERREIRA, 2004). Não encontramos informações mais precisas sobre esse jogo. Contudo, acreditamos tratar-se de uma espécie de “amarelinha”, jogo em que são utilizadas rodela de casca de laranja, grãos de milho ou até mesmo pedrinhas para marcar os espaços em que a pessoa/criança não pode pisar ao ir saltando por entre os quadrados.

Como pudemos observar, a presença de topônimos de origem africana foi mínima na toponímia das três regiões. Dick (1985, p. 24), posicionando-se sobre essa tendência na toponímia brasileira, argumenta que,

se os topônimos indígenas são mais significativos em extensão, na proporção direta do próprio vocábulo transmitido, os africanos configuram-se menores, extensivamente. Porque o próprio contingente vocabular legado ao português é pequeno, cerca de trezentos termos mais ou menos, numa desproporção clara com o total de negros imigrados.

Isso decorre da própria condição do escravo africano na sociedade colonial. Mesmo assim, não podemos anular a contribuição dessa etnia na formação cultural brasileira, sobretudo em determinadas áreas como danças, comidas, vestimentas, religião. No plano linguístico, o léxico da língua portuguesa foi particularmente enriquecido e, por consequência, a toponímia também beneficiou-se dos empréstimos lexicais oriundos dos de línguas africanas.

¹²⁰ **Marimbondo** – O termo é uma designação comum aos insetos himenópteros, vespídeos (FERREIRA, 2004).

Os topônimos de base indígena, por sua vez, tiveram uma produtividade superior aos de base africana. A partir dos dados apresentados no Quadro 15 a seguir, nota-se a produtividade de designativos indígenas na toponímia do espaço físico-geográfico das três microrregiões.

Os topônimos de origem indígena são apresentados em ordem decrescente de produtividade na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-matogrossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).

Quirinópolis		Bolsão		Triângulo	
Topônimos	Total	Topônimos	Total	Topônimos	Total
Buriti/ Buritizinho	14	Buriti/Buritizinho	16	Buriti/Buritizinho/ Buritizal	12
Tapera/Taperão	09	Sucuriú/Sucuri	04	Sucuri	06
Sapé	09	Indaiá/ Indaiazinho	07	Guariroba	05
Sucuri/Sucurizinho	08	Tapera/Taperão	07	Sapé	05
Guariroba	07	Capão	06	Jacu	04
Taboca	07	Arara	06	Tapera/Taperão	04
Macaúba	06	Pindaíba	06	Pindaíba/Pindaibão	04
Paranaíba	05	Mutum	06	Tijuco/ Tijucana	04
Jatobá	04	Mutuca	05	Taboca	04
Pindaíba	03	Paraná	05	Cipó	04
Capoeira	03	Sapé	04	Capão	04
Quati	03	Morangas	04	Arara	03
Cupim	03	Aporé	04	Samambaia	03
Lambari	03	Macaúba	04	Paranaíba	03
Jacaré	03	Taboca	04	Arapuá	03
Jeribá	03	Cupim	03	Pirapitinga	03
Samambaia	02	Jatobá	03	Quati	03
Mombuca	02	Taquari	03	Jacuba	03
Capão	02	Muquém/Moquém	03	Borá	03
Mutum	02	Cambaúba/ Cambaúva	03	Macaúba	03
Pirapitinga	02	Goiaba/Goiabal	03	Ariranha	02
Aporé	02	Tamanduá	03	Lambari	02
Sucupira	02	Inhuma /Inhaúma	03	Peroba	02
Jenipapo	02	Urutu	02	Samambaia	02
Bacuri	02	Geriva\ Geriba	02	Tatu	02

Jaborandi	01	Taquaruçu	02	Macuco	02
Mandaguari	01	Guariroba	02	Cutia	02
Caiapó	01	Tamandaré	02	Jenipapo	02
Macuco	01	Cancã	02	Moquém	02
Pequi	01	Mucujê/Mucujé	02	Brejaúba	02
Tucano	01	Jauru	02	Coité	02
Siriema	01	Mumbuca/ Mombuca	02	Bacupari	02
Jaraguá	01	Paraúna	02	Congonha	02
Tinguá	01	Arapuá	02	Jacaré	02
Araponga	01	Tatu	02	Mutuca	02
Arara	01	Mumbeca Mombeca	02	Brejo	01
Inhuma	01	Paranaíba	02	Jurubeba	01
Urubu	01	Areré	02	Capivara	01
Caju	01	Curicaca	02	Tijuca	01
Indaiá	01	Jataí	02	Patuá	01
Jacá	01	Cateto	02	Capoeira	01
Sarandi	01	Tapeva	02	Catanduva	01
Pajé	01	Congonha	01	Imbaúba	01
Imbé	01	Capoeira	01	Sabiá	01
Pitanga	01	Jurema	01	Mutum	01
Jaburu	01	Mangava	01	Candiúba	01
Capivara	01	Peroba	01	Paca / var.	01
		Quati	01	Mandaçaia	01
		Piracanjuba	01	Cupim	01
		Babuaçu	01	Gambá	01
		Mucuim	01	Lambari	01
		Caiapó	01	Pati	01
		Imbirussu	01	Bacuri	01
		Japecanga	01	Inhumas	01
		Pitanga	01	Irara	01
		Araguaia	01	Jacarezinho	01
		Jabuti	01	Cambaúba	01
		Sanharão	01	Taquara	01
		Rapé	01	Timbó	01
		Mangaba	01	Jaburu	01
		Carandá	01	Ananás	01
		Tereré	01	Tamanduá	01

		Ouricaca	01	Bocó	01
		Jararaca	01	Cumbuca	01
		Matuim	01	Jataí	01
		Cuete	01	Iturama	01
		Capoeira	01	Pindoba	01
		Maracujá	01	Pitanga	01
		Pindorama	01	Piranha	01
		Tamburi	01		
		Ariranha	01		
		Curica	01		
		Mucunjasinho	01		
		Corixo	01		
		Bata	01		
		Embarés	01		
		Bataguaçu	01		
		Embaúva	01		
		Guarvira	01		
		Indaiaba	01		
		Ingá	01		
		Jacuba	01		
		Itambé	01		
		Coró	01		
		Piaba	01		
		Maruinha	01		
		Matrinchã	01		

Quadro 15 – Distribuição numérica de topônimos de base indígena na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro (MG).

Dos topônimos de origem indígena catalogados nas três regiões em estudo, *Buriti* foi o mais produtivo. O *buriti*, palmeira típica do cerrado, motivou a nomeação de vários acidentes geográficos, confirmando-se como o topônimo de maior ocorrência em Goiás, em Mato Grosso do Sul e em Minas Gerais, conforme o demonstrado na Carta Toponímica III¹²¹, que integra este capítulo. Essa palmeira faz parte do cerrado, vegetação predominante do ecossistema das três regiões estudadas (ARBEX JR; OLIC, 1996, p. 14).

¹²¹ Fitotopônimos com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e Minas Gerais (MG)

Dentre os topônimos de base indígena evidenciados na nomenclatura dos acidentes geográficos das regiões estudadas, destacaram-se: córrego *Indaiá*, córrego *Guariroba*, serra da *Guariroba*, córrego *Jatobá*, córrego *Pindaíba*, serra da *Sucuri*, córrego da *Sucuri*, córrego da *Arara*, formados como nomes de plantas e de animais emprestaram seus nomes para designar os acidentes físicos. O estudo contrastivo dos topônimos de Quirinópolis, do Bolsão e do Triângulo, demonstrou essa tendência geral da toponímia, pelo menos nessas regiões. Percebe-se, claramente, a relevante superioridade de *fitotopônimos* e de *zootopônimos* nas três microrregiões, o que confirma as semelhanças toponímicas observadas nessa faixa de território.

O caráter descritivo de nomes de origem indígena já reconhecido por Sampaio (1987, p. 179, *apud* GONSALVES, 2004, p. 164), pode justificar a semelhança constatada. Também a posição de Sapir (1969, p.46), no que se refere à influência do ambiente no léxico, aplica-se ao caso: “não são especificamente a fauna ou os elementos topográficos da região que uma língua reflete, mas o interesse da nação nesses traços ambientais”. Dick (1992, p. 18), por seu turno, também já ratificou essa importância, ao complementar que o topônimo, como um signo linguístico, pertence ao léxico que, ao ser recuperado, passa a refletir de certa forma a própria mentalidade coletiva.

Assim, a significativa presença de topônimos de base tupi na toponímia da microrregião de Quirinópolis, do Bolsão e do Triângulo revela não só características toponímicas do espaço geográfico em estudo, mas também a valorização positiva desse espaço pelos pioneiros que ali fixaram residência.

Ainda discutindo a questão da *fitotoponímia* na região fronteira em estudo, destacamos o topônimo córrego **Pindoba**, com ocorrência única no município de Iturama, no Triângulo Mineiro, região Sudeste de Minas Gerais. O termo *pindoba*, segundo Ferreira (2004), nomeia uma palmeira de grande porte que compõe certas regiões do Centro-Oeste brasileiro. Entretanto, houve a presença do topônimo no Triângulo Mineiro, região Sudeste do Brasil, muito próxima a dois Estados do Centro-Oeste, regiões com características similares em termos de vegetação, como já assinalado anteriormente. Esse dado ratifica o fato de, apesar de o nome dessa árvore ter sido aplicado à toponímia do Triângulo Mineiro, a árvore *pindoba* que motivou o topônimo é nativa das três regiões em estudo.

Na sequência deste Capítulo, trataremos dos topônimos que, em sua estrutura, apresentam o sufixo diminutivo. Como anteriormente registrado, Dargel (2003), em pesquisa realizada como dissertação de Mestrado, destacou que na região do Bolsão havia uma forte incidência de topônimos formados com nomes derivados com sufixo

diminutivo. Na oportunidade, a pesquisadora aventou a hipótese de estudos mais aprofundados poderem identificar características toponímicas na região de fronteira com os Estados de Mato Grosso do Sul, de Minas Gerais e de Goiás. Assim, instigados por essa hipótese, realizamos um estudo comparativos entre a toponímia da microrregião de Quirinópolis, da região do Bolsão Sul-mato-grossense e de municípios do Triângulo Mineiro, incluindo, dentre outros aspectos, a questão dos topônimos formados com sufixo diminutivo.

5.3 Topônimos formados com sufixo diminutivo na toponímia da fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Como já assinalado anteriormente, a microrregião de Quirinópolis e a região Bolsão Sul-mato-grossense foram colonizadas, primordialmente, por mineiros e paulistas. Em razão disso, consideramos pertinente averiguar a hipótese de existência de características toponímicas comuns nessas regiões e municípios de fronteira vinculados ao Triângulo Mineiro, uma vez que é da natureza do homem deixar suas marcas de identificação por onde passa. Na toponímia, em especial, essas marcas são registradas na nomenclatura dos lugares (rios, córregos, lagos, estabelecimentos comerciais e públicos, etc).

Os dados demonstraram uma produtividade proporcional de topônimos formados com palavras com sufixo diminutivo nas três regiões. Dos 932 (novecentos e trinta e dois) topônimos da microrregião de Quirinópolis, 81 (oitenta e um) têm essa característica. No Bolsão sul-mato-grossense, dos 1300 (mil e trezentos) topônimos, 107 contêm sufixo diminutivo. Já no Triângulo Mineiro, do total de 938 (novecentos e trinta e oito) designativos, 83 (oitenta e três) são topônimos formados com sufixo diminutivo.

Esses dados evidenciam a produtividade de topônimos com sufixo diminutivo nas três regiões, demonstrando que o designador pode ter recorrido a esses topônimos com o objetivo de indicar o fator dimensão do acidente nomeado, ou até mesmo expressar seus sentimentos de afeto, desprezo, ou ironia frente ao acidente físico-geográfico nomeado.

Ao tratar da considerável produtividade de topônimos diminutivos na toponímia brasileira, Dick (1998, p. 86) assinala que esse processo de derivação é bastante recorrente “nas regiões norte, nordeste e centro-oeste”, fato confirmado pelos dados desta pesquisa. No caso do Triângulo Mineiro, como já assinalado, apresenta características similares ao Centro-Oeste brasileiro não só em termos de vegetação, mas também do ponto de vista cultural,

conforme demonstrado por Diégues Júnior (1960, p. 286). A toponímia aqui estudada ratifica a proximidade física, sociocultural e linguística entre esses espaços fronteiriços.

O topônimo, como revelador de aspectos sócio-linguístico-culturais de um povo, reflete os costumes, as crenças, as características físico-geográficas do espaço circundante, estados de ânimo eufórico e disfórico de um designador no ato do batismo de um lugar. Topônimos com sufixo diminutivo, em especial, são bastante recorrentes não só nas três regiões em estudo, mas em todo o território brasileiro, ratificando assim uma característica do processo de formação de palavras da língua portuguesa. Turunen (2009, p. 3008), por exemplo, esclarece que a formação de diminutivos por sufixação é um processo muito produtivo na língua portuguesa e que, geralmente, o sufixo diminutivo *-inho* evidencia uma grande variedade de valores semânticos e discursivos, além do valor puramente dimensional, a depender do contexto. De acordo com Mallheiros-Poulet (1986, *apud* TURUNEN, 2009, p. 3008), “o valor de origem, de diminutivo, vem sempre acompanhado por diferentes conotações, que só podem ser percebida através do contexto”. Neste trabalho, topônimos como córrego do *Ranchinho* (MS), córrego *Matinha* (GO), córrego *Pastinho* (MG) podem expressar, por exemplo, i) a subjetividade do designador ao externar seja a afetividade por um lugar, seja uma qualidade do referente; ii) a avaliação positiva ou negativa do objeto da nomeação e, iii) expressividade do responsável pela nomeação em diversos graus: mitigação, desprezo, crítica, ironia, etc, em relação ao ato de nomear.

Dargel (2003), ao discutir a questão da produtividade de topônimos diminutivos na região do Bolsão, aventou, primeiramente, a hipótese da relação desses designativos com outro espaço geográfico de menor tamanho, exemplo: um curso de água de extensão maior que deságua em outro acidente de extensão menor e que, por ventura, leva o mesmo nome, com o sufixo diminutivo. Entretanto, a autora refutou essa hipótese ao constatar a não relação entre os dois acidentes, pois, ao analisar as cartas topográficas, percebeu que um acidente era bem distante do outro, além de possuírem tamanho similar.

No caso dos dados relativos à microrregião de Quirinópolis, foi realizado o mesmo trabalho de verificação, nas cartas topográficas, com o objetivo de verificar a questão da dimensão dos acidentes nomeados e constatado que o fator dimensão não justificava a considerável produtividade de ocorrências de topônimos formados com o sufixo diminutivo *-inho* na região em questão.

Já com relação aos dados do Triângulo Mineiro, como não tivemos acesso às cartas topográficas, e sim, aos dados já catalogados por integrantes do projeto ATEMIG, sob a coordenação da Professora Dra Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, não pudemos

apurar se, nessa região, o critério dimensão influenciou ou não o designador no ato de batismo de acidentes mineiros, embora acreditemos que a situação observada em Mato Grosso do sul e em Goiás se confirmem nesse recorte toponímico, haja vista ser uma característica do falar mineiro o uso abundante de palavras no grau diminutivo.

Os dados aqui analisados demonstram, pois, que o fator dimensional, considerado tradicionalmente o significado básico dos diminutivos, não se configura como causa denominativa. A partir dos dados das três regiões examinadas, pudemos constatar que o sufixo diminutivo *-inho* de fato assume valores semânticos muito variados, e que a sua interpretação está intimamente ligada ao contexto de enunciação, mais especificamente, ao momento que foi atribuído o nome ao lugar. Como esta pesquisa não contemplou com pesquisa de campo, para o inventário dos topônimos, não foi possível apurar informações que permitissem novo tratamento aos dados. Sem falar que, mesmo que esse procedimento metodológico tivesse sido adotado, não seria possível esclarecer por completo essa questão, uma vez que muitos dos acidentes físicos foram nomeados há décadas. Além disso, a análise dos dados toponímicos, seguindo esses parâmetros, poderia resultar em uma conclusão pouco objetiva acerca das causas nominativas.

Nesse contexto, é pertinente a posição de Martins (1986, *apud* AMÍLIO, 2003), no que se refere à distinção entre significado e sentido da palavra. A autora argumenta que o significado existente na palavra pertence ao léxico da língua, logo o significado-base é uma parte necessária e importante da palavra, mas não é a única. O sentido depende de diversos aspectos, um deles intimamente ligado à intenção do falante e pode variar em diferentes momentos. Transferindo essa distinção para a toponímia, podemos admitir que, dependendo da intenção do denominador, o topônimo, no ato de batismo, pode receber significados variados, a depender da situação, do contexto enunciativo. Isso porque

a palavra é um signo sonoro, que contém um núcleo significativo, que se atualiza e se completa pelo seu aparecimento em um conjunto de linguagem concreta. As palavras exprimem a realidade, justamente porque podem moldar o significado conforme a situação (MARTINS, 1986, *apud* EMÍLIO, 2003, p. 25).

O topônimo córrego *Cachoeirinha*, identificado nas três regiões aqui estudadas, por exemplo, tanto poderia fazer referência à dimensão do acidente físico, quanto indicar a atitude do designador, frente ao acidente, materializando no topônimo sentimentos como afetividade, admiração que só seriam percebidos a partir de um contexto enunciativo.

A realidade toponímica de Quirinópolis (GO), do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e do Triângulo Mineiro (MG), no que se refere à ocorrência de topônimos com sufixo diminutivo, está detalhada no Quadro 16, que contém a lista de topônimos com sufixo diminutivo por ordem decrescente de produtividade, distribuídos segundo a região em que foram identificados.

Quirinópolis		Bolsão		Triângulo Mineiro	
Topônimos	Total	Topônimos	Total	Topônimos	Total
Cachoeirinha	10	Cachoeirinha	07	Retirinho	05
Lajeado	4	Lajeado	06	Barreirinho	04
Matinha	4	Lagoinha	06	Cachoeirinha	03
Retirinho	4	Barreirinho	05	Corguinho	03
Barreirinho	3	Fazendinha	05	Pastinho	03
Bauzinho	3	Retirinho	05	Sobradinho	03
Buritizinho	3	Ribeirãozinho	05	Aterrinho	02
Douradinho	3	Saltinho	04	Bauzinho	02
Furninha	03	Pontinha	03	Fazendinha	02
Lagoinha	03	Queixadinha	03	Furninha	02
Pontezinha	03	Buritizinho	02	Lajeado	02
Barrinha	02	Inferninho	02	Mateirinha	02
Cocadinha	02	Matinha	02	Monjolinho	02
Invernadinha	02	Potreirinho	02	Palmitinho	02
Mateirinha	02	Ranchinho	02	Pantaninho	02
Monjolinho	02	Varjãozinho	02	Pontezinha	02
Pontinha	02	Araguainha	01	Pontinha	02
Sapezinho	02	Barreirinha	1	Rocinha	02
Sucurizinha	02	Bauzinho	01	Valinho	02
Augustinho	01	Betinha	01	Varginha	02
Bernardinho	01	Bueirinho	01	Veadinho	02
Bracinho	01	Coalhinha	01	Vertentinha	02
Brejaubinha	01	Corguinho	01	Açudinho	01
Cavinha	01	Correntinho	01	Amarelinho	01
Cerradinho	01	Crioulinho	01	Angolinha	01
Cobrinha	01	Currálinho	01	Buritizinho	01
Fazendinha	01	Fabianinho	01	Burrinho	01
Forquilha	01	Ferreirinha	01	Cabacinha	01
Galheirinho	01	Fundãozinho	01	Candinho	01
Inferninho	01	Furninha	01	Casinha	01

Mainha	01	Garimpinho	01	Cobrinha	01
Mansinho	01	Indaiazinho	01	Cortadinho	01
Pimentinha	01	Invernadinha	01	Cravinha	01
Prainha	01	Jauruzinho	01	Douradinho	01
Ranchinho	01	Lobinho	01	Estrelinha	01
Ribeirãozinho	01	Manguinha	01	Formiguinha	01
Rondinha	01	Matunzinho	01	Galheirinho	01
Serrinha	01	Mombuquinha	01	Jacarezinho	01
Taperinha	01	Monjolinho	01	Macaubinha	01
Varginha	01	Mucujezinho	01	Mansinho	01
Vertentinha	01	Mucunjasinho	01	Matinha	01
		Mumbequinha	01	Moinho	01
		Mutunzinho	01	Pratinha	01
		Natinha	01	Quatizinho	01
		Oneinha	01	Rapadurinha	01
		Orozinho	01	Ruivinho	01
		Pitanguinha	01	Saltinho	01
		Pombinho	01	Seladinho	01
		Pontesinha	01	Serrinha	01
		Prainha	01	Sertãozinho	01
		Pratinha	01	Sucurizinho	01
		Rainha	01	Taperinha	01
		Ritinha	01	Valinho	01
		Rodinha	01		
		Ruivinho	01		
		Serrinha	01		
		Sucurizinho	01		
		Tamanduazinho	1		
		Taquarinha	1		
		Valinhos	1		
		Veludinho	1		
		Vitalinho	1		

Quadro 16 – Produtividade de topônimos formados com sufixo diminutivo na microrregião de Quirinópolis (GO), no Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e no Triângulo Mineiro (MG).

Os dados apresentados demonstram características toponímicas similares nas três áreas investigadas, registrando inclusive a presença de topônimos idênticos como *barreirinho*, *lageadinho*, *retirinho*, *fazendinha*, *saltinho*, *barrinha*, *mateirinha*, *cachoeirinha*,

entre outros, na nomenclatura dos acidentes físicos dos municípios de Quirinópolis, do Bolsão Sul-mato-grossense e do Triângulo Mineiro. Provavelmente, esses topônimos formados com o sufixo *-inho*, tenham sido motivados pelo desejo do homem de expressar suas emoções e as suas intenções de modo espontâneo, impulsivo e não apenas como indicação de diminuição de tamanho – significado primário do sufixo *-inho*. Emilio (2003, p. 11), por exemplo, esclarece que, ao analisar o tratamento dispensado ao grau diminutivo nas gramáticas de Cunha (1983), Bechara (1983) e Lima (1992), percebeu a ausência de consenso quanto a considerar o grau diminutivo com um caso de flexão ou de derivação, embora todos sejam unânimes em admitir o fato de o diminutivo possuir características que ultrapassam o conceito de dimensão.

Frente ao exposto, podemos admitir a presença de uma “isoglossa toponímica” no universo estudado, no que se refere à estrutura formal dos topônimos formados com o sufixo diminutivo *-inho*. Aplicando a definição de isoglossa formulada por Ferreira e Cardoso (1994) aos dados toponímicos estudados, identificamos um feixe de isoglossas toponímicas que evidenciam semelhanças de natureza física e antropocultural entre os topônimos das três regiões que permitem identificar a distribuição geográfica dos dados toponímicos analisados.

Essas conclusões ratificam a posição de Dick (1976, p. 318) de que “...as ‘áreas culturais podem sugerir a formação de ‘áreas toponímicas’, em virtude da maior concentração de nome de uma mesma camada significativa em sua região”.

Na sequência, apresentamos um esboço de cartas toponímicas que visualizam as isoglossas toponímicas identificadas neste estudo.

5.4 – Esboço de cartas toponímicas com representação areal tripartite

Como já assinalado, neste trabalho, pretendemos apresentar a cartografia de dados toponímicos de três regiões do estado brasileiro. Logo, as cartas toponímicas apresentadas evidenciam dados toponímicos referentes à microrregião de Quirinópolis (GO), ao Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e aos municípios do Triângulo Mineiro (MG), elaboradas com base na literatura existente sobre o assunto. A proposta de criação de cartas toponímicas com dados interestaduais surgiu da necessidade de fornecer uma melhor visualização dos dados, com vista à comprovação ou refutação da segunda hipótese

estabelecida para esta pesquisa – presença de uma possível “isoglossa toponímica” na região de fronteira dos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Segundo Dick (1996a, p. 29), estudar “a codificação onomástica, cartograficamente, é penetrar nos meandros do sistema da linguagem, de que é extensão particularizadora ou referencial”. Assim, para a cartografia da toponímia do Estado de São Paulo, Dick (1996a, p.40) propõe dois tipos de cartas para fins de registro da nomenclatura municipal: *cartas gerais e cartas parciais*. Segundo esse modelo, as *cartas gerais* têm como objetivo mapear o conjunto dos estratos etnodialetológicos do sistema toponímico paulista (português, africano e indígena), identificando-os por cores contrastantes, destacando, na estrutura territorial, a ocorrência dos vocábulos pertencentes às diferentes línguas. Já as *cartas individuais*, uma subdivisão das cartas gerais, objetivam mapear as camadas dialetais e buscam a visualização da quantificação numérica de cada uma das camadas segundo a área, a interpenetração vocabular, os pontos de concentração e de distanciamento dos focos de irradiação e a inexistência de traços linguísticos de determinada origem em determinadas regiões (DICK, 1996, p. 40). As *cartas parciais*, por sua vez, “incidem também em cada um dos estratos linguísticos revelados, e levam em conta as *categorias taxionômicas classificatórias* e o índice de sua incidência no *corpus toponímico*” (DICK, 1996a, p.40). Segundo a autora, depois de interpretados e analisados, os topônimos devem ser inscritos em *cartas taxionômicas corocromáticas qualitativas ou temáticas*, cujo número deve ser proporcional ao dos acidentes classificados.

Além dos textos teóricos de Dick (1996), consideramos as contribuições de Dargel (2003) e de Tavares (2005) que contêm propostas de cartas toponímicas, pautando-se na teoria de Dick. Parte das cartas propostas por Dargel (2003) segue a proposta de Dick (1996), à medida que apresenta uma carta toponímica para cada taxa sugerida por Dick, identificando os municípios por cores. Outras se diferenciam do modelo citado quanto à base cartográfica, pois as sugeridas por Dargel “representam uma tentativa de facilitar a identificação dos acidentes por meio de coordenadas geográficas, que podem ser colhidas por GPS ou por intermédio de carta oficial do IBGE ou do Exército Brasileiro” (DARGEL, 2003, p. 170-171). Outro recurso utilizado nas cartas apresentadas por essa última autora, a partir da teoria de Dick (1996, 33-41), é a não marcação cromática do município que apresentou ocorrência zero do dado mapeado para que o leitor possa perceber que, naquele município, não há ocorrência de topônimos da taxionomia toponímica em questão ou de algum topônimo representado na carta. Além disso, cada município foi codificado com uma cor distinta. Além das cartas que seguiram a orientação teórica de Dick (1996), Dargel

apresentou outros modelos que surgiram da necessidade de mapear particularidades do universo pesquisado como, por exemplo, a Carta Toponímica II, que contém os caminhos dos sertanistas pelas águas, mais especificamente, o roteiro que os bandeirantes percorriam, no Bolsão, através dos rios, entre outras.

A proposta de Tavares (2005), por sua vez, tomou como parâmetro as orientações teóricas de Dick (1996) e, também, ratificou em alguns aspectos, a proposta de Dargel (2003)¹²². Tavares (2005, p. 190) argumenta que as suas cartas assemelham-se às de Dargel em dois aspectos:

Foi deixado em branco, nas cartas, o município cujos topônimos ainda não foram classificados em termos taxionômicos e codificamos a identificação de cada município com uma cor; apresentamos a quantificação dos topônimos tanto em valores numéricos como em percentuais, com a diferença de organizarmos em ordem decrescente os dados da legenda.

A diferença entre as cartas de Dargel e as de Tavares está no fato de esta última pesquisadora não ter detalhado as coordenadas geográficas das cartas. Das treze cartas apresentadas por Tavares (2005), nove são semelhantes ao modelo proposto por Dargel (2003) que, por sua vez, foram concebidas a partir das orientações teóricas de Dick (1996), já que uma apresenta a quantificação geral dos topônimos e as outras oito focalizam a quantificação das categorias taxionômicas por município, tomando por base o modelo de Dick (1992). Já as outras quatro, são as seguintes: Carta toponímica I, que apresenta a classificação taxionômica dos nomes dos municípios; Cartas Toponímicas III e IV, que quantificam os topônimos por acidentes físicos e humanos e a Carta Toponímica V, referente aos estratos linguísticos de base indígena, não os diferenciando por língua.

Para a construção do esboço das cartas toponímicas apresentadas neste trabalho, orientamo-nos na teoria de Dick (1996) e utilizamos o layout do mapa utilizado por Isquerdo e Seabra (2008), no estudo sobre a toponímia do Bolsão e do Triângulo.

Assim, em termos gerais, a apresentação das cartas toponímicas ocorreu da seguinte forma: diferenciação das regiões por cores contrastantes nas Cartas I, IX, X e XI; registro dos nomes dos municípios em cada município em todas as Cartas; indicação dos valores numéricos dos dados em questão no campo correspondente a cada município nas Cartas de II a XI; registro, na legenda, da quantificação geral dos dados em cada microrregião (soma dos dados registrados em cada município) nas Cartas IX, X e XI.

¹²² Dargel (2003) apresentou em sua dissertação um esboço de 54 (cinquenta e quatro) cartas toponímicas sobre a região do Bolsão Sul-mato-grossense.

Quando, em um município, não houve ocorrência dos dados toponímicos mapeados, ele ficou sem a marcação de cor, representando a não produtividade do dado em questão.

Para a elaboração das cartas, contamos com a parceria do geógrafo Rogeovany Mauro da Silva, que elaborou a base cartográfica a partir dos mapas oficiais do IBGE, e dos dados fornecidos pelo autor deste trabalho. A arte final das cartas foi obra de Luciene Gomes Freitas, Bolsista de Apoio Técnico/CNPq, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Regional Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquero.

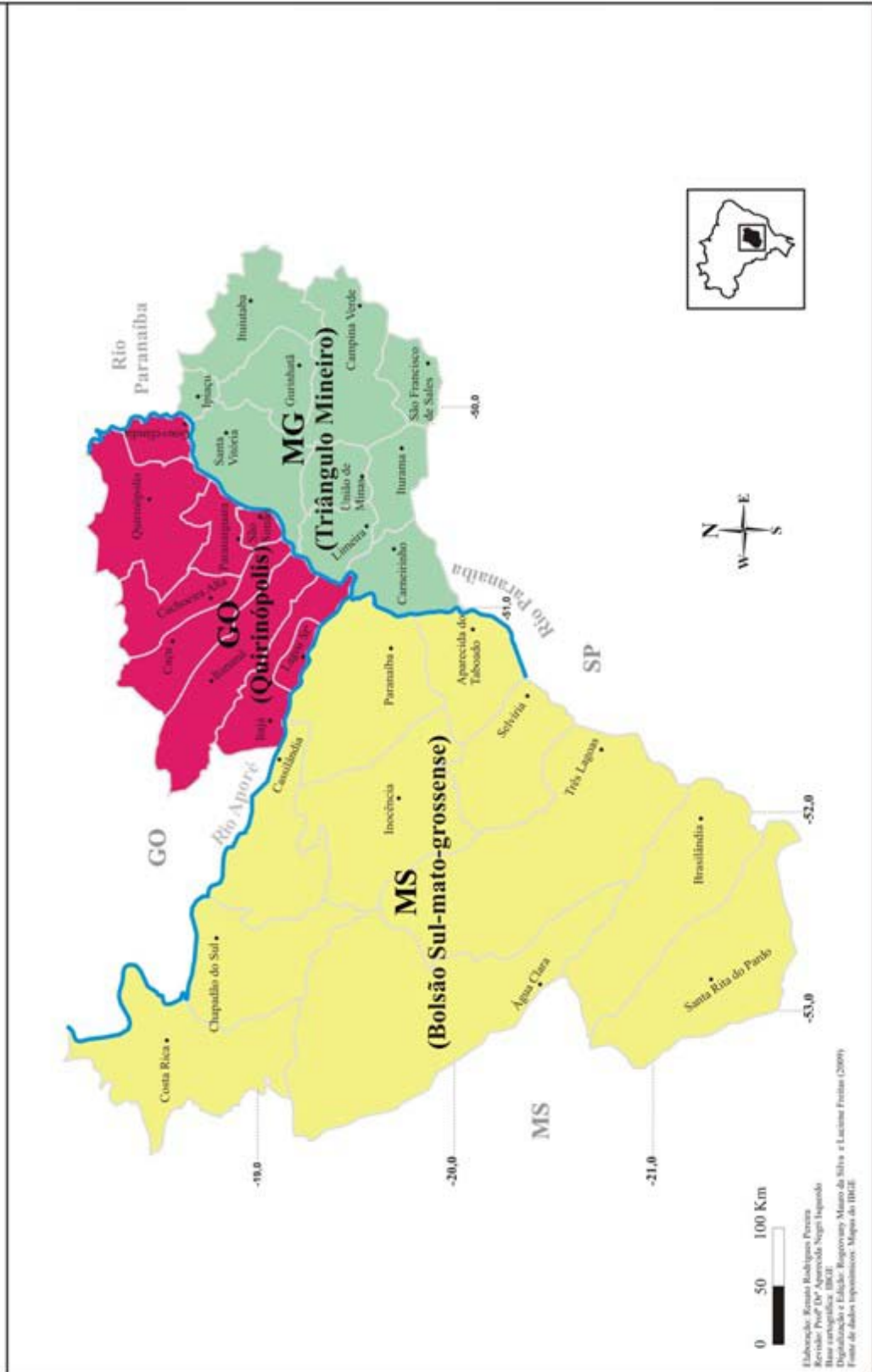
Na sequência, apresentamos a nomenclatura das cartas toponímicas elaboradas.

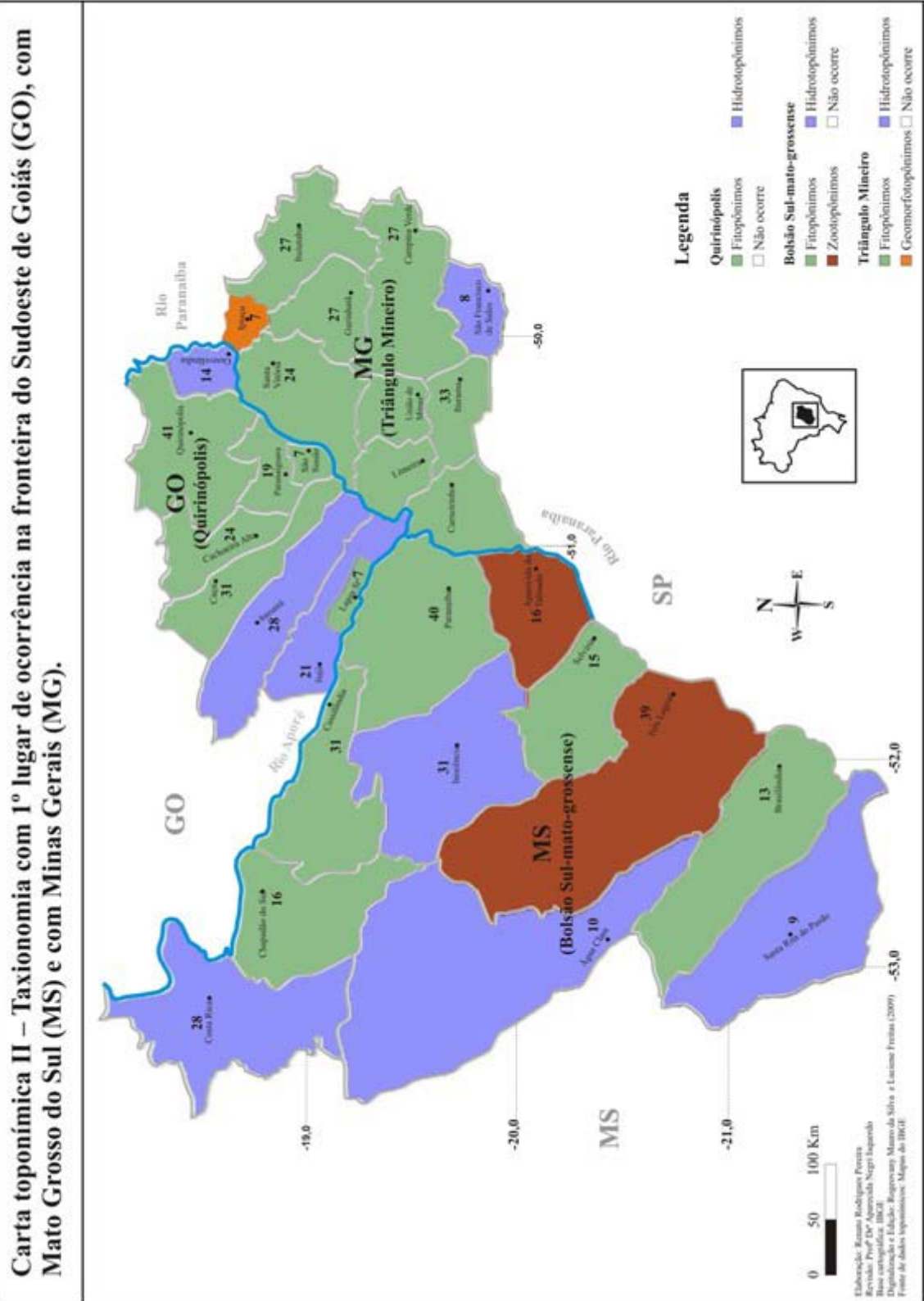
- **Carta toponímica I** – Localização geográfica da microrregião de Quirinópolis (GO), da região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e de municípios do Triângulo Mineiro (MG).
- **Carta toponímica II** - Taxionomia com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica III** – Fitotopônimos com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica IV** – Hidrotopônimos com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica V** – Zootopônimos com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica VI** – Fitotopônimos com 2º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica VII** – Hidrotopônimos com 2º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica VIII** – Zootopônimos com 2º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica IX** – Distribuição quantitativa de topônimos de base indígena na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).
- **Carta toponímica X** – Distribuição quantitativa de topônimos de base africana na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).

- **Carta toponímica XI** – Distribuição quantitativa de topônimos formados com sufixo diminutivo *-inho* na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).

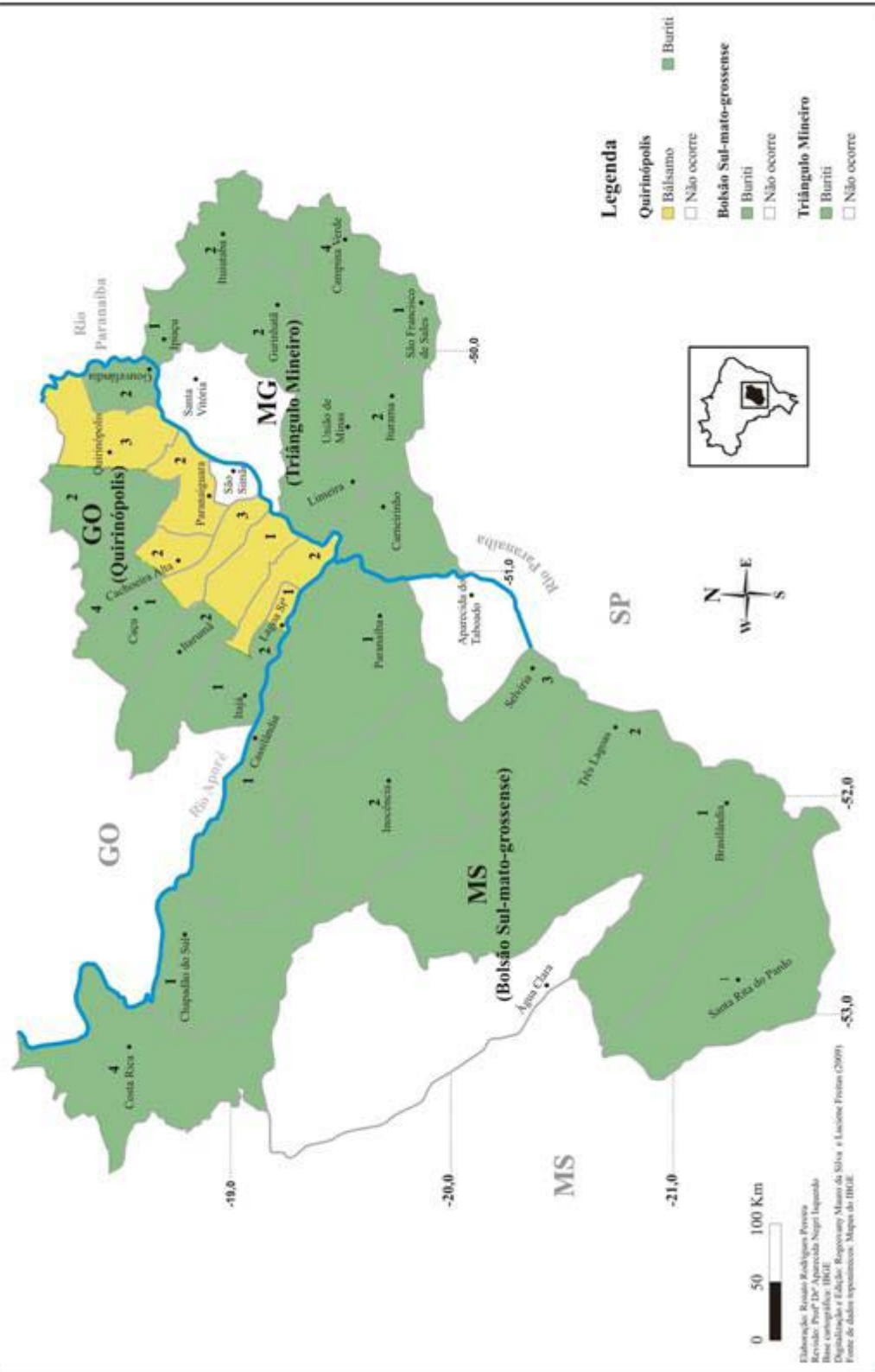
Finalizando este capítulo seguem as 11 (onze) cartas propostas para a representação areal tripartite, a saber:

Carta toponímica I - Localização geográfica da microrregião de Quirinópolis (GO), da região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e de municípios do Triângulo Mineiro (MG).

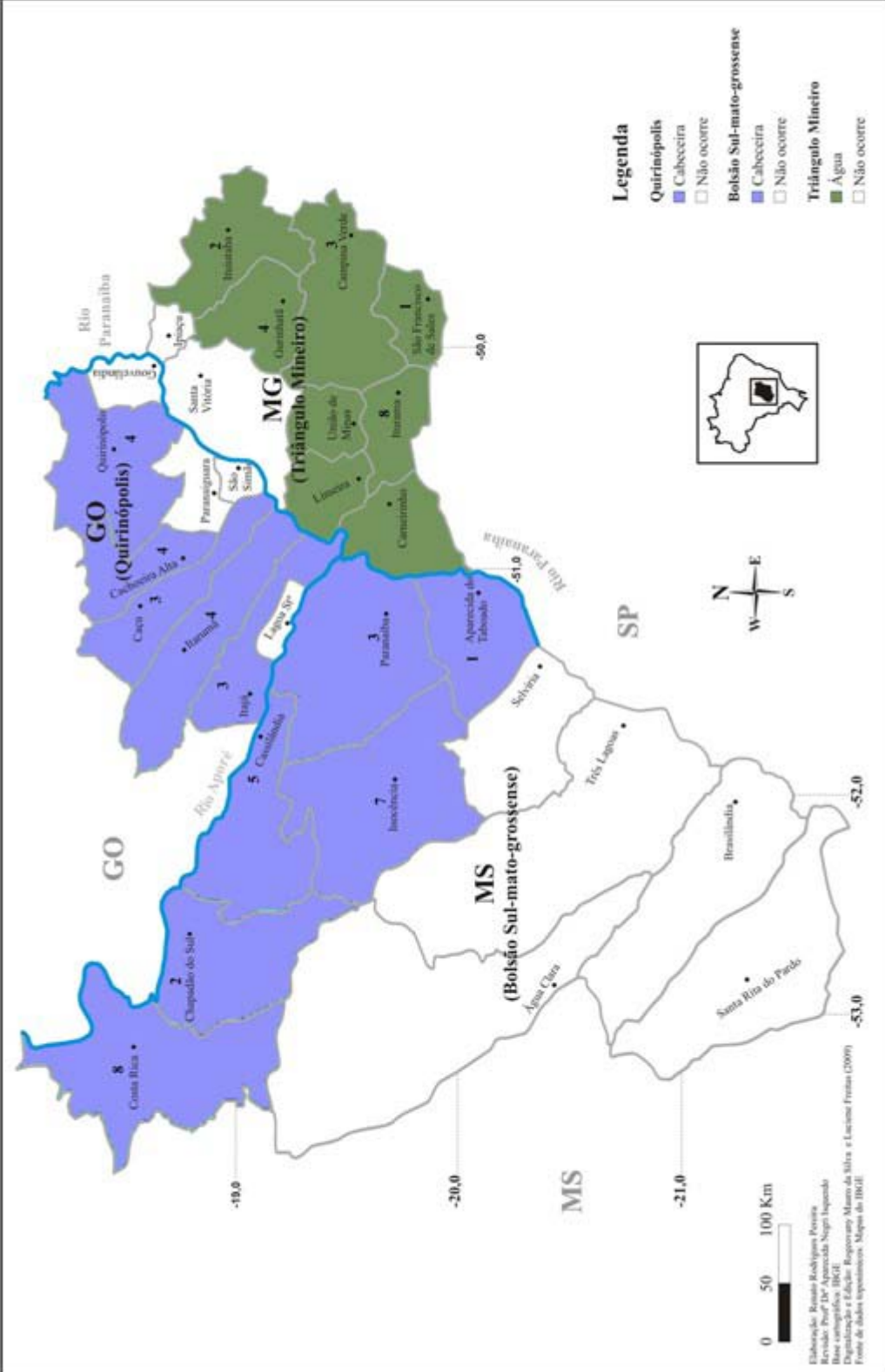




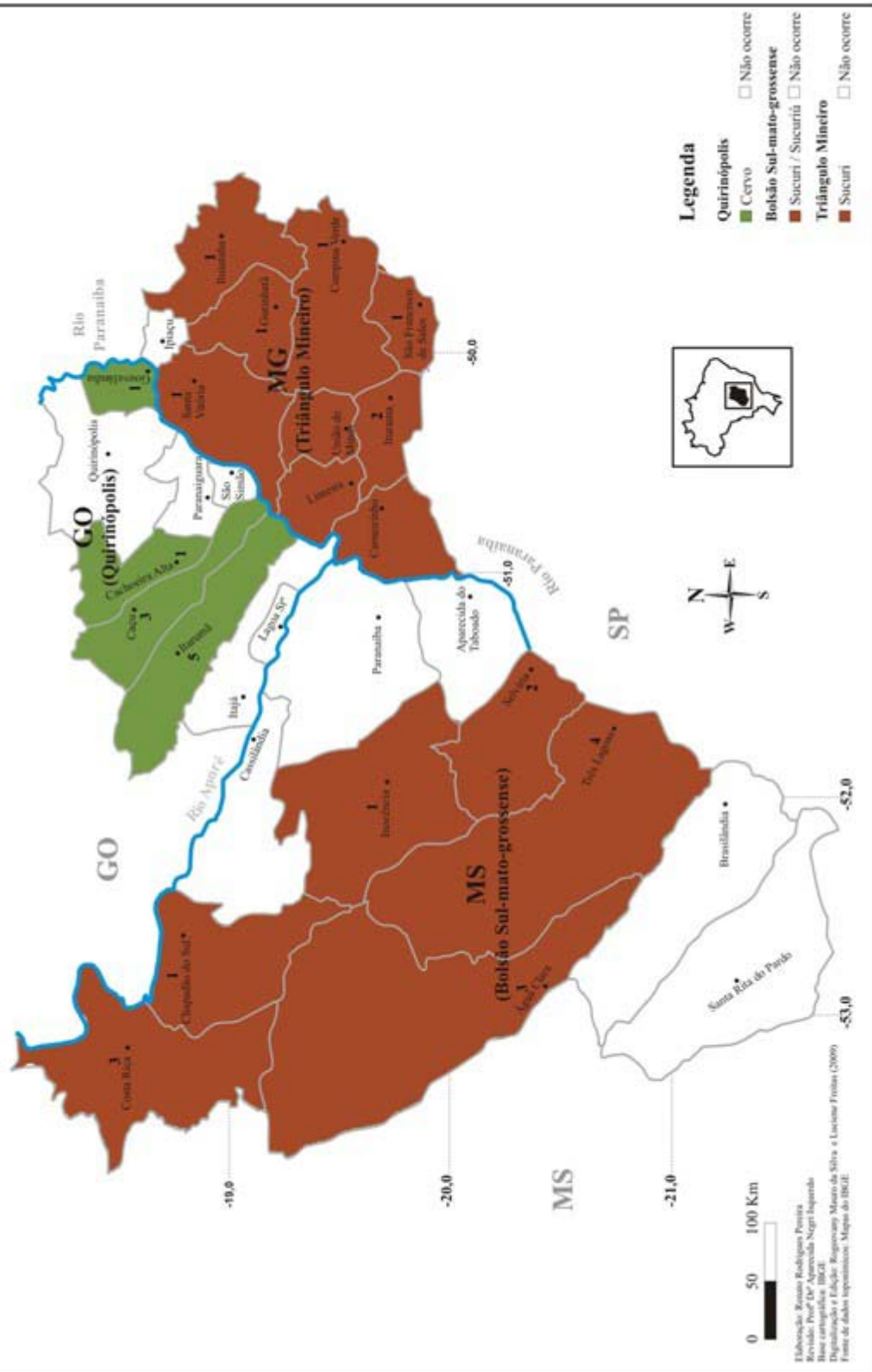
Carta toponímica III - Fitotopônimos com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).



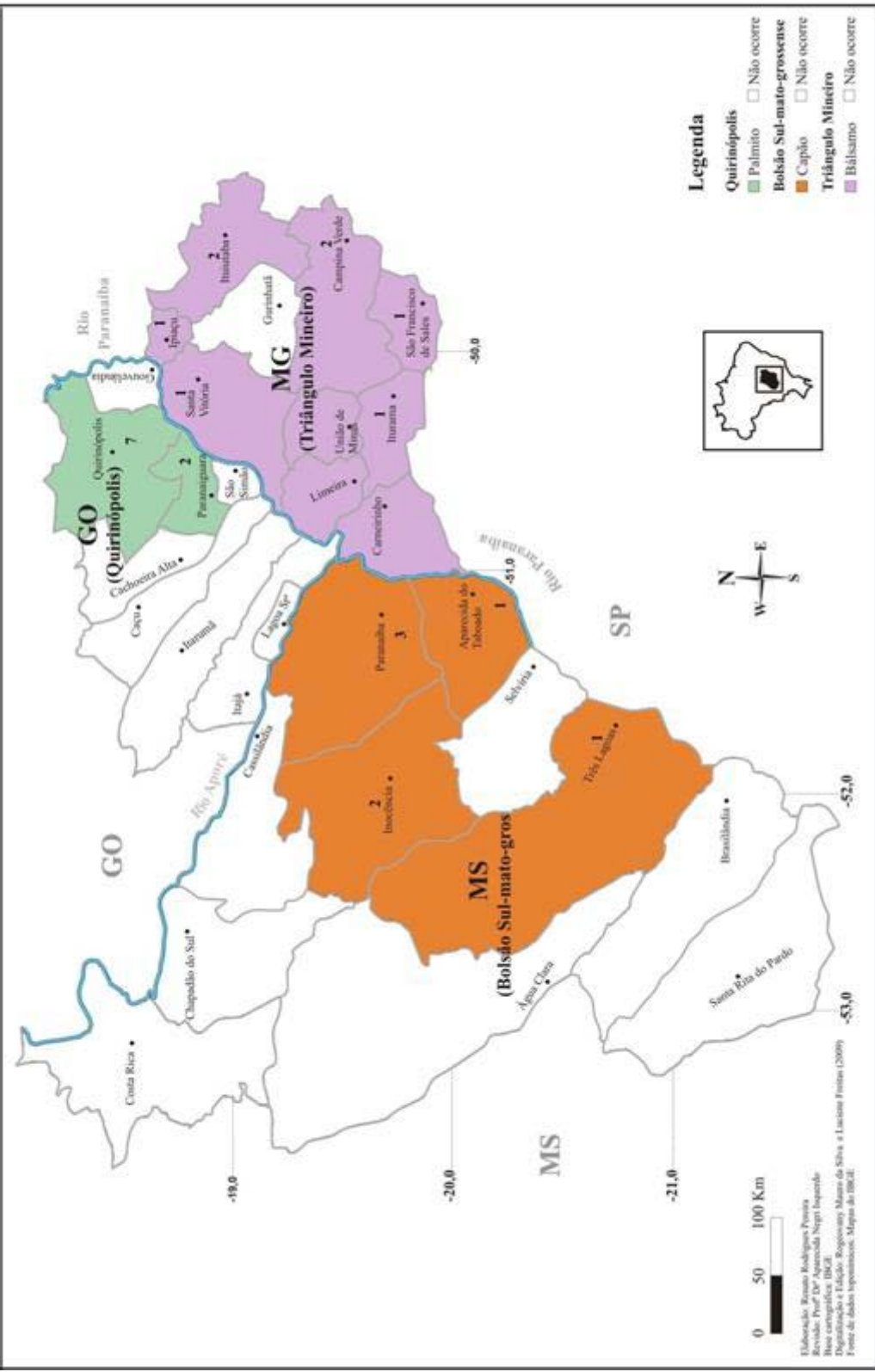
Carta toponímica IV - Hidrotopônimos com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).



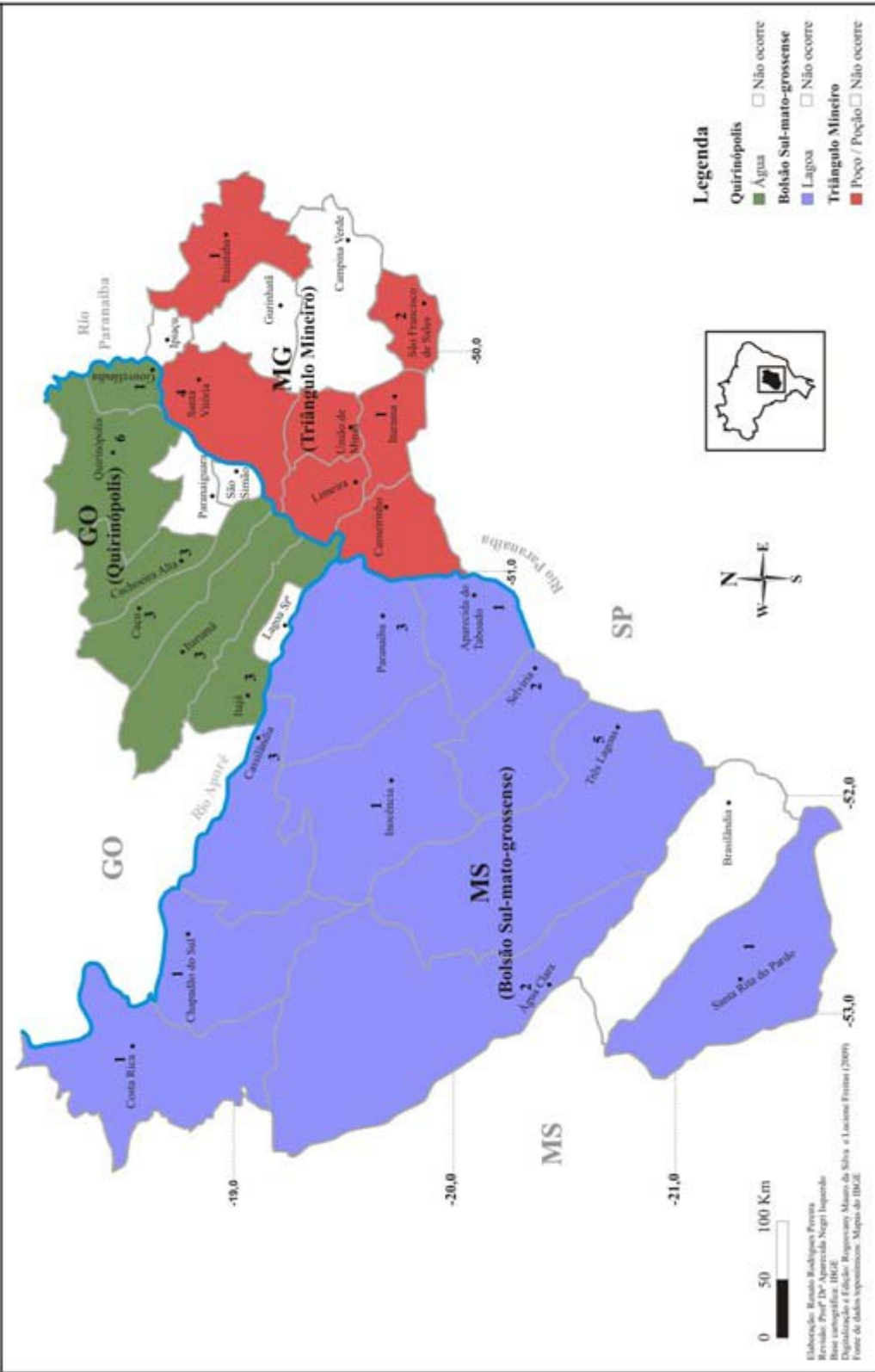
Carta toponímica V - Zootopônimos com 1º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).



Carta toponímica VI - Fitotopônimos com 2º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).

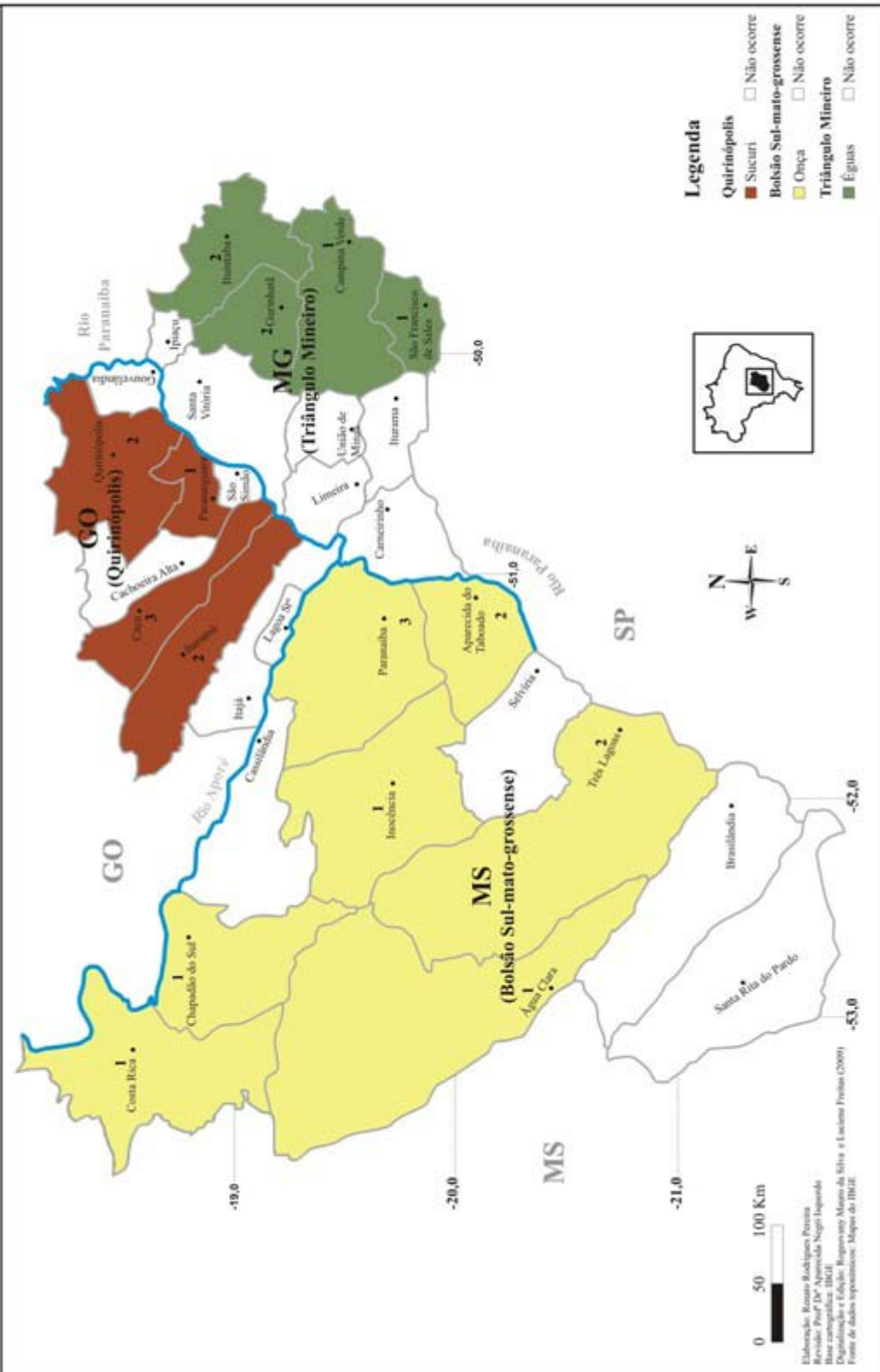


Carta toponímica VII - Hidrotopônimos com 2º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).

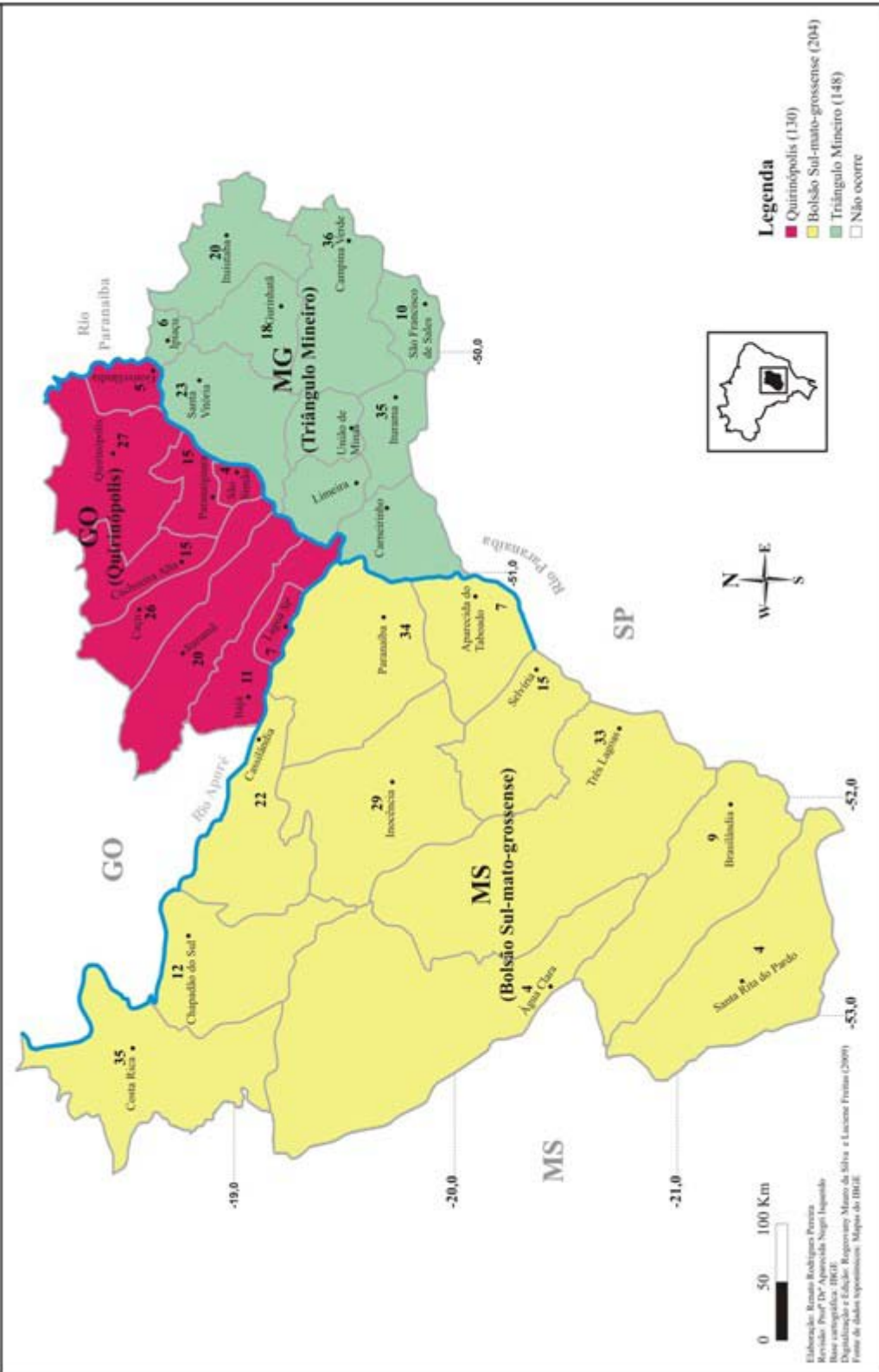


Elaboração: Renato Rodrigues Pereira
 Revisão: Prof. Dr. Aparecida Nequi Inapere
 Digitalização e Edição: Rogério Mauro da Silva e Luciano Pereira (2009)
 Fonte de dados toponímicos: Mapa do IBGE

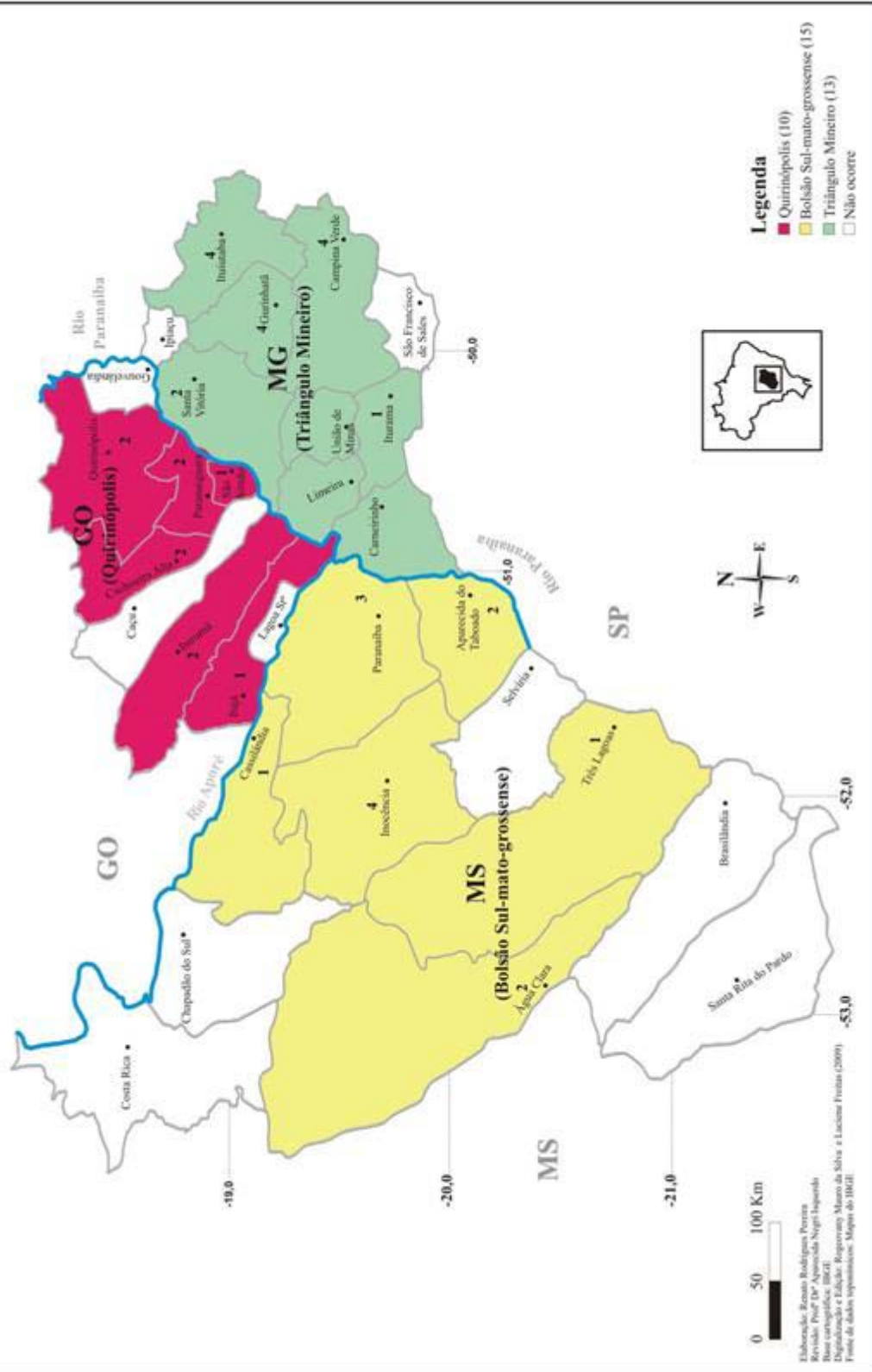
Carta toponímica VIII - Zootopônimos com 2º lugar de ocorrência na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), com Mato Grosso do Sul (MS) e com Minas Gerais (MG).



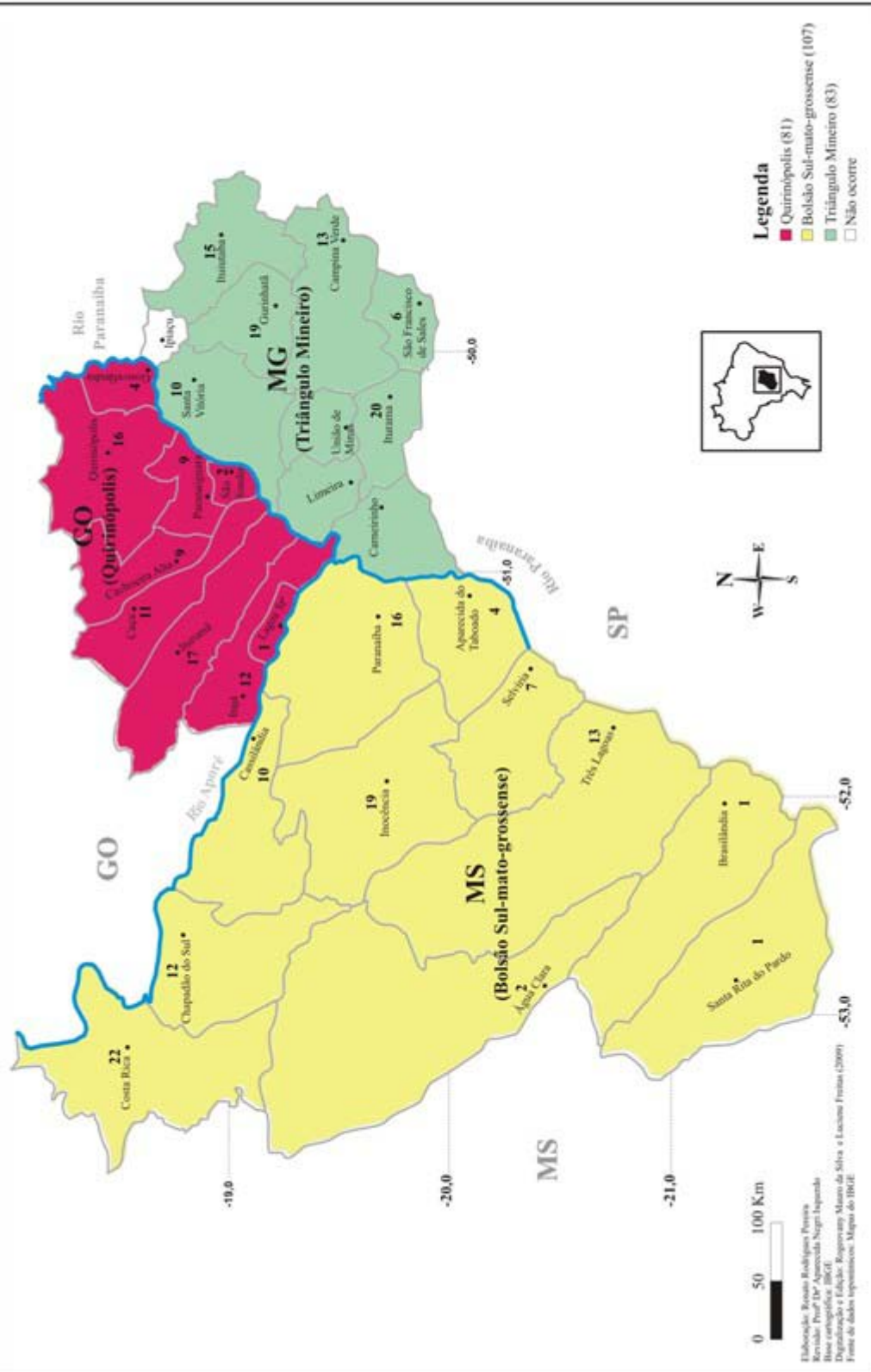
Carta toponímica IX - Distribuição quantitativa de topônimos de base indígena na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), do Mato Grosso do Sul (MS) e de Minas Gerais (MG).



Carta toponímica X - Distribuição quantitativa de topônimos de base africana na fronteira de base africana no Sudoeste de Goiás (GO), do Mato Grosso do Sul (MS) e de Minas Gerais (MG).



Carta toponímica XI - Distribuição quantitativa de topônimos formados com sufixo diminutivo *-inho* na fronteira do Sudoeste de Goiás (GO), do Mato Grosso do Sul (MS) e de Minas Gerais (MG).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos esta pesquisa um estudo inicial a respeito da *toponímia da microrregião de Quirinópolis – Sul Goiano* e, por isso, as conclusões aqui apresentadas não têm caráter definitivo sobre o assunto, haja vista que ainda há muito o que ser desvendado em pesquisas toponímicas posteriores. As considerações finais aqui apresentadas apontam, portanto, tendências da toponímia local percebidas por intermédio da análise realizada.

Para esta pesquisa, foram propostos os seguintes objetivos: inventariar e classificar os topônimos dos acidentes físico-geográficos e humanos dos 09 municípios que integram a microrregião de Quirinópolis, de acordo com o modelo taxionômico adotado; identificar e registrar a língua de origem dos topônimos, com a função de regatar o(s) estrato(s) lingüístico(s) predominante(s); analisar as taxionomias de topônimos mais produtivas com vistas a recuperar condicionantes de natureza sócioambiental que motivaram a origem do topônimo; descrever os topônimos do ponto de vista lingüístico, enquanto signo de língua (estrutura formal, motivação semântica, etimologia...) e contribuir com dados para o projeto ATB por meio de mais um trabalho a respeito da toponímia.

Dois hipóteses orientaram os estudos aqui apresentados: “a Toponímia do universo pesquisado incorpora particularidades sócio-lingüístico-culturais, históricas e geográficas da região a que pertence”, e “a existência ou não de uma “isoglossa toponímica”, nos municípios de fronteira com os estados de Minas Gerais e Mato Grosso do sul.” Ao término desta pesquisa, acreditamos ter cumprido os objetivos propostos e comprovado as duas hipóteses estabelecidas.

Ao longo deste trabalho, fizeram-se necessárias retomadas de conceitos teóricos e de dados históricos sobre a Toponímia, bem como dados histórico-geográficos sobre os Estados de Goiás e, de Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais, com vistas a subsidiar o alcance dos objetivos delineados e a busca de confirmação das hipóteses propostas.

Por meio do estudo da nomenclatura dos 09 (nove) municípios da microrregião de Quirinópolis (toponímia urbana), constatamos que, em termos de motivação toponímica, a pesquisa revelou a predominância, ainda que pequena, de designativos de natureza antropocultural na designação dos acidentes humanos do universo estudado, confirmando

uma tendência geral da toponímia brasileira, no que refere à toponímia urbana, em que o designador, ao nomear um acidente humano, busca motivação em fatos relacionados à cultura, à história local e nacional. Dos 09 (nove) municípios da microrregião de Quirinópolis, 05 (cinco) enquadram-se na categoria de natureza antropocultural e 04 (quatro) na categoria de natureza física. Assim, os dados demonstram que os nomes dos municípios normalmente apresentam características distintas dos topônimos de acidentes físicos, sendo mais influenciados por motivos de natureza extralinguística.

Em se tratando da língua de origem, 06 são de base portuguesa (Caçu, Lagoa Santa, Quirinópolis, Gouvelândia, Cachoeira Alta, São Simão) e 03 de base indígena (Itajá, Itarumã, Paranaiguara), enquanto em termos de estrutura morfológica, 06 constituem-se formas simples (Caçu, Quirinópolis, Gouvelândia, Quirinópolis, Itajá, Itarumã) e 03 nomes de estrutura composta (Lagoa Santa, São Simão, Cachoeira alta).

Já o estudo dos 932 (novecentos e trinta e dois) topônimos dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis (toponímia rural) evidenciou outro quadro em relação às taxionomias de natureza física e antropocultural, à medida que demonstrou a predominância de topônimos de natureza física, com 615 ocorrências, contra 311 topônimos de natureza antropocultural, enquanto 06 topônimos permaneceram sem classificação por falta de informações confiáveis seja sobre a etimologia do nome, seja sobre a causa denominativa, quais sejam: córrego da **Nobreza**, córrego **Tambiacó**, córrego **Imujosa**, riacho do **Queimado**, serra do **Esfolado**, córrego do **Lirau**. Consideramos baixo o número de topônimos não-classificados se comparado à dimensão do *corpus* desta pesquisa (941 topônimos). Por mais objetivo que seja um modelo taxionômico, muitas das vezes, o pesquisador depara-se com topônimos que se enquadram em mais de uma taxa, o que exige do pesquisador a opção por uma classificação, o que, não raras vezes, resulta em certa subjetividade frente ao objeto investigado.

Em termos de classificação taxionômica, a maior produtividade recaem na classe dos *fitotopônimos* (27,68%/160), seguido da dos *hidrotopônimos* (26,82%/155), dos *zootopônimos* (19,90%/115), dos *antropotopônimos* (14,88%/86) e dos *litotopônimos* (10,73%/62). Esses dados demonstram a influência do ambiente físico na toponímia da microrregião de Quirinópolis, uma vez que, no que se refere às taxas de natureza antropocultural, somente os *antropotopônimos* foram contemplados entre as cinco categorias mais produtivas, o que evidencia aspectos da relação entre o homem e o ambiente que o cerca. Verifica-se que a preferência por nomes de categorias de natureza física é recorrente na toponímia de um modo geral, principalmente quando se trata de um

estudo da toponímia rural de um espaço geográfico. O homem, por meio da ação denominativa, procura evidenciar o que tem de mais valioso no local nomeado, como a vegetação, os rios e os animais.

Importa destacar aqui que os dados referentes às cinco taxes mais produtivas somam um total de 578 (quinhentos e setenta e oito) topônimos, ou seja, dos 932 topônimos de acidentes físicos do universo pesquisado, quase 2/3 estão entre as cinco taxes mais produtivas.

A análise do ponto de vista etnolinguístico demonstrou a predominância de topônimos originados da língua portuguesa. Dos 932 topônimos dos acidentes físicos examinados, 789 são de base lusa. Esse dado referenda conclusões de outras pesquisas toponímicas, particularmente as realizadas por Dick que têm demonstrado a supremacia de nomes de base portuguesa na toponímia brasileira, o que é explicável por razões históricas, no caso, fixação da língua do colonizador em detrimento das dos povos nativos. Essa mesma razão de caráter histórica justifica o número de topônimos de base indígena identificados no *corpus* desta pesquisa: 131 ocorrências. O Estado de Goiás em especial a região Sudoeste – espaço geográfico onde se encontra a microrregião de Quirinópolis –, antes da chegada de Bartolomeu Bueno da Silva¹²³, já era habitado pelos índios Kayapó. Isso levaria a supor a forte presença de topônimos dessa língua na toponímia local, o que não ocorreu, pois do total de topônimos estudados, 130 são de origem tupi, e apenas um de base caiapó – córrego *Caiapó*. Os dados desta pesquisa corroboram os resultados da pesquisa de Dargel (2003) que também só documentou um topônimo de base kayapó no Bolsão sul-mato-grossense.

Consideramos, todavia, significativa a quantidade de topônimos de origem tupi, se for levado em conta que o Estado de Goiás não foi habitado por essa etnia. Trata-se do reflexo do estrato tupi no léxico do português do Brasil, disseminado pelo movimento das bandeiras, época em que o tupi era uma das línguas gerais no Brasil. Nesse particular, Sampaio (1928, p. 2) esclarece que, quando as levadas de bandeiras e índios tupis partiam do litoral para os sertões, falavam o tupi, e “pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas [...]”. Já os índios kayapó, serviram de empecilho para as bandeiras com seus ataques e, por isso, foram dizimados.

Em se tratando da presença da herança africana na toponímia estudada, apenas 10 topônimos foram identificados, o que demonstra que esse estrato linguístico não forneceu

¹²³ Goiás já era conhecido e percorrido já no primeiro século de colonização, mas foi no século XVIII que ocorreu seu povoamento.

ao léxico do português do Brasil herança similar à fornecida pelas línguas indígenas, fato refletido na toponímia.

Dos 932 topônimos, não conseguimos identificar a língua de origem de dois topônimos, o córrego *Tambiacó* e o córrego *Imujosa*. Acreditamos que estudos futuros, possivelmente, solucionarão essas questões com novas fontes bibliográficas e pesquisa de campo.

No que concerne à estrutura do sintagma toponímico, dos 932 topônimos estudados, 783 são de estrutura simples, 143 de estrutura composta e 06 de estrutura composta híbrida, seguindo assim a tendência da toponímia brasileira em geral.

Além da análise da toponímia dos 11 municípios da microregião de Quirinópolis esta pesquisa realizou um estudo comparativo entre os dados recolhidos nos mapas desses municípios com dados coletados por Dargel (2003) que integram o banco de dados do Projeto ATEMS, relativos aos 11 municípios da região do Bolsão sul-mato-grossense, e com os topônimos de 10 municípios do Triângulo Mineiro, que fazem fronteira com o Estado de Goiás. Esse estudo contrastivo demonstrou a existência de um *continuum* toponímico que transpõe os limites políticos e, a exemplo do que ocorre na língua comum, pode ser delimitado em forma de isoglossa, no caso, toponímica. Nos três aspectos selecionados para fins de cruzamento do léxicotoponímico dessa região de fronteira – taxionomias mais produtivas, camadas etnodialetológicas e topônimos formados com sufixos diminutivos – foi possível estabelecer isoglossas toponímicas, como foi demonstrado pelas 11 cartas apresentadas no Capítulo V.

Em se tratando da produtividade das taxionomias, os *fitotoponímicas*, os *hidronímicas* e os *zootoponímicas* ocuparam os três primeiros lugares de classificação. Os *fitotopônimos* atingiram o primeiro lugar nas três regiões estudadas. As demais – *hidrotopônimos* e *zootopônimos* – alternam-se entre o segundo e o terceiro lugar, conforme o demonstrado no Quadro 13 deste trabalho. Já o quarto e o quinto lugar de ocorrência evidenciaram um dado diferenciador, pois enquanto em Quirinópolis e no Bolsão esses lugares foram ocupados, respectivamente, os *antropotopônimos* e os *litotopônimos*, no Triângulo Mineiro, foram ocupadas pelos *geomorfotopônimos* e *ergotopônimos*. Os dados evidenciam, pois, uma “proximidade toponímica” entre as três regiões, no que tange à classificação taxionômica.

Já em termos de camadas etnodialetológicas, a comparação dos dados ratificou a tendência observada em todo o Brasil, qual seja a predominância de topônimos de origem

portuguesa, seguidos dos de origem indígenas e africanas, como demonstra o Quadro 17 a seguir.

Estratos linguísticos	Quirinópolis (932 topônimos)	Bolsão (1300 topônimos)	Triângulo Mineiro (938 topônimos)
Portuguesa	789	1076	771
Indígena	131	200	148
Africana	10	13	15
NE	02	11	04

Quadro 17 – Distribuição quantitativa dos estratos linguísticos evidenciados na microrregião de Quirinópolis (GO), na região do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e em municípios do Triângulo Mineiro.

Já em se tratando dos topônimos formados com sufixos diminutivos, os dados comparados demonstraram uma quantidade proporcional de ocorrências de topônimos resultantes desse processo de formação de palavras, predominando nomes como *cachoeirinha*, *lagoinha*, *ribeirãozinho*, *matinha*, *pastinho*, *retirinho*, *barreirinho*, dentre outros. Na microrregião de Quirinópolis, dos 932 topônimos, 81 são formações com diminutivos; no Bolsão Sul-mato-grossense, num *corpus* de 1300 topônimos, houve uma produtividade de 107 designativos dessa categoria, enquanto no Triângulo Mineiro, 83 topônimos dos 938 examinados, são topônimos formados com sufixo diminutivos.

A análise dos topônimos formados com o sufixo diminutivo *-inho* no universo estudado demonstrou que o fator dimensão não foi o principal motivador desses topônimos. Na verdade, a motivação deve ter partido de fatores de natureza psicológica, como a necessidade de expressar melhor as emoções, os estados de ânimo eufórico ou disfórico frente ao acidente geográfico no momento de o denominador atribuir um nome dessa natureza a um acidente geográfico. Outro fator que pode justificar a considerável produtividade de topônimos diminutivos nas três regiões é a proximidade sócio-linguístico-cultural existente entre as regiões em questão, haja vista que o Sudoeste de Goiás e a região do Bolsão foram colonizados praticamente por mineiros, cujo falar evidencia uma acentuada preferência pelo uso de palavras no diminutivo. Esse traço linguístico foi apontado como característica do falar mineiro, uma das áreas dialetais do português do Brasil, há muito apontada por Nascentes (1953). As pesquisas geolinguísticas realizadas no Estado de Minas Gerais têm confirmado essa tese, conforme afiança Zágari (1998).

Trata-se, pois, da manifestação da influência de fatores histórico-geográficos na língua, sistema de caráter emblemático que no seu léxico consubstancia aspectos da cultura, dos costumes, das angústias e das alegrias de um povo, aspectos esses evidenciados de forma muito particular na nomenclatura dos acidentes físicos e humanos, ou melhor, na toponímia.

Como já assinalado no decorrer deste trabalho, esta pesquisa configura-se como um primeiro estudo acerca da toponímia do Estado de Goiás e o produto aqui apresentado, além de fornecer um primeiro panorama da toponímia desse Estado do Brasil Central, avançou no sentido de oferecer uma contribuição às pesquisas toponímicas em termos de estudos contrastivos entre recortes toponímicos de áreas de fronteira. Investigações dessa natureza, a exemplo das pesquisas geolinguísticas, podem contribuir para a delimitação de “áreas toponímicas” com características distintas que, somadas, possam evidenciar matrizes toponímicas regionais.

Esperamos que o produto desta pesquisa, embora passível de limitações, possa somar com os estudos sobre a toponímia brasileira e, sobretudo, estimular novas investigações na área, em especial a continuidade das pesquisas toponímicas no Estado de Goiás que possam resultar no futuro Atlas Toponímico do Estado de Goiás (ATEGO), uma possível nova variante do Atlas Toponímico do Brasil (ATB).

REFERÊNCIAS

- ANA – Agência Nacional de Águas. *Bacia hidrográfica do rio Paranaíba*. Disponível em: <http://www.paranaiba.cbh.gov.br/site/mapas/BaciaRioParanaiba_RegioesHidrograficas.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2008.
- ANDRADA, Hildeu. *Itarumã: Fragmentos de História*. Goiânia: Ed. KELPS, 1998.
- ARBEX Júnior, José; OLIC, Nelso Basic. *Rumo ao Centro-Oeste: o Brasil em regiões*. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. *Geografia contemporânea*. Goiânia: Editora Vieira, 2003.
- ATAÍDES, Jézus Marco de. A Chegada do Colonizador e os Kaiapó do Sul. In: MOURA, Marlene Castro Ossani de (coord.) *Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural*. Goiânia: Editora da UCG/Ed. Vieira/Ed. Kelps, 2006, p. 51-88.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Dialetoлогия e Toponímia. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.
- AULETE, Caldas. *Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital Ltda, 2006.
- BACKHEUSER, Everardo. Toponímia. Suas regras, sua evolução. In: *Revista geográfica*. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História. v. IX, X. n. 25, 1940 a 1950, p. 163-195.
- BEARZOTI FILHO, Paulo. *Formação lingüística do Brasil*. Curitiba: Nova Didática, 2002.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri, (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.
- _____. Dimensões da Palavra. In: *Revista Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo: USP, 1998. p. 81-118.

CARDOSO, José Antônio. *A água “santa” dos goianos*. Disponível em: - <http://www.revistacidades.com.br/site.do?idArtigoRevista=200->. Acesso em 10 de junho de 2008.

CASAL, Manuel Aires de. *Corografia brasílica*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

CASADO VELARDE, Manuel. *Lenguaje y Cultura. La etnolingüística*. Editorial Síntesis, Madrid, 1988.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. *Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-Mato-Grossense*. (Dissertação de Mestrado) Campo Grande: UFMS, 2008.

CHASTAN, Lita; FARIA, José; NASCIMENTO, Elvis. *Goiás – Extremo Sudoeste – III: os precursores e o cerrado, no limiar do III milênio*. Goiânia: Gráfica O Popular, 2001.

COUTINHO, Pedro dos Reis. Nomes antigos do Triângulo Mineiro. In: *Arquivo Público de Uberaba*. Disponível em: www.arquivopublicouberaba.com.br/uberaba_185.htm. Acesso em: 11 de julho de 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense*. (Dissertação de Mestrado) Três Lagoas: UFMS, 2003.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux. Origine et évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Tradição e Modernidade na Toponímia. *Arquivo Boletim Histórico e Informativo Arquivo do Estado*, São Paulo, p. 99-102, 1986.

_____. A Litotoponímia no Brasil. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiro*. São Paulo: editora da USP n. 26, 1986, p. 65-72.

_____. Atlas toponímico: um estudo de caso. In: *Acta Semiotica et Linguística. SBPL*. São Paulo: Plêiade, v. 6, 1996a, p. 27-44.

_____. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. In: *Actas Del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología e la América Latina*. Tomo III. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Las Palmas de GRan Canaria, Libreria Nogal, 1996b, p. 2389-2396.

_____. Método e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: A toponímia do estado de São Paulo. In: *Investigações. Lingüística e Teoria Literária*. São Paulo: editora da USP, v. 9, 1999, p. 119-148.

_____. O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas. (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). In: *Revista Brasileira de Lingüística*. São Paulo: editora Plêiade. v. 8 – n. 1, 1995, p. 59-68.

_____. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: editora da UFMS, 1998, p. 70-90.

_____. O sistema toponímico brasileiro. In: *Separata da Revista Língua e Literatura*. São Paulo: ed. da USP, n. 5, 1976, p. 311-320.

_____. A Investigação Lingüística na Onomástica Brasileira. *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main, Volume III, 2000, p.217-239.

_____. Rede de conhecimento e Campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na Onomástica Brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Volume II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 121-130.

_____. Toponímia africana no Brasil. In: *D. O. de Leitura*. São Paulo: USP, n. 4, 1985, p. 22-24.

_____. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. Toponímia e imigração no Brasil. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: editora da USP, n. 29, 1988, p.83-92.

_____. A Terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria, (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 459-471.

_____. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de Caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

_____. A toponímia como meio de investigação lingüística e antropocultural. In: ISQUERDO, Aparecida Negri, (Org.). *Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, p. 215-231.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: ed. da USP, 1965.

EDUFG – Associação dos docentes da UFG. *Sábados da Toponímia: história dos nomes de Goiânia e de Goiás*. Disponível em:

<http://www.adufg.org.br/notitias.php?idmateria=893&idkink=1&day=19&month=10&year=2006>. Acesso em 16 de junho de 2007.

EMILIO, Aline. Diminutivo X Grau normal: um fenômeno estilístico no enfoque da abordagem variacionista. In: *Revista da ABRALIN*, vol. II, nº 1, p. 9-49, julho de 2003. Disponível em: http://www.abralin.org/revista/RV2N1/artigo1/RV2N1_art1.pdf. Acesso em: 27 de junho de 2009.

FARIA, José. Água Fria do Rio Claro: a saga de um povo. In: CHASTAN, Lita. *Goiás – Extremo Sudoeste – III: os precursores e o cerrado, no limiar do III milênio*. Goiânia: Gráfica O Popular, 2001, p. 30-42.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Eletrônico versão 5.0 – o dicionário de língua portuguesa – Século XXI*, Curitiba: editora Positivo, 2004.

FERREIRA, M. Vicentina. *Goiás: nosso espaço, nossa gente: geografia e história*. São Paulo: FTD, 1997.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A Dialetolegia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. *O Nome e o Lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí*. (Dissertação Mestrado). Londrina: UEL, 1998.

Goiás – Hidrografia. Disponível em: -
http://www.ambientebrasil.com.br/images/estadual/goias/go_rios.gif-. Acesso em: 21 de julho de 2008.

GOIÁS. ESTADO DE GOIÁS: mesorregiões, microrregiões e principais cidades – 2000. Disponível em:<
<http://www.observatoriogeogoiias.com.br/observatoriogeogoiias/mapa.htm>>. Acesso em: 20 de julho de 2008.

GONSALVES, Doraci da Luz. *Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos*. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E DE ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em : março de 2007, outubro de 2008, janeiro e abril de 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A Toponímia como signo de representação de uma realidade. In: *Fronteiras – Revista de História (UFMS)*. Campo Grande: Editora UFMS, v. 1, n. 2, jul./dez. 1997, p. 27-46.

_____ *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. (Tese de Doutorado). Araraquara: UNESP, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEADRA, Maria Cândida. *História social e toponímia: um estudo na fronteira de Minas Gerais com Mato Grosso do Sul*. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/xiiienanpoll/inicial.asp>. Acesso em 30 de dezembro de 2008.

LIMA, Ivone Alves de; AQUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas Toponímico do Paraná: um estudo da taxionomia e da motivação. In: *XI Congresso Internacional de La asociación de Lingüística y Filología de La América Latina*. Gran Canaria: Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, 1996, p.2405-2411.

Mapas Topográficas do IBGE, escala 1:100.000: São Domingos, Cachoeira Alta, Caçu, Aporé e Foz do Rio Doce.

MARCHIONI, Sergio. E. *Barbado*. Disponível em: -

<http://www.pescacommosca.com.br/px03.htm>-. Acesso em: 24 de junho de 2008.

MEDRI, Ísis Meri; MOURÃO, Guilherme de Miranda; RODRIGUES, Flávio Henrique Guimarães. Ordem Xenarthra. In: REIS, Nelio R. *Mamíferos do Brasil*. Londrina: Nelio R. dos Reis, 2006, p. 80-91.

MOREIRA, Hélio Costa. *A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual de Londrina, 2006.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 319-358.

MULTIRIO. Empresa municipal de Multimeios LTDA. Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/as_moncoes.html>. Acesso em: 01 de agosto de 2008a.

_____. Bandeiras de apresamento. Empresa municipal de Multimeios LTDA. Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: -www.multirio.rj.gov.br/.../imagem5-13.jpg-. Acesso em: 21 de julho de 2008b.

PALACIN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant´ana. *História de Goiás*. Editora UFG, 1989. Disponível em: <<http://www.rootsweb.ancestry.com/~brawgw/go/mapago.html>>. Acesso em 01 de agosto de 2008.

PARANAIGUARA. *Histórico de Paranaiguara – GO*. Disponível em: - <http://www.paranaiguara.go.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?iIdMun=100152175>. Acesso em: 14 de junho de 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall´igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La Toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Apendizes Artificies, 1928.

SAPIR, Edward. *A lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal sul-mato-grossense: a Toponímia dos acidentes físicos*. (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: UFMS, 2002.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do Atlas Toponímico do Brasil. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs). *Múltiplas Perspectivas em Lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 1950-1960.

SEPLAN. *Microrregião de Quirinópolis*. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/viewcad.asp?id_cad=5000&id_not=19>. Acesso em 17 de fevereiro de 2008.

SOUZA, Carla Regina. *Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna*. (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: UFMS, 2006.

SOUZA, Cibeli de; CARVALHO, Sílvia. *Paisagens e História de Goiás*. São Paulo: Harbra Ltda, 2002.

STEWART, George R. A classification of place names. In: *Names*. Beckerley. v. II. n. 1. Março, 1954, p. 01-13 (Tradução: Prof. Erasmo de Ameida Magalhães).

TAVARES, Marilze *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: UFMS, 2004.

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: UFMS, 2005.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*. Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TORRES, Gênesis. *Como Viviam*. Disponível em: - <http://www.ipahb.com.br/minogen.php>
-. Acesso em: 21 de julho de 2008.

TURUNEN, Virpi Johanna. *Diminutivo em português e em francês: um pouquinho é um petit peu*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_500.pdf. Acesso em: 27 de junho de 2009.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 1973.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos. Onomatologia*. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Orgs). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 1998.

ZAMBELLINI, Levy. *Bandeiras descobridoras e povoamento de Goiás*. CD: BV – Biblioteca Virtual, 2008.